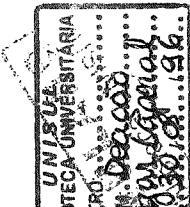


TUBARÃO 74
a catástrofe

TUBARÃO 74
a catástrofe

Pedro Alboeirice
1981



Reservados todos os direitos desta edição ao autor.
Copyright (C) 1981 by Pedro Albeirice da Rocha
Rua Ferreira Lima, 985 - Caixa Postal, 485
88700 - TUBARÃO - SANTA CATARINA

Impresso no Brasil - "Printed in Brazil"
- "Presita en Brazil"

Esta obra eu dedico às minhas três famílias:

A José Rocha, meu pai...

A você, mamãe Judith...:

... com o agradecimento do filho.

Aos manos Jonas, Antonio, Renato, Flávio, Marcos e
Oliveiro.

Às manas Marina, Marisa, Matilde, Maria, Vanda e à
pequena Judith.

ALBEIRICE, Pedro, 1960
Tubarão 74 - A Catástrofe: documentário, 1a. edição
Cão, Tubarão, estado de Santa Catarina, edição
do autor, 1981.

- Documentário brasileiro.

Aos meus queridos leitores, integrantes da minha
nova família.

Capa: Álvaro Figueiredo
Desenhos: Daniel Farias (Dany)
Caricatura do autor: Willy Zumblick
Fotos: Maxim (Mal. Deodoro, 103 - Tubarão-SC)

FOTOLITO E IMPRESSÃO



Quem é Pedro Albeirice

PEDRO ALBEIRICE da Rocha é professor e escritor. É um dos responsáveis pela cadeira de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira no 2º Grau da Escola Técnica de Comércio de Tubarão e responsável por uma das classes de Recuperação do Colégio Normal Senador Francisco Benjamin Gallotti, estabelecimentos onde já teve oportunidade de demonstrar sua grande preocupação em bem conduzir seu desempenho na função de educador.

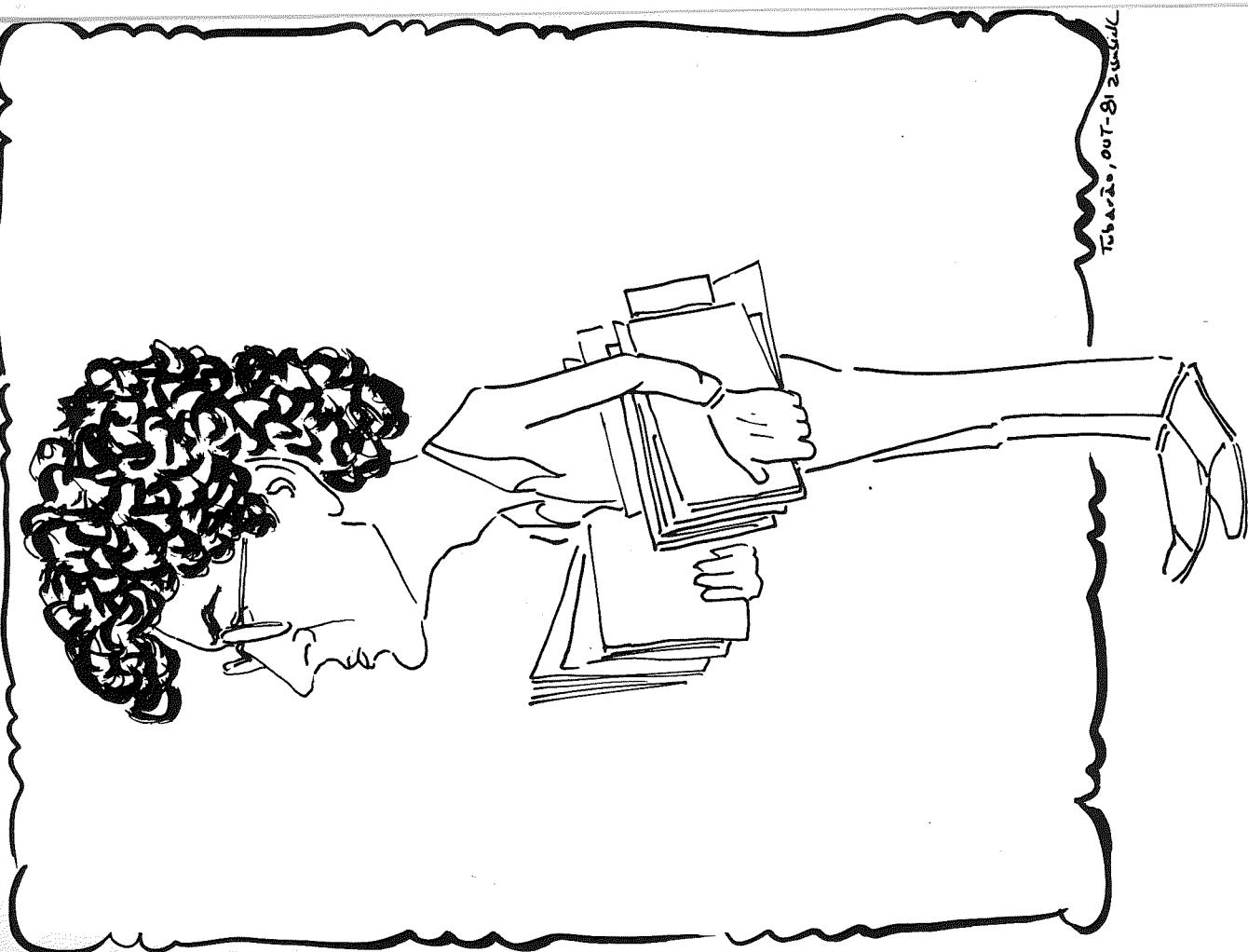
Atualmente leciona também no Colégio Padrão de Criciúma para o pré-vestibular e para o Técnico de Contabilidade, Língua Inglesa e Língua Portuguesa e Literatura Brasileira.

Nasceu a 13 de Janeiro de 1960 em Volta Redonda, estado do Rio de Janeiro, em uma humilde meia-água do bairro São Geraldo. Seus pais são oriundos do estado de Minas Gerais, onde se dedicavam, na juventude, à agricultura e pecuária.

Teve infância pobre, mas nunca lhe faltou o incentivo da família para estudar. Concluiu o primeiro grau no Colégio Municipal Getúlio Vargas e, afim mesmo, três anos depois, concluiu o curso Técnico de Contabilidade.

Mas suas maiores vocações estavam ligadas às letras e à educação. Desde cedo escrevia histórias e poemas. Também gostava de ensinar às crianças, o que demonstra ter desenvolvido desde cedo a vocação para o magistério.

Pedro Albeirice sempre se mostrou idealista e se acostumou desde cedo a ser um lutador pela concretização dos seus sonhos.



Sua vida estudantil foi brilhante, tendo recebido diversas premiações, dentre as quais um título de campeão de redação do estado do Rio de Janeiro, promovido pela Secretaria de Estado de Educação e Cultura, sob o tema "O que você diria a D. Pedro I, mais de cento e cinqüenta anos depois da proclamação da Independência do Brasil?" Foi, por dois mandatos, Diretor-Orador do Centro Cívico Escolar Osório Duque Estrada, onde encantava a professores e alunos com seus eloquentes discursos.

Fechou com chave de ouro o 2º Grau, recebendo no 3º Ano de Contabilidade o título de "Destacado 1977", Maior Média Global do Educandário. Em 1978 ingressou no curso de Letras - Português e Inglês - da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Barra Mansa, tendo sido por dois anos dedicado aluno.

Em 1980 transferiu-se para a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Valença, cidade climática e serrana a 65 km da "Cidade do Aço", onde concluiu o curso.

Pedro Albeirice havia visitado em 1978 a cidade de Tubarão com uma excursão da Banda da Fundação Educacional de Volta Redonda, cujo maestro

o tubaronense Nicollau Oliveira.

Tendo pela frente em Volta Redonda um campo de trabalho saturado na área educacional, passou a manter correspondência com o prof. Milton Kuntze, ex-diretor do Colégio Normal Senador Francisco Benjamim Gallotti, com quem havia se hospedado na excursão citada anteriormente.

O prof. Milton Kuntze, personalidade conhecida pela bondade e determinação em ajudar a quem precisa, dispôs-se a ajudar o jovem docente na sua transferência para a Cidade Azul.

Em um Encontro Educacional na capital, sugeriu o nome do prof. Albeirice ao dinâmico educador Maurício Pacheco, que se admirou do brilhante "curriculum vitae" do autor da presente obra, prontificando-se a contratar-lo. A Escola Técnica de Comércio de Tubarão é, portanto, o primeiro emprego na área de educação do prof. Pedro Albeirice.

Mas não parou aí a determinação do prof. Milton em auxiliar Albeirice nos seus primeiros passos na carreira. Dialogando com a profa. Maria Francesca das Neves Colonetti, Diretora Geral do Colégio Normal Senador Francisco Benjamim Gallotti, conseguiu também dela o apoio. Aquela mestra demonstrou assim ter um coração sensível para auxiliar aos novos.

E assim chegou a hora do jovem educador fazer a sua parte: provar que mereceu todo o apoio da gente tubaronense. Dedicadamente buscou conduzir bem seus estudantes dos dois educandários com amor e fé no futuro dos mesmos. E o fez com tanta garra, que seu nome chegou até a Capital do Carvão. Foi convidado a lecionar em Criciúma e o tem feito no Colégio Padreão com o mesmo entusiasmo e a mesma consciência profissional que o consagraram na Cidade Azul. Naquela cidade foi convidado pelo Engenheiro Cláudio M. Balsini, proprietário do Colégio Padreão.

A sua indicação foi feita pelo prof. Jaime Paladini membro da diretoria do Sindicato dos Trabalhadores nos Estabelecimentos de Ensino de Criciúma. O Diretor do Colégio Padreão, que aceitou bem o novo mestre, é o Prof. Ari Alano.

De personalidade aberta vive, o professor Albeirice em constantes relações de amizade com o alunado, pois conseguiu deixar claras as diferenças entre o trabalho profissional e a vida cotidiana fora das salas de aula.

Estas são algumas linhas sobre a vida do mais novo autor catarinense.

Querida Tubarão, eis aqui a homenagem do fundo do coração daquele que por ti foi recebido de braços abertos. Tu me embalas nos braços tal qual a um filho muito querido. Esta humilde obra é a minha sincera declaração de amor a ti e ao teu maravilhoso povo.

Algunhas Palavras

Teresa Alves

Quem vê a atual cidade de Tubarão, bela e majestosa às margens do manso rio, recusa-se a acreditar que foi ela palco de uma das maiores tragédias que o Brasil já conheceu.

Para o povo da Cidade Azul, esta obra será uma espécie de recapturação acrescida de outros fatos acontecidos com outras pessoas, fatos estes nunca revelados por um órgão de imprensa. Porém, para os que nada presenciaram, parecerá apenas mais uma estória para enredo de filme catástrofico.

Muitas famílias não querem nem mesmo recordear o que se passou naquele fatídico março de 1974. Por certo na ocasião perderam irmãos, mãe ou pai, filhos, parentes, amigos. Ou ainda bens de monta, gado, imóvel etc.

Porém, a História exige um documento. E, na opinião deste escritor, deverá ser um documento que inclua situações envolvendo afetivamente os tubaronenses. Não apenas o simples relato jornalístico, voltado mais à Estatística, mas o relato vivo de dramas vividos por seres humanos.

As letras deste livro deverão ser letras que sentem, sofram mágoas, letras que choram. A verdade acima de tudo!

Um agradecimento não pode ser esquecido. Fica o muito obrigado do autor de "Tubarão '74" a todos aqueles que direta ou indiretamente ajudaram no desenvolvimento desta obra literária. Injusto seria citar este ou aquele indivíduo, pois outros ficariam magoados por terem sido esquecidos.

Prefácio

Sem querer, escrevendo as palavras "os extremos de nossa vida nos levam a realizar o que nos parece impossível" (pg. 41) e fazendo menção à luta desesperada pela subsistência dos atletas uruguaios caídos nos Andes em 1972, o autor sugeriu-me as idéias deste prefácio.

Guillaumet, a quem Antonie de Saint-Exupéry dedicou "Terra dos Homens", ao meu ver sua melhor obra, também perdido nas gargantas dos Andes em 1929, após sete dias de caminhada sem destino, ao reencontrar os companheiros, balbuciou estas palavras: "O que eu fiz, palavra que nenhum bicho, só um homem, era capaz de fazer...".

A catástrofe de 1974 revelou em cada um e a cada um dos tubaronenses um pouco de força que permaneceria ainda oculta não fosse o golpe da desgraça.

Há momentos em nossa vida que, exatamente por serem rudes, nos fertilizam e arrancam de nós o herói adormecido.

O pão dividido ou até arrebatado nas longas filas da enchente pode ter alimentado bem mais o nosso espírito do que o nosso corpo, destruindo ilusões tolhas de grandezas tradicionalmente conservadas mas realmente inexistentes.

E quantas vezes ficamos sentados simplesmente porque não sabemos para onde andar ou correr.

As casas destruídas, as lojas aniquiladas, as fábricas sepultadas na lama e até os corpos inertes dos entes queridos arrastados pelas águas nos indicaram novos caminhos...
Para que o tempo não destruísse a memória aqui está o livro de Pedro Albeirice, forasteiro que veio acreditar e nos fazer acreditar na cidade nova, arrancada às águas e à lama, melhor porque mais solidária e mais fraterna.

Os gregos nos ensinaram a transformar tragédias em epopéias. As epopéias são convites às sociedades para a vida.

Passados quase oito anos desde a tragédia, sanadas as feridas físicas e psicológicas da hecatombe, a tragédia vai se transformando aos poucos em epopéia, numa epopéia diferente porque nela o grande herói foi o povo, simples e anônimo mas forte e capaz de sobreviver a qualquer desgraça.

Há semanas chovia em toda a região de Tubarão. Por isto, o rio que corta a cidade enchia-se parar.

Enchentes, porém, não eram novidades para a população da Cidade Azul. Nas últimas três décadas elas foram bastante frequentes e, tendo em vista a uniformidade das precipitações pluviométricas na área, elas ocorrem em qualquer época do ano.

No início da década de 70 mesmo, os meses de dezembro de 72 e julho de 73 marcaram duas consideráveis ocasiões de cheias do rio Tubarão.

Presos por certo a estes fatos, os habitantes da Cidade Azul não estavam de todo alarmados. Quem poderia imaginar que a cidade seria palco da grande catástrofe de 1974?

Acontece que uma série de fatores influía para que o inesquecível desastre ocorresse. As cidades se fizeram presentes de forma a impressionar a todos. Senão vejamos:

- Caída baixa de nível do rio Tubarão após a cidade até o mar.

- O rio é bastante serpenteado na zona baxa da Madre, prejudicando a vazão das águas.

- A barra do Camacho estava totalmente fechada.

- O vento leste estava repressando as águas do rio.

- O desmatamento indiscriminado na cabeceira do rio Tubarão anulou as condições de contenção das águas.

E, como se não bastasse, já com as zonas baixas alagadas, violenta tromba d'água caiu em Lauro Müller, região serrana.

E as águas fizeram com que o rio Tubarão transborrasse.

Névio Capeler

Sexta-feira, vinte e dois de março de 1974.

Numa casa em Oficinas, tradicional bairro ferroviário da Cidade Azul, uma guria dizia à mãe:

- Venha ver, mãe! Que gostoso! Chuva de fim de verão!

Ao que a mãe respondeu relembrando a voz da cantora Ellis Regina:

- "São as águas de março fechando o verão..."

E aquela estudante começou a pensar no delicioso verão "barriga-verde" que chegava ao fim. Osmo o nível está alto!

Interessante é que em Garopaba, na casa de praia, sentia falta dos encantos da Cidade Azul. Em Tubarão, voltava-lhe a saudade do mar.

Voltou a atenção para além da vidraça. A chuva caía sem parar. Foi então que se lembrou da bona da bona da história da Cidade Azul.

- Mãe, a Kity! - gritou a guria.

Ficara a bonequinha no temporal, dentro da casinha de palitos de picolé que o mano fizera.

- Não vás sair na chuva, pois já estás resfriada!

- Mas a Kity ficou no quintal, mãe!

Teimosa, nossa tubaronense se dirigiu ao quintal, recebendo fortes pingos de chuva.

Que tristeza! A casinha deixada em um ponto baixo do quintal havia sido inundada. Estavam mais baixos que a Kity.

A guria resgatou, então, a bonequinha.

Algozada, a bonequinha estava estampado no seu rosto.

- Não me olhe assim, Kity... nunca mais vai agruras daquele amargo março de 1974.

Ter enchente, a mamãe não deixa...

- Já chegasste, filho? Não houve aula?

- Mae, escute! Não é só aqui no bairro que está faltando luz. O problema é geral. O diretor fortemos dispensou.

- Na cidade não tem luz?

- Não. E a chuva não pára. Não tem ali, mãe, na ponte da Rua da Catedral?

- Nereu Ramos!

- Pois é! Não tem ali? Estive observando. Co

dias tórridos na sua querida Garopaba, junto aos familiares vieram à lembrança.

Oração. Até aqui a preocupação ainda era relativa. O pior niguém esperava. O desfecho da série de coincidências citadas anteriormente é que foi realmente o ponto trágico que tingiu de sangue esta página.

De fato, filho, começarmos então a fazer

As chuvas de sexta-feira à noite foram violentas. O rio subia cada vez mais e a população estava ressabiada. Os agricultores que tanto pediram água a Deus já oravam para que a chuva parasse. Tanta água invadindo os prados.

Como consequência das águas de sexta-feira, mudanças começaram a ser organizadas às pressas em canoas. As ruas estavam alagadas e a água subia no interior das residências.

Era a antecâmara da tragédia. A sofrida aglomeratação urbana da Comasa já estava sentindo as metades do dia, recomeçou sem violência. Muitos turistas tomaram de seus automóveis e foram visitar o bairro da Comasa. Canoas transportavam mui-

los para a antecâmara da tragedia.

Quem dormia totalmente tranqüilo na Cidade Azul?

Acredito sinceramente que poucos. A perspectiva de o rio invadir a cidade era um negro espectro. Mas na mente de ninguém se criava a imagem fatídica real da iminente tragédia.

A chuva parou no sábado, pela manhã. Após a metade do dia, recomeçou sem violência. Muitos turistas tomaram de seus automóveis e foram visitar o bairro da Comasa. Canoas transportavam mui-

danças, o que anunciaava estar o bairro em verdade já. Porém, as crianças ficaram com medo de se des-
tra calamidade.

O povo de Tubarão não sabia o que o esperava na noite deste sábado. A chuva que recomeçava aquela tarde sabática não era forte, mas era insistente. À noitinha, pouco, mas muito pouco mesmo, faltava para que o velho Tubarão começasse a invadir as artérias laterais.

Fim de tarde e uma variedade total de seres humanos admirava o desfile de galhos e outros objetos na forte correnteza. E o rio subia... .

Por volta das nove da noite, o rio transbordou. Isto foi registrado nas imediações da ponte pensil e do antigo Banco do Brasil, exatamente onde hoje se encontra o Banco do Estado de Santa Catarina.

A chuva continuava e a água foi se espalhando pelas transversais da rua Marechal Deodoro. O susto foi geral no bairro de Oficinas. As ruas foram tomadas pelas águas.

De diversas regiões mais baixas chegavam à Rádio Tubá pessoas fugindo das águas que tomavam suas habitações.

Porém, note bem o leitor, ainda não é a tragedia. Até aqui tratava-se de uma enchente rara, dentro dos parâmetros normais. O pior estava acontecer.

Vale a pena lembrar que o vento leste e a barra do Camacho fechada ajudavam a manter sem escoamento as águas do Tubarão.

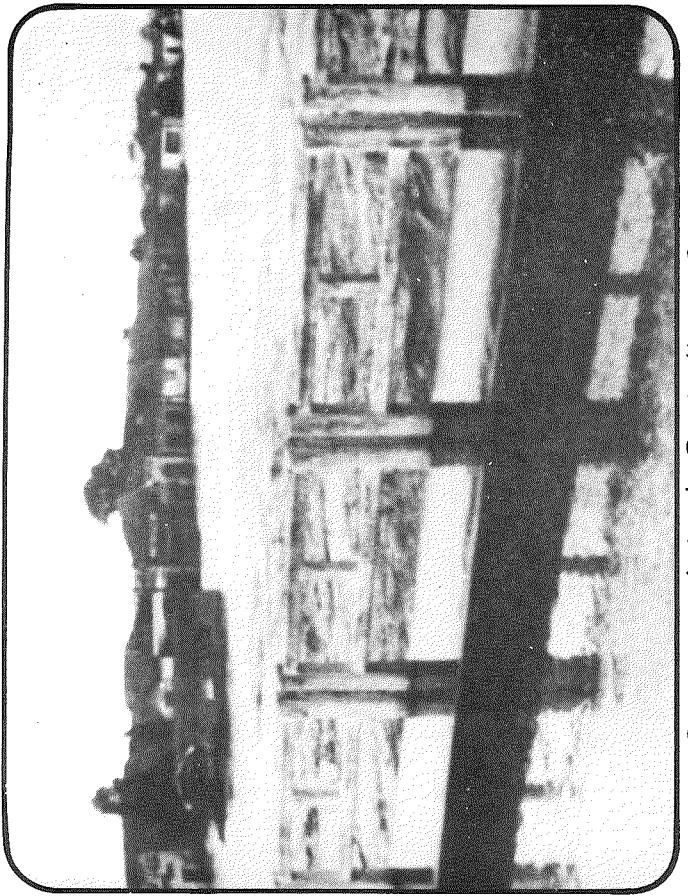
A esta altura a Rádio Tubá começou a emitir mensagens à população da alarmada Cidade Azul.

As ondas sonoras levavam aos tubaronenses apelos veementes no sentido de enviar àquela emissora radiofônica roupas, agasalhos e principalmem-

te alimentos.

O apelo daquela honrada emissora ia mais além: quem quisesse levar para casa uma criança flanada, a fim de cuidar dela e de a alimentar - descomasa é um bairro já citado nesta obra. Para os que não conhecem Tubarão, vale explicar que a conhecida Madre é um bairro distante cerca de treze quilômetros do centro.

A Madre e a Comassa estavam se esvaziando. A Comassa é um bairro já citado nesta obra. Para os que não conhecem Tubarão, vale explicar que a co-



Panorama visto da Ponte Nereu Ramos.

Os dois bairros iam, aos poucos, ficando seus moradores, pois a situação já estava crítica. Em Oficinas as águas do transbordado Tuba-

Em Oficinas das águas do Transportado Iwá-
rão já haviam invadido casas.
Raiaria o sol na manhã de domingo. Pode-se
afirmar com certeza que a população tubaronense vi-
lumbrou um mormaço no chamado primeiro dia da sema-
na. O rio baixou um pouquinho de nível. Muitos mor-
adores de Oficinas e outros ressabiodos de outros
bairros que preparavam forçada mudança se renova-
ram de esperanças e desistiram da empresa.
Parecia chegar ao fim o pesadelo da
inundação.

Em algumas ruas totalmente alagadas no dia anterior, já se podia rever os paralelepípedos ao centro.

Nos jardins das casas reapareceram os vizinhos curiosos, comentando sobre as chuvas intermitentes. Inúmeros fiéis foram à Missa.

O transito era difícil, logico. Mas o inabalável ânimo do brasileiro não parece no sul do país. Era arrumar os estragos, que pior teria passado, na imaginação deles.

Na obstante a estiagem do domingo, muitos preparam ainda suas mudanças e transportavam suas famílias para as casas de parentes que residiam em lugares mais altos.

Gargalhadas soavam:

- Compadre, deixa de ser tolo. A troco de quê tu vais largar a casa, ainda carregando trouxas? Tu, só mesmo dando com gato morto até ele miar! - Espera aí para veres! Fia-se mesmo a es-

- Andas vendo muito é televisão. Ou quem saíbe compraste cadeira cativa no Cine São José e não mais perdes um filme! E muita ficção para tua men-

baiando. Estamos em estiagem. Mas e se recomeçam as chuvas, e mais fortes?

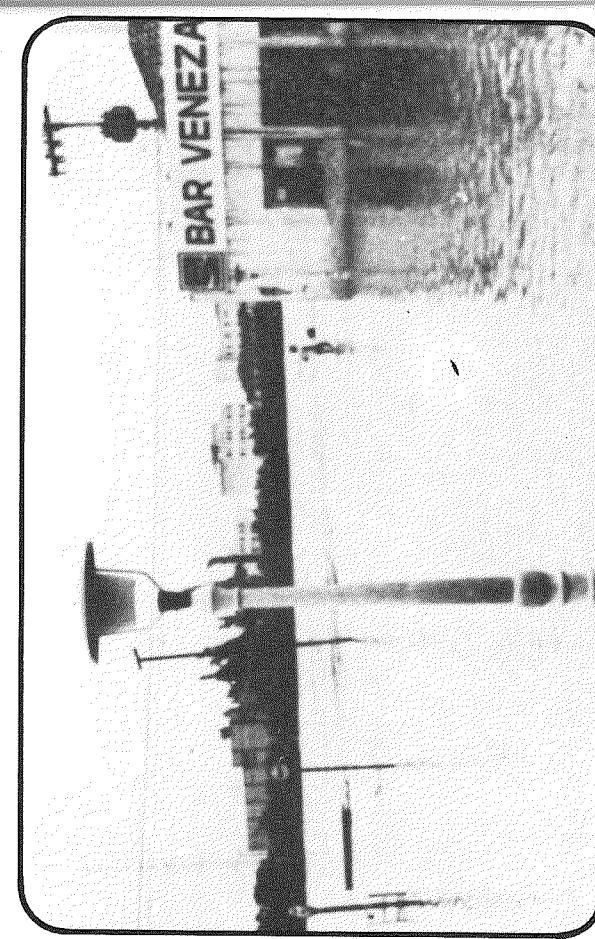
- ra Congonhas na manhã do domingo:

- Somente Sairei da Minha Casa quando a
água estiver aquém do portão por mais da metade do
quintal.

Este senhor accordou de madrugada para verificá-lo até que ponto do quintal a águia havia vencido.

do. Ao colocar os pés no chão, na escuridão total sentiu seus pés se congelarem e entendeu a triste realidade. Até mais da metade da canela a água tomava. E a fuga aconteceu rápida.

Nesta madrugada dormiam também em sua residência outros dois jovens, vendedores de literatura adventista. Pela rua se foram de mãos dadas, nua corrente, entoando hinos ao Senhor, pois que a água estava acima da cintura e com fortíssimo, violentíssimo impeto. E assim se dirigiram até a Igreja Adventista do Sétimo Dia, que fica na rua Luiz Martins Collaço, onde se encontravam já outras dezenas de desabrigados.



O rio é a margem esquerda (Dehon), vistos da atual Rodoviária. O nome do bar, Venezia, é uma ironia.

Mas, para chegar a tal ponto, o que aconteceria afinal? Não cessara a chuva no dia anterior, conforme este autor escreveu? Como, da noite para a madrugada de domingo para segunda-feira um tanto longe do rio, como a região do CIP havia alagado?

Tanto é simples quanto trágico, caro leitor. Nas primeiras horas da madrugada, devastadora

tromba d'água caiu na região serrana da cidade Lauro Müller, onde está a cabeceira do rio Tubarão. Mas quando diogo devastadora estou me despindo de qualquer intenção sensacionalista. De Lauro Müller até o mar, a nada respeitava a fúria das águas. O rio transbordou rapidamente. Já não tinha mais leito certo. Inicialmente engoliu as casas ribeirinhas com violência invulgar. E foi dominando. beirinhos da madrugada, a todos traiu. E a maioria não pôde fugir. A água invadia casas e jogava sobre a cidade todas sorte de animais mortos, árvores, casas, tudo que vinha encontrando em sua assassinaria trajetória.

E foi tudo em questão de minutos. Todos acor davam com as camas boiando e a água não parava de subir. Como escapar? Nadando?

- Socorro! Valham-me!

Abriam-se janelas. Gritos desesperados. O que fazer? Não havia mais tempo. E a água avançando, avançando, devastadora, indiferente aos gritos de socorro da pobre gente implorando ajuda. Quantos não devem ter chorado de pavor? A morte próxima zombando do instinto de sobrevivência daqueles que subiam aos forros e aos telhados de suas casas, na esperança de que a água não os atingisse.

Próximos ao rio, os habitantes tendiam a recer. Mas a situação não era diferente cidade adentro. As ruas do centro logo se encheram d'água. A Catedral começou a receber pessoas semi-nuas, em trajes de dormir, molhadas e apavoradas, fugidas das águas que lhes roubaram o sono e os bens. E graças a Deus estavam ali, pois o restante da cidade aguardava socorro e fuga, quando possível. A madrugada seguia e uma cidade se tornava cenário de desespero. Gritos implorando socorro vinham de todas as direções da mesma. A correnteza das águas nas ruas não permitia que o povo fizesse se outra coisa senão subir nos telhados e gritar, gritar, gritar, gritar, implorar por socorro. Mas ele não vinha. O pânico tomava conta das criaturas.

E os parentes? - Pensavam os que em lugar seguro estavam. - E os amigos?

- Meu namorado!

- Ai, será que os primos escaparam?

- Meu marido, teimoso, ficou em casa. Cismon, que não iria piorar!

Choro, desespero, pessoas nervosas passando mal. Pessoas normais nervosas. Apreensão total. O choro das crianças e das mulheres confundia-se com as orações.

Muitos voluntários auxiliavam o já mobilizado Corpo de Bombeiros. A capital do Estado tomava providências urgentes. Edições extraordinárias soavam nas residências das cidades circunvizinhas não atingidas pela desastrosa catástrofe. O Brasil inteiro, incrédulo, tomava conhecimento da angústia tubaronense.

Os tempos de Nôe pareciam ter voltado na Cidade Azul. Em questão de horas a calamidade se manifestaria totalmente.

- Um novo dilúvio!

No brado do tubaronense se descarregava todo o desespero trazido pela tétrica situação, antes nunca vista nestas plagas.

Não houve quem não tivesse sido tomado de surpresa com a tromba d'água. Quem morava no Morro da Caixa d'água ou Catedral apenas observava a água tomar conta da baixa Tubarão como que jorrada de uma torneira para uma bacia gigante.

Horas amargas passava o povo! Nada de luz elétrica, comunicações cortadas. Nem mesmo a Rádio Tubá, última a calar-se, noticiava o desastre para o resto do Brasil. Seus transmissores foram alagados.

Tudo interrompido. Parentes de outras cidades, em desespero e com baldados esforços tentavam se comunicar com Tubarão. Impossível. Na BR-101, a conhecida "Federal", barreiras caíram, isto enquanto foi possível no dia anterior, morte com as caídas de terra.

Imagine o leitor se morasse distante de Tubarão e aqui tivesse seus parentes. A televisão, os jornais, tudo anunciando que Tubarão estava embalado d'água. Não, Você não resistiria ao nervosismo, ao choro, às orações. E quando findasse a tragé-

dia? Você encontraria vivos seus ente-queridos? - Drama similar passavam os habitantes da Cidade Azul. Os parentes que moravam em outros bairros estariam vivos a esta altura? Vale frisar que Tubarão era um rio só. Os morros eram ilhas em meio ao mar de lama.

Há o caso de um senhor solteirão que morava com os pais, já velhinhos. A água invadiu a casa. O filho subiu em uma árvore, convidando também aos velhinhos.

- Não, filho, não vai encher tanto. Sempre exagerado! Nós ficaremos aqui mesmo. Subiremos nessa mesa aqui, que não tem perigo. Sobre a tal mesa o filho deixou os dois velhinhos. Junto a eles havia uma lata de leite, tipo leite Ninho com dinheiro e documentos. E saiu, com água nos joelhos, para arranjar uma árvore a fim de nela subir e assegurar-se.

Após a angústia, que parecia eterna, terminou o filho voltou à casa. E... infelizmente nada mais encontrou.

Somente dias depois é que a emissora de rádio anunciou ter sido encontrada uma lata de leite com documentos. O dinheiro, não mais. O filho perdera os queridos velhos.

No decorrer desta obra, diversos casos serão narrados. Para quem jamais passou semelhantes momentos é realmente difícil imaginar a situação por que passou o tubaronense na ocasião.

Com imensa dificuldade, as pessoas procuravam lugares para se abrigarem em segurança. Imaginem-se homens, mulheres, crianças ao colo, todos andando com dificuldade, com água pelas canelas, pela cintura, pelo pescoço. E correnteza forte. Não era nenhum piscina de clube recreativo.

Determinado indivíduo pisou numa porta de vidro oriunda de alguma casa destruída pelas águas. Os cacos de vidro entraram-lhe pelo pé, embaixo d'água. Quando ele, chorando de dor, chegou a um lugar seguro e contempleu o pé envolto em lama e sangue. Mas, o jeito era acalmar-se.

Os cacos de vidro expuseram a morte com a um luto. Imagine o leitor se morasse distante de Tubarão e aqui tivesse seus parentes. A televisão, os jornais, tudo anunciando que Tubarão estava embalado d'água. Não, desesperou-se. Mas, o jeito era pois durante muitas horas teria de passar sem nenhum medicamento na ferida, uma vez que recursos não havia naqueles terríveis momentos. Imaginem a

dor do coitado.

O desespero era geral naquela apocalíptica segunda-feira. Pessoas entravam em pânico e seguiam desesperadas. Na Rádio Tubá havia gente doente gemendo e até gritando. Até mesmo mortos lá haviam de via.

Helicópteros foram enviados para o resgate das vítimas. E todos iam para a frente da catedral onde havia sido improvisado um heliporto. Lágrimas de alegria ao reencontrar um parente. Gritos de desespero ao identificar a mãe morta... o pai morto... um filho morto. Contraste: alegría de uns; desespero de outros.

Os que, por ignorância, recusaram-se a abandona suas casas, duvidando que as águas em seu peto furioso as consumissem, pereceram afogados, lutando desesperadamente pela vida. Alguns, é verdade, os helicópteros resgataram nos telhados das casas que não sucumbiram.

A Catedral já se encontrava repleta de homens, mulheres e crianças, todos maltrapilhos, molhados, morrendo de frio. A fome também completava lho?

- Um pesadelo! Só pode ser um pesadelo! - teimava uma senhora.

Mas, qual! Podiam beliscar-se à vontade! De sonho se acorda, mas da dura realidade, não.

O Prefeito do Município de então, Dr. Irmoto Feuerschuette, decretou oficialmente "Estado de Calamidade Pública".

O Brasil então começou a se movimentar, monopolizando sua atenção para a zona carbonífera de Santa Catarina, o rico sul "barriga-verde". Alimentos, donativos, roupas de toda a espécie, agasalhos começaram a ser enviados para a "Cidade Azul". O Exército se encarregou de fazer a distribuição.

Tubarão, famosa por ser terra acolhedora, que recebe o visitante de braços abertos, era um mar violento de lama que a tudo arrebatava. Todos viam, pelas ruas alagadas o desfile de fogões, botijões de gás, brinquedos, móveis, cães mortos, porcos e até mesmo casinholas de madeira, utilizadas como sanitário.

- A mais triste recordação que eu tenho -

chofa, afirma um entrevistado - é ter visto uma coitadinha, grunhindo desesperadamente correr

tezinha, abaixado, lutando contra a morte.

O lado sensível de cada personalidade se

mostrou vivo durante a inundação.

Uma porquinha

sensibilizou a este cidadão.

A suinocultura é tam-

bém praticada na região sul de Santa Catarina,

o que justifica carinho extremo como o do cidadão em foco.

Os socorros eram prestados a cada minuto. Helicópteros a cada minuto eram vistos sobrevoando o grande alagado que se chamava Tubarão.

De repente... tensão na Catedral!

Não!

Um helicóptero estava... caindo.

Que pavor!

Correria geral aos destroços do aparelho!

Felizmente nada sofreu o piloto. Mas o helicóptero ficou inutilizável.

Uma pessoa nervosa entra em crise aqui.

Uma menina grita ali.

O quadro é desolador.

Mães chorando de angústia. O que dar ao fi-

necrotério.

Poucos médicos se encontravam na cidade, de

pôde. Não só médicos. Pelo

instinto de sobrevivência, quem encontrou condi-

ções, fugiu ante a espectral catástrofe.

"Tubarão não existe mais".

Com esta frase o

"Tubarão não existe mais".

Dr. Paulo Osny May, vice-prefeito na época - e

atual Prefeito - definiu a situação de Tubarão.

Não apenas na Catedral se aglomeraram fla-

gelados. Em diversas escolas e igrejas - de diver-

sas religiões - além de casas de particulares, a so-

lidariedade humana se fazia presente.

E nunca

tão irmão,

botão cristão.

O pão era

partido sem brigas.

Só mes-

mos

daqueles

pécies,

classes,

cores e

credos

pelo amor e solidariedade.

riedade.

O mesmo ideal e o mesmo desespero unia a tantida pelas irmãs sacramentinas e que fica na dos. Juntos oravam ricos e pobres na dolorida triste escuridão daquela inesquecível noite.

Criadas com suas pessoas nervosas prejdicavam, pois amedrontadas as crianças deixavam apreensivas e amedrontadas as crianças. Como ficaram impressionados os inocentes!

Informações deram conta na imprensa de que o rio Tubarão subiu cerca de doze metros acima seu nível normal.

A angústia do dia 24 e dos seguintes é catriz visível no coração do tubaronense. Por isso, contamos situações acontecidas com diversos entrevistados. Esta obra é a viva voz do povo, narrando às gerações futuras e aos de outras cidades correnteza lá fora. Tristes cenas: corpos passando que aqui se passou. Por isto, seguimos mostrando, galhos, botijões de gás.

O Supermercado Angeloni da margem direita conhecido como Angeloni Velho - foi invadido por populares que buscavam alimentos para suas famílias. Não faltou quem se aproveitasse, naturalmente da situação para abusar. Os carrinhos de compras foram roubados também.

A rua Coronel Cabral, que há pouco havia recebido lajotas, ficou bastante destruída. Seus moradores foram transportados e o pânico era geral.

A rua Germano Siebert foi uma das primeiras a ficar alagada e toda a vizinhança gritava por socorro. Ninguém conseguia ajuda e o pânico era patente em cada rosto.

Finalmente conseguiu-se uma ambulância que levou parte dos desesperados para uma casa no Monte Castelo, onde várias outras pessoas já se encontravam.

Dentre as histórias realmente fantásticas temos a seguinte, contada por uma moradora do Passo do Gado, bucolico e agradável recanto da Cidade Azul, digno mesmo de ser conhecido.

Percebendo que ficando em casa todos iriam morrer, devido ao nível dos terrenos, correram para os parentes, perto do Lar da Menina, entidade

a tanta ida pelas irmãs sacramentinas e que fica na rua Santos Dumont.

Ao chegar à casa dos parentes, enfrentando a correnteza, verificaram que a mesma se encontrava vazia. Ah, que desespero! Afinal, se os parentes se deslocaram seria porque as perspectivas estavam negras mesmo ali.

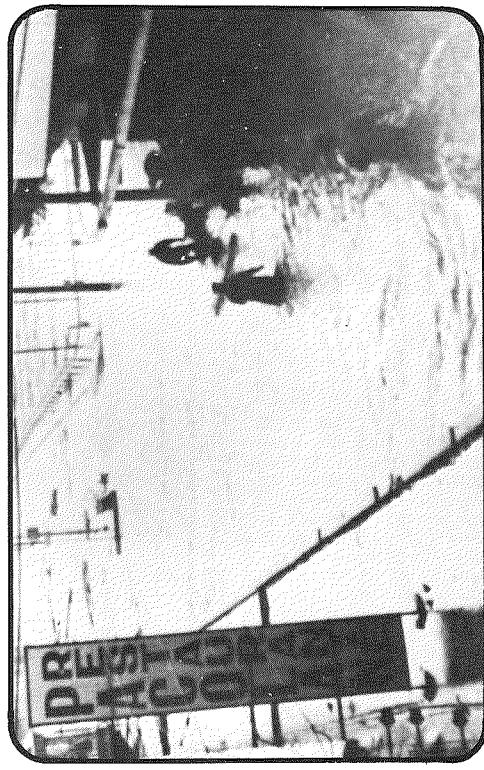
A família não podia mais dali sair, porque o nível da água lhes chegava quase à cintura. Que fazer? Subiram ao guarda-roupa e ali passaram os dois piores - querer crer que sim - dias de suas vidas. Isto tudo após conseguirem arrombar a porta da casa, o que já havia sido um custo. De cima do guarda-roupa era possível ver a cidade correnteza lá fora. Tristes cenas: corpos passando de leite em pó encontrada na residência. A fome e a sede só foram saciadas quando as águas baixaram a sede e os parentes os conduziram a lugar seguro.

Situação fora dos níveis de credibilidade. Conta a senhora que a salvacão foi uma lata de leite em pó encontrada na residência. A fome e

o desespero os levaram a tentar a sorte.

No bairro Passagem, pessoas ficaram no forro de uma casa, aguardando salvamento. Tal fato não incomum em outros pontos da cidade nada azul.

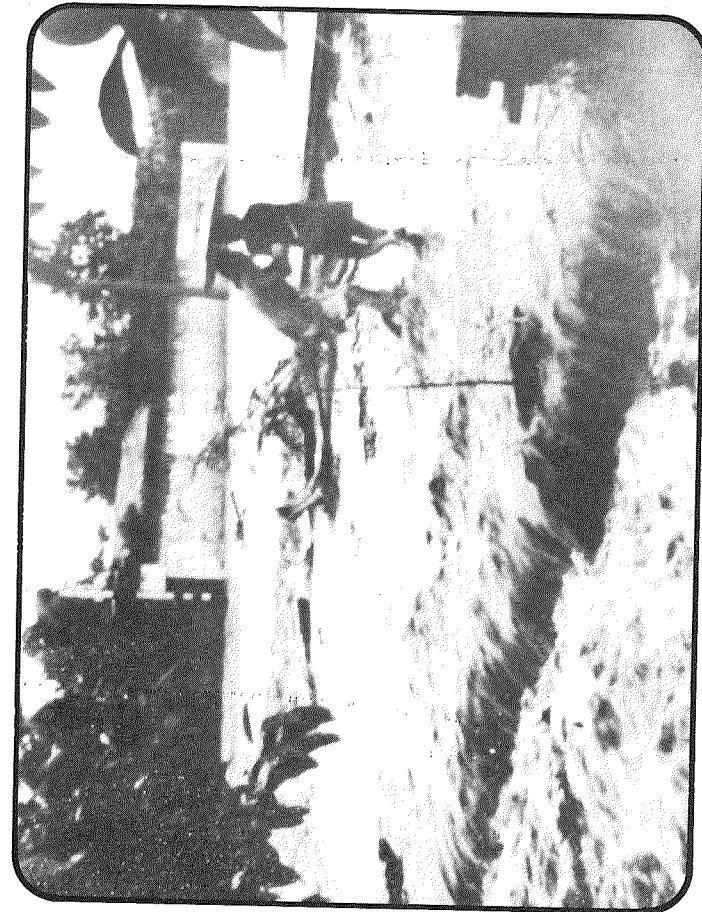
Há nesta tão querida Tubarão crianças traumatizadas. Em 1974 não podiam entender o que se



Rua Cel. Colaço e ponte Nereu Ramos quando o rio começou a baixar.

passava. Porém, mais angustiante é o trauma das crianças que assistiram a morte da própria mãe. Só bem lá o que é ver, junto o pai, a mãe ser trágica pelas atrozes e devoradora correnteza e... nunca mais voltaria? Pois, este drama é verídico.

Guris e gurias que hoje estão vivendo seu doze anos recordam a correria, o choro pais, a fome, os helicópteros... E provável que adolescentes sintam medo de helicópteros. Lógico! Tanto desespero e os aparelhos sobrevoando a cidade a todo momento. Foi realmente traumatizante.



Na fuga, o medo de não conseguir salvação.

E a tragédia seguiu naquele dia fatídico. Caiu a noite de segunda para terça-feira. Os sapos coaxavam sem parar. Nas casas altas, vinte, trinta, quarenta, cem pessoas se aglomeravam juntas a fome e o desespero. Dormiam todos às vezes acocorados. A falta de banho desagradava a todos. A precariedade, e às vezes, inexistência de sanitários provocava desagradáveis situações. Pessoas acordavam com pesadelos terríveis.

Todos dividiam o que tinham com quem tinha menos. Nunca na Cidade Azul ficou tão patente a solidariedade humana. Lá fora caía a chuva copiosa. Pela correnteza nas ruas passava gado morto, passavam botijões de gás, tudo arrebatado pela ferocidade das águas de março de 1974. Os sapos coaxavam desesperadamente. Confundiam-se os gritos de pessoas no auge da agonia perante o coaxar dos batrâquios. Oh, horrenda orquestra!

As crianças choravam sem parar:

- Mãe! Ô, mãe! Quero papá... Mäiii! A bariga tá doendo!

Aqui, um gurizinho tossiu sem parar. Ali, um menino pede água.

- Será que tem fim este martírio? Os mantimentos que na fuga os flagelados haviam levado, já tinham escasseado. E agora? O jeito era conviver com a fome e com a angústia de pessoas que desesperadamente pergutavam a Deus porque morreu o marido, por que morreu o filhinho... Sim, porque nem todos escaparam?

Quantos ali haviam fugido às pressas contra a vontade de irmãos, esposo, esposa, resolvidos a suportar em casa a enchente, não acreditando que tanto subissem as águas? E agora? Estariam mortos os queridos a esta altura? Que agonia!!! Nenhuma notícia, sem rádio, sem ninguém passando na rua... Cada um isolado no seu mundo!

Em muitas destas aglomerações humanas ninguém dizia nada. Cada um ruminava sozinho sua desgraça. As crises de histeria aqui e acolá se faziam presentes.

O desespero maltrata mesmo as pessoas.

Nos rostos pálidos e desanimados de quem perdera tudo só se lia angústia. Houve quem fizesse menção de pular na correnteza. Ao que acudiam outros:

- Não, desgraçado! Agüentaste até aqui, agora suporta até o fim.

Os mais animados proferiam palavras de consolo. Aqui ou ali um evangélico abria as Santas Escrituras e explicava a importância da perseverança.

Que triste nascodouro! Uma mulher dava agorá à luz. Nenhum médico!

- Ai, gente que dor! Ai, não deixem morrer o meu filhinho!

Recorda-me que o nome bíblico Moisés significa "tirado das águas". Ali nascia outro Moisés.

E nem todos se preocupavam mais com a vida e a sobrevivência:

- Meu dinheiro, meu rico dinheirinho... guardado com tanto carinho! Nem deu tempo de pegar... Se cada um tivesse a mesma tristeza com relação à perda de bens, pobre Tubarão! Não seria novamente a linda Cidade Azul, e sim um hospício de mais de trezentos quilômetros quadrados!

Sem luz, sem comida, sem ânimo. Cada casa onde se aglomeravam flagelados era um mundo de angústia.

Não queira ninguém passar o que passou gente querida de Tubarão.

E as toras boiavam pelas ruas afora, assim como bois, porcos e outros animais. A correnteza não diminuía. O tempo era amedrontador, feio. O panorama visível a cada um só poderia receber um adjetivo: desolador.

Não faltou quem afirmasse que era o fim do mundo.

Em uma das igrejas que não negaram seu apoio, independentemente de credo religioso, os flângidos cessaram toda espécie de conversa. Um grito de socorro vinha do fim da rua. Todos se dirigiram às janelas. Lá fora a correnteza parecia estar ainda mais arrebatadora. O rio não tinha mais leito. A cidade era o rio.

O grito de socorro continuava audível. Mas ninguém podia fazer nada. Era impossível mesmo descer até a rua, quanto mais enfrentar a fúria das águas?

E aquele dia foi passando. Com o passar das horas aquele grito foi se tornando rouco, fraco... até não mais ser ouvido. Esta criatura teria morrido? Ou neste momento estaria lendo este livro? Sómente Deus sabe.

Como o leitor reagiria se tivesse que pular na correnteza para salvar o pai, a mãe ou o irmão na águas estivessem tragando? A coragem viria? Um auxílio do Céu?

Pois muitos homens, e mulheres também, de fibra arriscaram sua vida pulando nas águas das ruas, auxiliando o trabalho dos bombeiros, numa demonstração de carinho pelo ser humano, satisfazendo a Cristo que ensinou que "prova de amor maior não há que doar a vida pelo irmão".

Imagine-se em situação semelhante. Águas acima da cintura, águas barrentas, impetuosas, animais mortos e objetos com fúria descendendo pelas águas... Como atravessar para livrar da morte uma pessoa?

Situações semelhantes e até bem piores passaram os herois anônimos do triste episódio de 1974.

Dentre inúmeros heróis, nas entrevistas que este autor realizou, um foi lembrado com enfoque dramático: Carlinhos Kuerten.

Segundo o depoimento prestado, Carlinhos Kuerten a muitos salvou da morte. E, infelizmente faleceu quando se dirigia à casa do pai para salvá-lo.

Carlinhos Kuerten é um símbolo de amor ao

próximo. Em uma das entrevistas feitas, o nome de um conhecido empresário tubaronense foi lembrado. E por motivo muito justo.

Elogiável o empenho do Sr. Zelindro Damiani, um dos dirigentes da Empresa Santo Anjo da Guarda. Quando as águas impetuosas começaram a alagar a rua Osvaldo Cruz, ele dirigiu um ônibus da empresa, desenvolvendo trabalho de recolhimento e transporte dos vizinhos desesperados.

AOS desavisados dirigia mensagens de adver-
tência em cada porta a sua senhora dona Iolanda.
Merecem registro as atitudes do casal.

Detalhe inesquecível, porém, foi realmente a união dos flagelados. Rico e pobre não mais apre-

sentavam diferenças. O orgulho de muitas pessoas foi quebrado pela situação miserável em que ficou a maioria dos habitantes de Tubarão.

Imagine a situação de pessoas endinheiradas que residiam em regiões baixas e tiveram que correr às pressas para algum lar de algum morro que os quisesse abrigar.

Quem sabe um patrão não foi aqui, ali acolá buscar socorro para a família na casa de alguém empregado que ele humilhara anteriormente? O certo é que naqueles inesquecíveis dias não havia rico e não havia pobre na Cidade Azul. Todos eram coadjuvantes na horrenda peça do gênero trágico. As águas do Tubarão eram a personagem principal.

Fotos aéreas registram o estado desolador da Cidade Azul e facilitam ao leitor compreender o drama por que passaram os tubaronenses.

Agora, o leitor pode imaginar se houve ou não condição para fuga de pessoas de maiores posses. Rico e pobre eram iguais. Principalmente após o avanço das águas, antes da desobstrução da Barra do Camacho.

E que após o pesadelo maior, outro igualmente sério e, na opinião de muitos, até mesmo pior estava por aparecer: a fome. O povo dâ conta de que houve quem tivesse morrido de inanição após escampar das águas.

Filas quilométricas eram organizadas para a distribuição de alimentos, roupas e cobertores aos flagelados. Nestas filas, o contraste era mais presente: médicos, engenheiros, professores, empresários não eram reconhecidos pelos trajes juntos aos menos favorecidos pela sorte.

Quantas pessoas não solidificaram amizades naqueles horrendos dias? Nas filas trocavam-se comentários e notícias diversas. Uns comemoravam o salvamento. Outros lamentavam, desolados, a perda de parentes e amigos. Outros, ainda, angustiados, não sabiam se um filho ou irmão sobreviveria à tragédia, pois a cada instante corpos eram encontrados sob a lama e o lodo.

Barra do Camacho desobstruída, o nível das águas baixou. Assim, quem estava abrigado aqui ou

ali pôde retornar às suas casas a fim de verificar o estrago que o monstro deixou. E, porém, bom frio que isto não foi viável de um dia para o outro. Conforme a localização do imóvel alguns dias foram necessários para ser possível entrar nas residências.

Lodo, lama, lodo, lama. Sujeira. Escombros. Parecia que Tubarão tivera um bombardeio aéreo bem ao estilo daqueles documentados durante a II Grande Guerra. Os trilhos da Estrada de Ferro Tereza Cristina em vários trechos haviam sido revirados, apresentando formato de leque. As casas mostravam deformadas linhas. Quantos tijolos arrancados? Ruas lajotadas antes da enchente estavam novamente descalçadas. Que pedra resistiria à fúria do monstro? Aquele aguaceiro não tinha mesmo sentimentos!

Nos muros, nas paredes, as marcas da tragédia. Até o teto, dois metros, um metro e meio, cinquenta centímetros. Para o leitor que não é catarinense do sul, ao visitar a Cidade Azul, aconselhamos solicitar a tubaronenses mostrarem até que altura em suas paredes a água chegou.

E a lama para ser retirada? E o lodo? Muitões nas ruas de Tubarão! A união fazia a força. Baldes, vassouras, enxadas, pás... A água da CASAN? Nem sonhar! Só semanas depois da tragédia... Nunca se viu tanta gente furando poço na Cidade Azul! Que grande utilidade tiveram os mesmos!

Que desolação! Tudo destruído! Os alimentos eram os recolhidos nas filas. Tudo rationado! Era a ajuda de outros municípios do estado "barriga-verde" e do Brasil. O que havia era comido sem nenhuma escolha e sem nenhum luxo. Não era anormal, naquelas horas difíceis, saborear péssegos em calda ao meio-dia. Nem chocolates eram rejeitados em substituição a almoço.

Apesar dos pesares, estes casos não foram muito constantes. Os gêneros de primeira necessidade eram distribuídos com rigoroso controle pelo Exército, através da 2a. Companhia de Infantaria, sediada em Tubarão.

Muito comum era o medo de remover a lama. No bairro de Oficinas, esta triste cena aconteceu:

- Olha, o bracinho de uma bonequinha!

- Pega! Pega!

- Está todo cheio de lama... alguma criança ficou sem a bonequinha...

Mas, ao tocar no que parecia ser o bracinho de plástico, uma surpresa desagradável: o bracinho era de carne e osso! Que terror! Cavoucando mais, descobriu-se o corpo de uma moribunda criança. Estas histórias comoviam ao tubaronense. E quem era o corajoso que cavava a terra sem se preocuar em encontrar um cadáver enlameado?

A angústia e desespero eram maiores quando este ou aquele cidadão reconhecia num cadáver o irmão, o tio, o filho etc. A dor da perda de um amigo já bastava para a tristeza assolar qualquer coração.

- Já sabe da nova? Encontraram o corpo de "Fulano"

- Ué, não conheço!

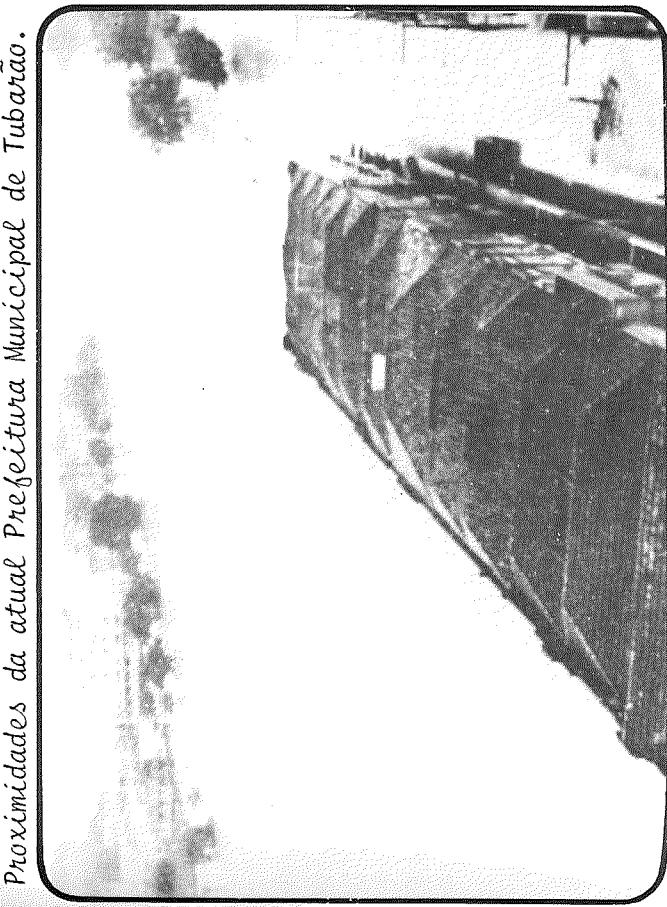
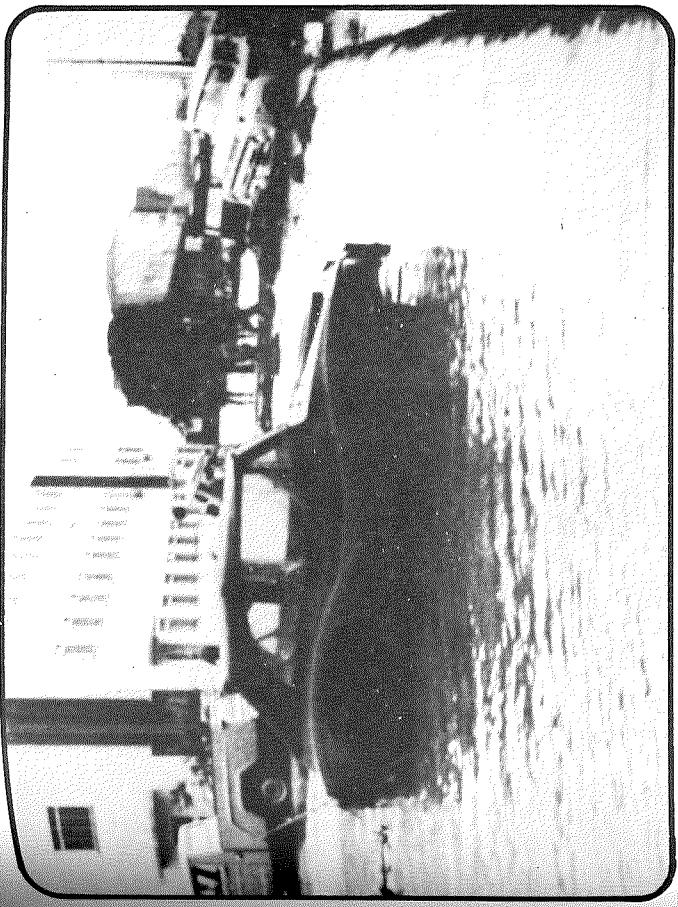
- Como não conheces? Filho da dona Ciclana, primo de Beltrano...

- Ah, sim... e onde foi encontrado?

- No Humaitá. Estava todo deformado... Só tristeza no panorama físico daqueles negros dias que se sucederam à fatídica madrugada de 24 de março de 1974. Tudo era reiniciado com muita morosidade. A vida normal custava a ser aceitável voltar ao trabalho e lutar por dias melhores. Esta era a obrigação naquele momento.

Nos bancos o movimento era intenso. Retiravam levados pelas águas também? Muita gente lamentou pelas recordações, principalmente fotografias, que as águas levaram. Recordações da infância, por exemplo, muitos não acharam devido ao fato da enchente as ter arrabatado ao invadir ferozmente as casas.

Plantações imensas... nada mais existia. - Ah, minhas doze cabeças, compadre... com tanto sacrifício!



Proximidades da atual Prefeitura Municipal de Tubarão.

Rio Tubarão e as duas margens alagadas.

- Não há de ser nada... Deus é grande!

A cidade era um espetro. A desolação total. Após a liberação da BR-101, automóveis de diversos pontos do país e até do exterior faziam questão de entrar na cidade para ver de perto que só vislumbraram no vídeo ou sobre o que apenas ouviram falar em suas cidades.

E para suas terras levavam a triste imagem da cidade que nada parecia ter de azul.

As roupas... cada um mais engraçado que outro. E que a enchente levara roupas de todos. Na distribuição, havia por acaso tempo para escolher o que estivesse na moda? Claro que não! Assim, foi possível ver magérrimas pessoas com roupas para nequim 54... Descombição total de tons! Ninguém estava preocupado com a elegância. O importante era não aparecer nu para trabalhar, estudar, o que fosse. Não mais havia espaço para preconceitos quanto aos trajes.

Antes que as águas baixassem, e mesmo depois, a fome era o grande horror. Não foram casos isolados os que narrarei agora.

Uma vaca assustada crusa uma das principais avenidas de Tubarão. E que a coitadinha escaparia da inundação. Olhares famintos a cercam. Surge facão. Você teria coragem, leitor?

Será que se fôssemos nós que tivéssemos caído em 1972 nos Andes, e não os atletas de "rugby uruguaios, teríamos coragem de, no extremo da fome comer carne humana?

Você teria coragem, leitor? Sem nunca ter utilizado uma ferramenta mortífera... teria coragem de sacrificar uma vaca em plena avenida para saciar a fome? Improvisado matadouro! Cortados os pedaços de carne, um pouquinho a cada flagelado mais próximo e... consumado o fato!

Pobre da vaca!

Um professor, residente no bairro de Oficinas - que tem este nome devido às oficinas de manutenção das máquinas da Estrada de Ferro Dona Te-

reza Cristina - declarou que jamais pensava chegar ao extremo de matar um porco. Pois, na enchente to mou do facão e... convecceu-se de que era capaz. Os extremos de nossa vida nos levam a realizar o que para nós parece ser impossível, indo de choque até mesmo contra a nossa personalidade.

A vacinação era em massa nos dias que se seguiram à tragédia. Afinal, qual era o número de animais mortos que aquelas águas que invadiram a cidade conduziam? Quantas epidemias poderiam se fazer presentes após a tragédia?

As filas de vacinação eram quilométricas, mas mesmo assim a população disse sim à prevenção que seria uma tragédia de proporções similares: um surto epidêmico.

Merecem louvores os que, anonimamente, trabalharam nos serviços de vacinação. Que coração de ouro doar seu serviço para o bem-estar do irmão! Esses indivíduos acumularam tesouros no Céu.

"Tubarão não existe mais" - dizia o prefeito atual na época da enchente. "Tubarão não existe mais e o número de mortos é incalculável" - estava escrito no jornal "Tribune de Geneve".

A 27 de março o sol apareceu vitorioso e o número de mortos permanecia desconhecido. A aflição em cada um de vislumbrar a morte de um parente era imensa.

Até hoje, na verdade, não existe uma certeza absoluta sobre o número exato de vítimas da cruel hecatombe. Os números oficiais apontavam na época trezentos mortos. Já o ex-prefeito Feuerschuette garantia que seriam quinhentos. Os órgãos de imprensa de então publicavam estatísticas contrastantes. Uma vala foi aberta nos fundos do cemitério para enterrar os falecidos.

A população da Cidade Azul na época era da ordem de setenta mil habitantes e doze mil residências havia aproximadamente. A catástrofe deixou

senta mil desabrigados e três mil casas destruída. Ponto polêmico foi o destino dos donativos que foram enviados de diversas partes do Brasil do globo. A dúvida existe no povo, apesar de nenhuma prova concreta de desvio foi até hoje apresentada.

Porém, preocupação realmente grande da população, é saber se jamais voltará a acontecer outro encheinte semelhante.

No dia 5 de abril de 1975 o "Nosso Jornal" Órgão de imprensa ausente dos dias atuais das bacias tubaronenses, publicava que "as enchentes acabar", afirmando na mesma edição que o Departamento Nacional de Obras e Saneamento prosseguia os estudos hidrológicos para definir a solução para as cheias.

Estes estudos determinaram aquelas que se iriam, a princípio, as barragens para solução do problema. Seriam três: no rio Capivari, acima de Arambaré; no rio Brago do Norte e no rio Tubarão. Em 1976, finalmente foi iniciado um projeto para retificação e alargamento do Tubarão. E o projeto para uma barragem em Rio D'una, município Imbituba, também.

Depois, sim, é plano que se construam as barragens de Pedras Grandes, Braço do Norte e Armação. Não há data prevista para o início das obras infelizmente.

O DNOS está realizando os obras de drenagem e alargamento do rio, desde 1974. A execução deste projeto garantirá, segundo o DNOS tranqüilidade à população tubaronense num prazo de dezessete anos.

Entre os fundos do antigo cemitério e a residência do Sr. Olavo Rodrigues foram enterrados corpos. Até recente época havia ainda trinta e dezessestes corpos. Até no improviso cemitério. O sr. Olavo já estava habituado a conviver com a pequena necrópole. Afinal, eram corpos não identificados.

Os referidos corpos já foram transportados para o Cemitério Municipal "Horto da Saudade", conforme decidiu o Chefe do Executivo tubaronense. Vestígios da tragédia ainda são visíveis

há quase por ocasião do cemitério. Na Avenida Marcellino Martins Cabral Tubarão. Na avenida contrastando com a pavimentação as lajotas foi levantado pela fortíssima correnteza por ocasião do cataclismo. Na Madre, na Comasa e em outros pontos, há casas e móveis com vestígios em lama.

Algumas residências têm na parede a marca do nível da água por ocasião das cheias. E não pretendem retirá-la. E o caso do Sr. Daniel Guimaraes, representante comercial residente à rua Ferreira Lima: - A marca não vai sair. Ficará como um documento para a posteridade. - afirma o referido cidadão tubaronense.

Em linhas gerais este é o fiel retrato da catástrofe de 1974 e suas trágicas consequências. Agora saberão os leitores o que aconteceu no Colégio Normal Senador Francisco Benjamim Gallotti, um dos refúgios durante a tragédia. Posteriormente, os bairros mais atingidos serão apresentados com seus casos interessantes. E finalmente, as cidades vizinhas também estarão em pauta. O Colégio Gallotti, em Oficinas, onde atualmente - e com muito orgulho - exercemos funções docentes, abrigou elevado número de flagelados.

As duas horas da madrugada de segunda-feira, ocasião do ápice da tragédia, a maior confusão imaginable tinha lugar. Pessoas gritavam no mais completo desespero, recém-chegadas de suas casas inundadas em toda a circunvizinhança.

Entre dezenas de pessoas, muitas delas estavam com cães, o que acabava aumentando ainda mais Nenhuma das salas do estabelecimento de ensino estava aberta.

Entre os flagelados, encontrava-se o economista e professor Jovino Armando Dutra, então Diretor Administrativo da 2a. Coordenadoria Regional de Educação, sediada em Tubarão. Foi quem iniciou a organização.

Inicialmente, arrombou-se a porta da sala dos professores, onde o Sr. Jovino ingressou já acompanhado

panhado de algumas pessoas dispostas a colaborar.

Iniciou-se a formação das equipes, que ficaram assim distribuídas:

1) Equipe de garotos a fim de expulsar todos os cães, sendo que quatro daqueles foram designados para vigiar as duas portas, permitindo assim o ingresso de outros cães.

2) Seis homens com a finalidade de buscar salvar pessoas que moravam em regiões baixas nas proximidades, que corriam o risco de perder a vida.

3) Seis homens de acentuada coragem e de vigor físico invejável para a busca de fogões e outros objetos de cozinha, além de alimentos, churrascaria que havia do lado do estabelecimento no Armazém do Sr. Valdecir Carradore, hoje unidade do Angeloni.

4) Dois homens para arrombar, por determinação do professor Jovino Dutra todas as portas do colégio, uma vez que as chaves não foram encontradas. Assim seriam acomodadas as pessoas que choravam e gritavam pelos corredores.

5) Oito senhoritas, a maioria professoras, à fim de instalar as famílias e acalmar as pessoas nervosas.

6) Oito senhoras a fim de cuidar da cozinha que estava para ser montada. Para tal fim utilizaram a sala dos professores.

Da churrascaria chegaram um fogão e um botijão de gás. Para o transporte dos alimentos do armazém do Sr. Carradore (em frente, pode-se dizer ao colégio), uma corda foi amarrada do portão até o poste do outro lado. E bom frisar que, a esta altura, a profundidade era de um metro na rua e a correnteza era impressionante. O transporte de alimentos era penoso. Os homens eram obrigados a agarrarem na corda, transportando caixas de leite em pó, sacos de macarrão, massas outras, batata, feijão, arroz etc.

A primeira contagem acusou mil e oitocentas pessoas. A maioria era composta de infantis. E pessoas chegavam sem parar. Nuas ou semi-nuas, bravamente porque na hora da correria foram pegos de surpresa em trajes de dormir. A tragédia teve seu ponto alto nas primeiras horas da madrugada, i-

fi-

do

não

de vi-

num

e

no

ou-

ou-

e

no

e

no

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

vadindo a água rapidamente as casas. Um caso interessante se registrou, então: uma senhora e quatro filhos - todos nus, completamente vestidos em estado de choque, não se dando conta do estado em que se apresentavam. Apesar do frio, a preocupação imensa era o cachorrinho de estimação que ficara em casa. Após vestida e alimentada, foi ela encaminhada para uma das salas de aula. Mas só se demonstrou um pouquinho mais conformada após receber a garantia de que os homens iriam salvar o animalzinho de estimação. Claro que era só para acalmar a senhora, que fizeram tal promessa.

Primeiro se alimentavam as crianças, velhos e enfermos. A água potável era conseguida da chuva, através de furos nas lajes de concreto. Um suíno que a correnteza carregava e desse perdidamente grunhia foi capturado e em "prato do dia".

Aproximadamente às dez da manhã daquela apocalíptica segunda-feira, um dos helicópteros pouso no pátio externo do Colégio Gallotti. Trazia o Comandante da Guardiâo Militar que indagou sobre a situação, sendo informado de que injetões contra tétano e outros medicamentos eram imprescindíveis, pois o pedido pelo farmacêutico Juarez havia sido utilizado já. Alimentos também foram solicitados: Uma hora depois tudo chegava, à exceção de um médico, que foi solicitado, mas não possível.

Um caso interessante: uma senhora estava por dar à luz. Dentre todas, procurou-se alguém que entendesse de parto. Houve sucesso, pois uma senhora entendia do assunto e, abastecida dos medicamentos, logrou total êxito. Um lindo garoto nasceu e, se graças a Deus, bem. Com a melhora do tempo, todos foram verificar o estado de suas casas.

Bairros Aringidos

Capivari Indústrias Paralisadas

O bairro de Capivari é muito importante para a economia de Tubarão.

Lá estão localizados o Lavador de Capivari, empresa subsidiária da Companhia Siderúrgica Nacional e componente do complexo siderúrgico brasileiro e a ELETROSUL, geradora de energia elétrica para a Grande Região Sul, que proporcionam extraordinária arrecadação para os cofres municipais.

Em Capivari também estão depositadas as grandes esperanças de Tubarão para a erradicação do atual pesadelo do desemprego, com uma das unidades da SIDERSUL.

Este autor entrevistou habitantes daquele populoso núcleo. Gostaria de aproveitar o momento para homenagear os operários daquele bairro.

Entre as pessoas entrevistadas está o sr. Juvenal Matos da Silva, há seis anos aposentado e durante trinta anos e alguns meses operário do Lavador de Capivari. Eis um verdadeiro batalhador pelo progresso tubaronense. Desde o inicio, quando foi inaugurado o complexo siderúrgico nacional, com sede na "Cidade do Aço", Volta Redonda, - terra natal do escritor, no Rio de Janeiro - o bom Juvenal ingressou no Lavador. E, portanto, um verdadeiro querereiro aposentado. E, na pessoa do sr. Juvenal, gostaria de homenagear a todos os operários das indústrias da Cidade Azul.

Em Capivari, as águas de março de 1974 também transtornaram a vida do povo. Na madrugada de domingo para segunda-feira, a correria dos que residiam em lugares mais baixos para as residências de nível mais acentuado foi geral. As imediações da igreja ficaram abarrotadas.

Na rua do Bar da Juventude a água estava altura do joelho.

As indústrias ali localizadas sofreram danos terríveis. As águas invadiram tanto a ELETROSUL quanto o Lavador, de forma espantosa.

Os trilhos da Tereza Cristina, terrivelmente danificados, já eram motivo suficiente para paralisação do Lavador de Capivari. A água acumulada nas instalações do mesmo era também causadora de imenso transtorno. Resultado: três meses sem atividade do Lavador.

Por vários dias foram sensivelmente prejudicados os trabalhos da ELETROSUL, que dá a Tubarão honroso título de "Capital Energética". Capivari não escapou da tragédia.

A localidade em foco nestas linhas é das mais belas da Cidade Azul. Sua característica é eminentemente rural e lá o verde ainda não morreu.

Recordo os bucólicos passeios sabáticos dominicais admirando os prodígios da Natureza de Deus. Aqui o sol brilha nas águas do manso riacho. Ali o verde é tanto que nos enche os olhos. Acolá o gado pasta mansamente ou descansa na relva mais verde.

Refiro-me ao querido Passo do Gado, que deveria ser ponto de encontro dos que amam a Natureza. Seus admiráveis recantos descansam qualquer criação agitado.

O povo daquele querido pedaço tubaronense também sofreu bastante nos fatídicos dias da catástrofe. Nas regiões mais baixas a angústia já havia começado dias antes da tromba d'água nas cabeceiras do Tubarão em Lauro Müller. As águas pluviais estavam acumuladas.

Quando então, aconteceu o pior, a correria foi geral. O povo acudiu às regiões menos baixas a fim de se salvar das águas barrentas daquele inquecível 24 de março.

Nas casas mais altas, multidões de flagelados

se instalavam. Gritos, choro, fome... as reses daquelas humildes casas foram logo consumidas pelos socorridos.

Nos quintais, gado, porcos, galinhas e todos os animais que escaparam, curtiam seu espanto e sua fome.

No Descascador de Arroz muitos se alojaram no segundo piso. Ali dormiam e, naturalmente, faziam até as necessidades fisiológicas.

Mas, felizmente, tudo teve um ponto final. E as famílias retornaram aos lares, para a reconstituição.

No Descascador de Arroz muitos se alojaram no segundo piso. Ali dormiam e, naturalmente, faziam até as necessidades fisiológicas.

Nos quintais, gado, porcos, galinhas e todos os animais que escaparam, curtiam seu espanto e sua fome.

No Descascador de Arroz muitos se alojaram no segundo piso. Ali dormiam e, naturalmente, faziam até as necessidades fisiológicas.

Mas, felizmente, tudo teve um ponto final. E as famílias retornaram aos lares, para a reconstituição.

Tragédia e Misticismo no Caruru

Caruru é um bonito bairro tubaronense. Colinas belíssimas, verdes pastagens... uma estrada belíssima. Para quem quiser visitar o bucólico Caruru, basta entrar à esquerda bem próximo à igreja de São Martinho.

Pessoalmente estive naquele bairro, o que muito me alegrou pelo impacto visual de sua beleza tão peculiar. Em Caruru o verde é muito vivo. Pois no pacato, tranquilo e agradável Caruru, a tragédia de 1974 se manifestou arrasadora. Simplesmente caíram barreiras... como sustenta o povo, "os morros desceram". Sob os escombros... vinte e cinco pessoas de uma só família!

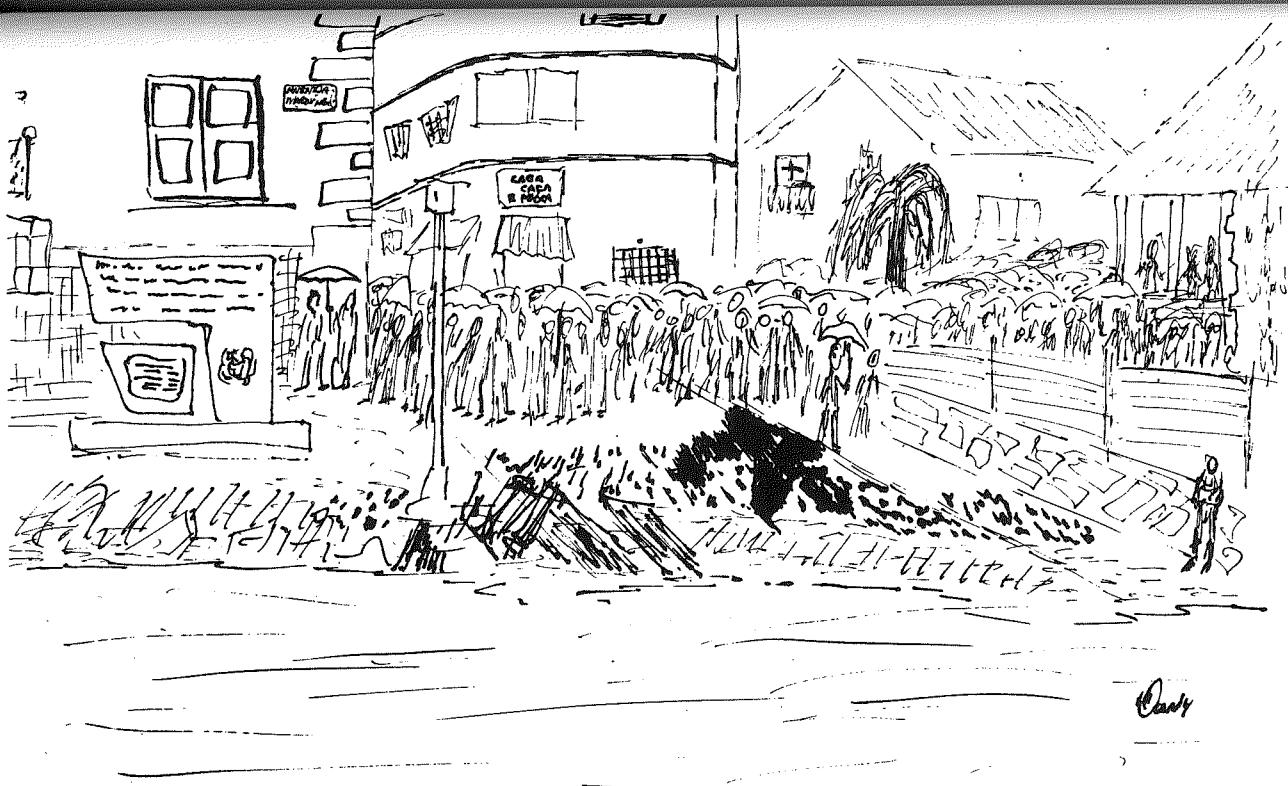
Por certo acreditavam-se seguros no morro. De repente, tudo desmoronou... Pedras imensas rolaram e o morro veio abaixo. Vinte e cinco soterrados. Este caso vai para a história. As famílias Oliveira e Azevedo serão sempre lembradas por terem perdido ao todo vinte e cinco membros no terrível episódio de março de 74.

No mesmo Caruru, muitas estufas de fumo foram por terra, além de muitas casas, provocando prejuizos incalculáveis. Planta-se relativamente bastante o fumo ali.

Como a esmagadora maioria dos brasileiros, a população de Caruru também é mística. Costuma-se dizer que, à noite, ouvem-se gritos de socorro provenientes dos lugares onde as vítimas da catástrofe morreram soterradas. E ninguém quer morar nas imediações.

Até mesmo já se garante ter ouvido acerca de uma sobrevivente que teria se transformado em santa. Coisas do povo.

Crer ou não é facultado a nós. Porém, o que diz o povo vai registrado nesta obra.



Subida da rua da Catedral (Coronel Colaco). A "Caça e Pesca" ficava onde hoje está a TELES, e onde é a agência do Banco do Brasil havia uma residência.

- Lá se vão os bobos com móveis e mantimentos! Uma enchentezinha de nada e todos de mudança! Pagaram caro. Ninguém se salvou, nesta casa da fúria das águas.

O que mais chamou a atenção em São João, porém, episódio do qual todos se lembram na Cidade Azul, foi o desabamento de sete casas. Essas residências ruiiram provocando várias mortes.

Esta foi mais uma evidência de que o episódio de 1974 foi uma tragédia composta de muitas trágédias. De doze mortos se sabe por ali e muitos corpos jamais foram encontrados.

Em determinada residência, foi contado a este escritor que em dado momento todos se despediram chorando, manifestando a alegria de terem vivido juntos e que aquela era a hora da última partida.

Quanto sofrimento! Quantas marcas nos traz

de registrar que houve auxílio da Fundação Legião Brasileira de Assistência-LBA.

Além disto, uma determinada seita trazia de Joinville alimentação e utensílios domésticos. A urgência de utensílios domésticos era sentida, pois muitos tinham que aguardar a vez por falta de pratos e talheres. A comida presente, o estômago exigindo comida desesperadamente e o indivíduo aguardando a vez de pegar um utensílio.

Neste bairro registrou-se a agonia de sessenta famílias tentando convencer a um senhor de sessenta e oito anos que recusava-se a sair de casa:

- Esta chuva não é de nada! Nunca a água invadiu minha casa, agora é que vai invadir...

Sorte é que ele foi levado à força. Como deve estar agradecido até a data de hoje por ter sido arrastado pelos familiares!

Outro caso interessante foi o de um jovem que subiu em um coqueiro para se salvar. E ali permaneci todos os angustiantes momentos. E chuva em cima! E a água subindo...

Ainda em São João uma família inteirinha pegou por ter escarnecido dos outros. Riam-se montes dos pobres coitados que se retiravam.

Sete Residências Destruídas em São João

O bairro São João fica relativamente distante do centro da cidade, tendo perto de si a praça da conhecida BR-101. Justamente por causa desta distância, mais penoso foi o sofrimento dos seus habitantes. Como logo após a catástrofe, correr atrás de alimento e recursos? Quando chegavam ao centro, tudo já havia sido consumido, ou pelo menos o melhor já havia acabado.

Os moradores deste bairro fizeram questão de registrar que houve auxílio da Fundação Legião Brasileira de Assistência-LBA.

Além disto, uma determinada seita trazia de Joinville alimentação e utensílios domésticos. A urgência de utensílios domésticos era sentida, pois muitos tinham que aguardar a vez por falta de pratos e talheres. A comida presente, o estômago exigindo comida desesperadamente e o indivíduo aguardando a vez de pegar um utensílio.

Neste bairro registrou-se a agonia de sessenta famílias tentando convencer a um senhor de sessenta e oito anos que recusava-se a sair de casa:

- Esta chuva não é de nada! Nunca a água invadiu minha casa, agora é que vai invadir...

Sorte é que ele foi levado à força. Como deve estar agradecido até a data de hoje por ter sido arrastado pelos familiares!

Outro caso interessante foi o de um jovem que subiu em um coqueiro para se salvar. E ali permaneci todos os angustiantes momentos. E chuva em cima! E a água subindo...

Ainda em São João uma família inteirinha pegou por ter escarnecido dos outros. Riam-se montes dos pobres coitados que se retiravam.

Por certo o meu querido leitor tem vizinhas de material ou madeira. Em Pouso Alto estrelinhos vizinhos se alojaram durante a catástrofe.

Pedras enormes rolararam de uma encosta e uma pedra toda em desespero observava pela janela as pedras que pareciam querer dar cabo de suas vidas. Imagina o leitor a agonia dessas pessoas?

Enormes pedras rolando na direção de seu lar, provenientes de um morro nos fundos? Pois assistiram as referidas pedras se desmoronarem nos últimos instantes da casa e se alojarem ao lado. Agora são silenciosos vizinhos daquela felicíssima família...

Pedras Enormes como Vizinhos!

Farinha Seca no Km 63

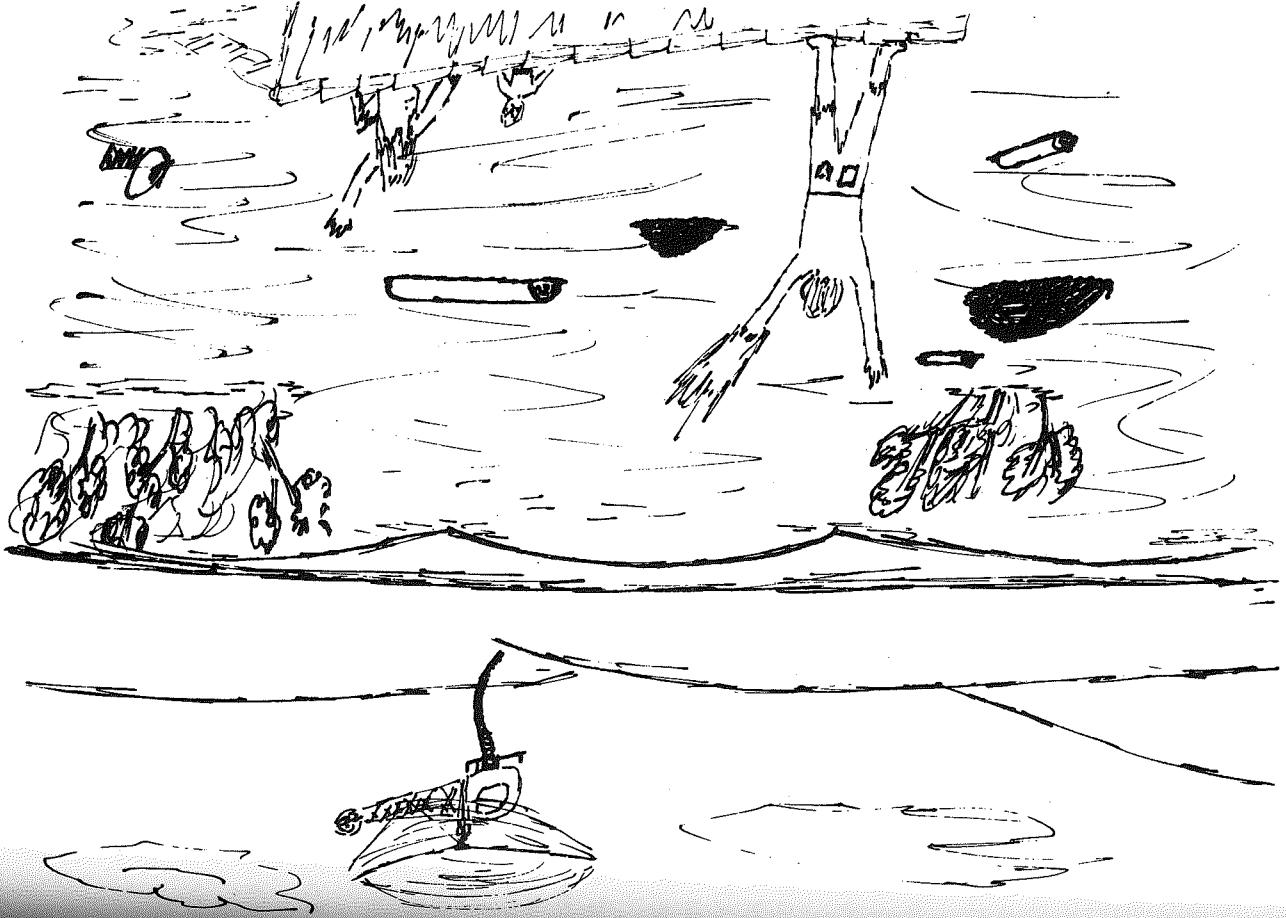
A localidade conhecida como km 63, localizada nos rumos da famosa estância hidro-mineral de Santo Anjo da Guarda, foi duramente atingida pelas cheias de 1974.

Naturalmente, muitos episódios tristes marcaram a tragédia também naquele bairro.

Determinada família passou muito trabalho com uma filha excepcional. Imaginem! A moça era retardada. Como carregá-la com aquela correnteza toda? Em sua inocência, pouco ela percebia. Por isto foi muito difícil trosa a sua retirada. Mas não impossível para Deus. Isto ficou provado.

Mas interessante mesmo foi uma família deixado um saco de farinha sobre duas cadeiras, enquanto a água invadia a residência. Após tudo consumado, voltaram à casa, vassculharam tudo e encontraram o saco de farinha ileso na cozinha, com conteúdo totalmente seco.

Muita sorte!



Na Guarda, os Gêmeos Morreram Juntos

Santo Anjo da Guarda é o nome do bairro turbaronense que divide com Capivari e Rio do Pousão enorme fama no cenário nacional.

E que lá estão localizadas as termas que locaram Tubarão no roteiro turístico nacional. As águas da Guarda curam diversos tipos de doença, que garante anualmente uma grande concentração de turistas trazendo divisas para a Cidade Azul.

Além das estações do Hotel da Guarda, o bairro também apresenta para o visitante um verde e encantador panorama, transformando-se em lugar agradável para passeios e piqueniques.

Pois o povo da Guarda nem por isto tudo foi perdido pelas impetuosas águas daquele março de 74. Sofreu e não foi pouco.

A apreensão de uma senhora residente na Guarda merece registro. Como se sabe, o desastre total foi na madrugada de segunda-feira, dia 24. Porém, no sábado, o rio já havia transbordado não só em Tubarão, como em diversas outras cidades.

A referida senhora é esposa de um motorista de auto-socorro. Ele saiu no domingo, quando o tempo melhorou, a fim de prestar socorro a um acidente automobilístico na serra, próximo à cidade de Lauro Müller.

Na noite deste dia, a chuva recomeçou, culminando com a tragédia. Que preocupação atroz a desta esposa, sabendo que o marido estava justamente na região de onde vinha a tromba d'água! Ela teve que deixar sua casa às pressas, pois esta estava sendo invadida pelas águas. Foi para um lugar onde estavam vinte e quatro adultos e dez crianças. A água subia, os alimentos estavam cada vez mais escassos. O desespero aparecia em cada rosto cansado de sofrimento e angústia.

Ali estava sã e salva, apesar de tudo. E o marido? Morto, talvez, numa barreira na serra. Quantos pensamentos horríveis não teve nossa heroína anônima?

Depois de toda a tragédia, a senhora encontrou seu marido, que vinha no meio da rua, triste, sem ânimo, ao encontro da companheira de tantas lutas. No seu corpo surrado pelos dias de fome e lutas apenas... uma cueca.

Outra senhora, também residente na Guarda teve um derrame ao ver sua casa ser levada pelas águas. Nem teve condições de fornecer entrevistá para esta obra. Dá pena ver o estado dela. A parte esquerda de seu corpo é paralisada desde então, o que a deixou inútil para qualquer espécie de trabalho. Infelizmente.

Como sentem os meus caros leitores, a en-

chente foi triste para muitos.

O título desta porção de nosso livro seria justificado. Certo filho de uma família se recusava a arribar (*), enquanto o restante da família insistia com ele. Fatalmente as águas o aniquilariam. Já estava ameaçando entrar em casa. Porém o rapaz bateu pé que ficaria, achando um surdor O temor dos demais familiares.

A família se retirou, deixando-o na sua incerteza. Porém, seu irmão gêmeo se arrependeu no meio do caminho e retornou para buscar o querido mano. Afinal se davam muito bem.

A família conseguiu um abrigo. E começou a aguardar os filhos. Esperaram... e não tiveram outro remédio senão chorar a perda do imponente e do amoroso que o tentou salvar.

Após a tragédia, seus corpos foram enterrados exatamente no local onde a família vira o prudente pela última vez vivo.

Eduardo Bauso

Rio do Pouso:

O Bem sem Olhar a quem

Também famosa é a estância hidro-mineral do Rio do Pouso. Pertence ao território do município de Tubarão. Pelo que podemos observar, o solo da Cidade Azul é realmente abençoado pelo nosso Deus. Lá também o sofrimento, como não poderia deixar de ser, foi marcante. Uma barreira caiu sobre determinada casa matando seus ocupantes. Quá-

Como o bairro é distante, muitos pereceram deles.

por falta até mesmo de alimentos. Medicamentos atendimentos médico antão, nem se fala. Algo muito bonito que foi registrado: a ajuda de estranhos. Isto aconteceu não só em Rio Pouso, mas em diversos lugares de Tubarão. Todos se ajudavam. Não havia rico nem pobre. Todos eram natos a quem "olheis a quem"

(*) Termo muito usado no Nordeste - significa partir para lugar ignorado(Dicionário do Nordeste)

diário 24 de março de 1974 se chamou também "Moisés".
Coincidência.

Passaram a noite embaixo de algumas pedras grandes. Imaginei nem se estas pedras desmoronam! No outro dia seguiram viagem, encontrando guardada em uma casa do outro lado do morro. Chegaram todos machucados, rasgados, quase mortos de fome e frio.

Esta senhora é o exemplo de fibra. O detalhe nisto tudo. O marido estava junto... bêbado. De emocionar às lágrimas era o desespero do velho cego, carregando nos ombros o peso das suas oito décadas, antes da escalada do morro do Cupim.

- Filhinha... filhinha... "Donde é que tu?"
- "Pai, onde é que a gente vai, filha?"
- "Pai, "bambo" pro morro do Cupido."
- "O quê? Em oitenta anos não subi lá, não vai ser agora que vou subir." Pobre octagenário! Sofreu impiedosamente com a catástrofe de 1974! Velho, cego, no temporal, atolando-se no barro, desesperando-se... que triste destino!

Ainda bem que cremos todos nós que Deus sabe o que faz.

Margem Esquerda da Guarda: Angústia de um Cego

O bairro Guarda Margem Esquerda também foi um dos mais sacrificados com as cheias.

O fato mais marcante é comovente na nossa opinião foi colhido acerca de um cego.

Meu amigo cego... .

... triste estou porque você não vai poder ler o que escrevi também para você, ser humano, meu irmão. Deus tem seus planos para todos, por isto eu acredito que aí se justifica a sua triste definição.

Tenho esperança de que até mesmo eu no coração do leitor e ele sinta a tristeza, ao menos uma vez na vida, por você, creio, tanto ansieia por ver o que os outros chamam de luz para você é apenas uma remota idéia perdida no seu pensamento.

Ao narrar a angústia do ancião cego da Guarda Margem Esquerda eu deixo aqui o meu apelo a que todos ajudem aos cegos a se sentirem mais úteis, mais presentes na nossa sociedade. Piedade apenas não basta. Nossa árdua tarefa é reintegrá-los à sociedade.

Determinada senhora, exemplo de coragem determinação, havia abandonado a casa em direção ao morro do Cupido. Chuva torrencial e água abundante era a paisagem. Conduzia esta mulher de coragem um carro de bois, a filharada, o pai de oitenta anos, cego, e o marido bêbado.

E vamos subindo o morro! Até que o carro desmorou. Para salvar os filhos ela teve que se desbaratar. Uma vez todos ilesos, gritou:

- Quem quiser subir, que agarre nesta corda. Levarei dois filhos e irei à frente puxando.

Comasa: Acostumada com Cheias

A COMASA é um bairro caracterizado por casas idênticas. É um bairro eminentemente residencial com residências boas.

A falha grave: fica num terreno baixo, em sua maior parte. A COMASA é "saco de pancada", como se diz na gíria. Qualquer chuva persistente e mais forte provoca transtornos muito desagradáveis.

Em junho próximo passado pude constatar pessoalmente o sofrimento do povo daquele núcleo populacional da Capital Energetica. Realmente a situação é calamitosa. Muitas famílias abandonaram seu "habitat", pois os mesmos estavam invadidos pelas águas.

O bairro em pauta foi duramente castigado nas cheias de 74. Muitas residências ficaram apenadas com o teto na superfície. Infelizmente um número considerável de pessoas morreu ali. Conta-se - não afirmamos, pois ouvimos versões populares - que após a tragédia, um boi nadara e se estabeleceu em um telhado estava em situação embarracosa quando as águas baixaram. E agora para descer?

A região da COMASA, Campestre e Passagem ganhou fama de arrasada pelas cheias daquele horremundo março.

Certa família quando conseguiu sair de casa já se avistou com a morte. Fortíssima correnteza e água pela cintura.

Uma das filhas conduzia carinhosamente nos braços um cachorrinho de estimação. Todos eram obrigados a tatear o chão embainho d'água com uma enorme vara, a fim de evitar um provável buraco. A água estava quase na cintura dos maiores.

Em dado momento o cachorrinho escapou das mãos da guriazinha e foi arrebatado pela correnteza. A criança, desesperada, investiu para salvá-lo, ante as reprovações cheias de agonia dos outros. Porém, ela foi tragada pelas águas.

Desesperadamente procuraram-na. Choros, gritos histéricos, desespero! Tudo em vão. Ao chegar próximo a uma ponte, quase coberta pelas águas desistiram e retornaram com o coração aos pedaços. A filhinha estava perdida.

Outro acontecimento marcante também teve co-
mo palco a COMASA. Após retornar ao lar, um senhor teve o supremo desgosto de encontrar o cadáver de sua própria filha, sendo devorado pelos porcos de sua propriedade.

Na COMASA, por ser região baixa, as águas tomaram conta imediatamente. Na madrugada, quando estourou a tromba d'água, todos corriam desesperadamente para as casas vizinhas. Antes disto mesmo, os caminhões do Exército já estavam no local auxiliando na remoção de pessoas e ajudando a retirar os teimosos que não largavam as casas,

mando que alguém nelas entrasse e roubasse seus pertences.

Segundo depoimento de moradores havia pessoas que, ao ver a água subir, foram para o forro mas não fugiram, temendo assalto. Mal podiam imaginar que a água os atingiria no forro.

Muitas casas ficaram embalxo d'água. Os moradores da COMASA não gostam nem um pouco de relembrar os tristes momentos da catástrofe, por razões óbvias. Mas esta obra serve de alerta para que as autoridades fiquem cada vez mais vigilantes.

Afinal... ninguém deseja outra daquela de 74...

São Cristóvão:

Força de Desmoronamentos

Em São Cristóvão, aconchegante pedaço tubaronense, contou este autor com a colaboração do Sr. Valmor Zaccaron e sua família.

Com sua família mesmo, aconteceu um drama. E que seu filho, Vanoir, estudava no Seminário, de onde tudo assistia. Do Seminário, o panorama destruição era bem nítido. Um verdadeiro oceano se fez à vista do rapaz que imaginou a família extermínada.

Afinal de contas, não era para menos. As águas subindo e ele não e salvo no Seminário, a tudo assistindo sem saber a sorte de seus queridos familiares...

Não se conteve. Apesar de temeroso pela sua sorte, preocupou-se mais em ver os familiares e colocou o pé na estrada, no que foi acompanhado por um colega.

Enfrentou difíceis situações.

De repente deparou-se com uma rua totalmente interditada. Uma barreira havia caído e era impossível passar.

O moco era teimoso.

Pularam sobre a terra mole e... triste sorte! O rapaz afundou-se

A chuva havia deixado o barranco mole. O rapaz parecia afundar mais. Pedi, angustiado, ajuda ao colega. Quanto mais se mexia mais parecia afundar.

Seria este o fim do rapaz?
Mas, não foi. Por milagre o outro conseguiu
retirá-lo do sufoco. Deus colocou suas bênçãos no
caso. Se não fosse isto e estaria logo depois en-
lutada a família Zaccaron.

Na tarde da quinta-feira, 1º de outubro, o jovem e seu companheiro tentaram por outro lado chegar à Polícia Rodoviária Federal. Ao atingir seu alvo, conseguiram também carona até o lar, onde todos os braçaram alegres, pois tudo corria bem.

Outro caso em São Cristóvão e bem comentado.
Aconteceu com uma família local.
Estando a casa deles localizada bem embaixo
de um barranco, deslocaram-se para uma residência
vizinha. Assim pensavam ficar livres de um provável
deslizamento de terra.

Pois a casa onde estavam anteriormente ficou ilesa. E aquela na qual se instalaram foi sobreterrada com violento deslissamento, ocasionando morte de todos.

Em outra casa, um desmoronamento quase provocou a morte de um rapaz. Com graves lesões, obteve a tempo o socorro dos irmãos.

Outro fato deveras triste aconteceu no dia que divide São Cristovão e Sertão dos Mendes. Uma menina brincava inocentemente na beira do rio. Sua idade: dois anos.

Deveria ser ela, hoje, uma alegre guria de nove anos, cheia de fé na vida. Por um fatal momento, hoje, ela não existe.

Como por trágico encanto, de repente ela que brincava à beira do rio, foi tragada pelas águas barrentas do mesmo. As fortes correntezas levaram seu corpinho como em nível normal

um galho de árvore. Como se vê em São Cristovão a enchente bém deixou sua inesquecível marca assassina.

A Madre Sofreu muito

tiado, ajuda ao colega. Quanto mais se mexia mais parecia afundar.

Seria este o seu segredo. Mas, não foi. Por milagre o outro conseguiu retirá-lo do sufoco. Deus colocou suas bênçãos noca. Se não fosse isto e estaria logo depois enlutada à família Zacaaron.

Na tarde da quinta-feira, dia 24 de junho, o jovem e seu companheiro tentaram por outro lado chegar à Polícia Rodoviária Federal. Ao atingir seu alvo, conseguiram também carona até o lar, onde todos os abraçaram alegres, pois tudo corria bem.

Outro caso em São Cristóvão e bem comentado.
Aconteceu com uma família local.
Estando a casa deles localizada bem embaixo
de um barranco, deslocaram-se para uma residência
vizinha. Assim pensavam ficar livres de um provável
deslizamento de terra.

Pois a casa onde estavam anteriormente ficou ilesa. E aquela na qual se instalaram foi sobreterrada com violento deslissamento, ocasionando morte de todos.

Em outra casa, um desmoronamento quase provocou a morte de um rapaz. Com graves lesões, obteve a tempo o socorro dos irmãos.

Outro fato deveras triste aconteceu no dia que divide São Cristovão e Sertão dos Mendes. Uma menina brincava inocentemente na beira do rio. Sua idade: dois anos.

Deveria ser ela, hoje, uma alegre guria de nove anos, cheia de fé na vida. Por um fatal momento, hoje, ela não existe.

Como por trágico encanto, de repente ela que brincava à beira do rio, foi tragada pelas águas barrentas do mesmo. As fortes correntezas levaram seu corpinho como em nível normal

um galho de árvore.
Como se vê em São Cristovão a enchente também deixou sua inesquecível marca assassina.

Apontado por muitos entrevistados como bairro que mais sofreu com a tragédia, a Madre pa-

gou também com vidas o seu tributo as águas.
O dilúvio sul-catarinense não perdoou
habitantes. Antes, castigou-os com sua força
tesca.

O Sr. Roberto Willemann, líder político na época, os que puderam, acorreram antes que fosse tarde, aos bairros mais centrais de Tubarão os que não puderam, em sua maioria, ou foram para um bairro próximo, já no município de Laguna, ou se perceram.

Madre foi um dos que precisou, com toda a família recorrer ao auxílio do povo do vizinho bairro lagunense, que fica nas proximidades, apesar de pertencer ao território do município juliano. Conta aquele senhor que o povo daquele por-

çao lagunense é hospitaleiro e solidário. Todos os que para lá acorreram, hoje tem profunda gratidão. Um dos lugares mais procurados na Madre foi a igreja. Uma moradora disse que nunca vira a igreja tão cheia.

Aí muitas pessoas desmaiavam de fome. C pior, cita uma entrevistada, eram as necessidades fisiológicas que, sem outra saída, tinham de ser feitas ali, provocando desagradável situação. Em algumas casas só meio metro de água foi registrado no interior. Muitas outras foram praticamente cobertas.

Quando as águas baixaram, só eram vistos moinhos daniificados por todos os lados, semi-enterrados no lodo. Aqui, um televisor todo quebrado. Ali, uma geladeira. Acolá, uma penteadeira de cujas gavetas surgiam peças do vestuário. Uma senhora chorava muito, pensando que seu filho tivesse se afogado. Mas, para seu cândido, esse

tava ele refugiado em uma casa próxima, pertencente à família de uma colega.

As águas que castigaram a Madre, segundo sustentava o povo, vieram morro abaixo de Capivari. Seja lá de onde vieram, não mais interessava. Vale a pena, sim, é lembrar que seu ordeiro trabalhou, trabalhou e recuperou o suficiente para que novamente se destacasse como belo e bucólico bairro da Cidade Azul.

Congonhas: Refúgio Panorâmico

Às águas que castigaram a Madre, segundo sustentava o povo, vieram morro abaixo de Capivari. Seja lá de onde vieram, não mais interessava. Vale a pena, sim, é lembrar que seu ordeiro trabalhou, trabalhou e recuperou o suficiente para que novamente se destacasse como belo e bucólico bairro da Cidade Azul.

Distante cerca de 7 km do centro da cidade, o bairro de Congonhas não sai da mente de muitos que sofreram durante as cheias.

E que, por ser alto, o delicioso recanto congonhense transformou-se em abrigo dos flagelados de diversas outras regiões da Cidade Azul.

A Igreja Católica e a Escola de 1º Grau ficaram repletas. Nunca Congonhas pensara antes em ter a superpopulação que teve.

E, justamente por ser alto, tudo se via de lá. Os que haviam fugido do monstro, o viam em suas artimanhas, de camarote. De Congonhas avistava-se imenso campo e a cidade de Tubarão até Capivari.

Quem observava a tudo só podia mesmo chorar. Quem quisera ter uma vista panorâmica da Cidade Azul e vislumbrar ao longe o Farol de Santa Marta, 3º do mundo, deve subir até a Antena, em Congonhas. Passará pelo verde em uma das paisagens mais belas que nossos olhos almejam alcançar. Para completar... ar puríssimo.

A Bela Vila sob as Águas

A Vila Moema, em sua parte baixa às margens do Tubarão sentiu naqueles dias a fúria de seu vizinho impetuoso. As águas transbordaram e, logo, invadiram suas belas e aprazíveis ruas.

Da Vila Moema saiu o sinal de alerta para toda a cidade: a sirene da Souza Cruz. As águas conhecidas haviam invadindo as instalações daquela empresa.

O povo corria desesperado com o que podia, muitos, apenas com a roupa que trajavam na ocasião. O destino, em geral, era a Catedral ou as partes altas da zona central.

A bela Vila Moema, com suas ruas tranqüilas e silenciosas, conheceu enfim, uma atmosfera de tranqüilidade e caos. Os automóveis foram substituídos pelas canoas.

Mas, como todo o tubaronense, o habitante da bela vila também reconstruiu o que é seu. E hoje, novamente, é um encanto para o visitante, conhecendo a Vila Moema.

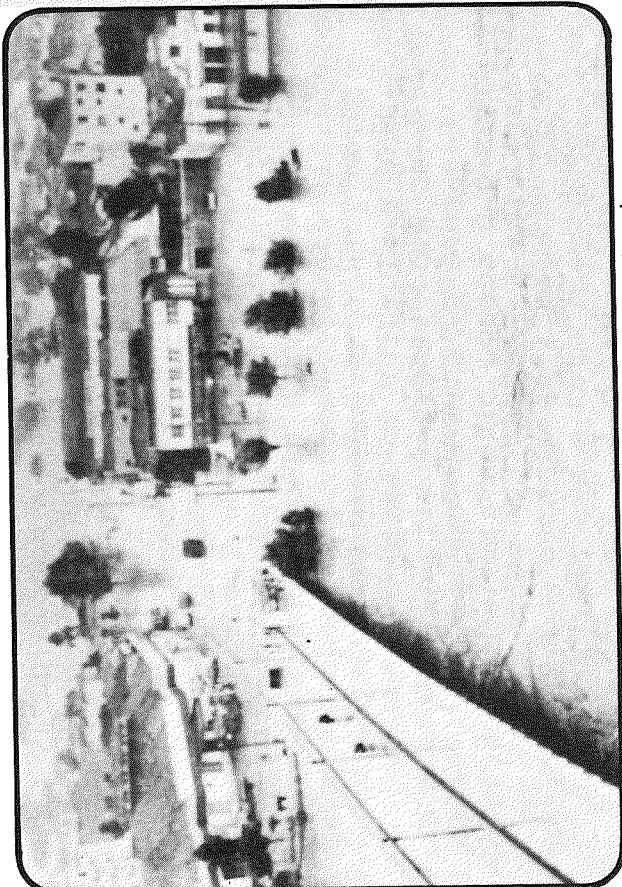
Um recadinho Albeirice: passeie, visitante, pelas margens do Tubarão. O romantismo das árvores e o silêncio de suas ruas, fazem da Vila Moema à beira-rio, local de silêncio e paz. Aceite o convite!

O bairro Humaitá fica situado à margem esquerda do rio Tubarão e é cortado pela BR-101. Recordo-me que a sua avenida principal, a Patrício Lima, foi a imagem mais marcante que levei da Cidade Azul após a primeira visita ao sul. Cartão de visitas da cidade, por sinal belo, o bairro Humaitá fica mesmo gravado na mente dos que visitam Tubarão e não mais retornam.

Eu vinha acompanhando a excursão da banda da Fundação Educacional de Volta Redonda, regida pelo

Humaitá: Sessenta a Gritar para o Helicóptero

lo maestro Nicolau Martins de Oliveira, nascido aqui. E a avenida Patrício Lima, primeira imagem que encontrei da Cidade Azul, ficou gravada na minha mente. Não é por acaso que eu tenho este carinho por ela. Mas, voltando ao tema amargo de nossa obra, Humaitá também "comeu o pão que o diabo amassou" ... Rio fora do leito, logo geladeiras, fogões, pacotes de "Bombril" etc, começaram a desfilar na avenida Patrício Lima e ruas transversais. E quando a tromba d'água se fez realidade, surgiu o mar de lama, de água amarela.



Observe-se o verdadeiro mar ao fundo, no bairro Humaitá.

A igreja e a Escola Estadual ficaram repelidas de flagelados. Todos em pânico, sem alimentos nem condições humanas de sobrevivência.

Uma senhora entrevistada disse ter ficado em uma residência de dois andares. Eram aproximadamente sessenta pessoas.

Tudo ia razoavelmente aceitável. Mas, para o susto geral, a água avançava... e tanto avançou que já se mostrava dominante no chão da casa.

Os homens se puseram a improvisar uma claque ante o olhar aflito dos outros. Escadas aparelhadas e o desespero voltou quando pessoas da família, de mais idade, não conseguiram subir. Tiveram que passar por uma peça cheia de água a fim de atingir o andar superior.

Tentaram fugir para local mais seguro... mas baldados foram seus esforços. Tiveram que se sujeitar ao perigo. Do segundo andar acompanhavam a catástrofe. Tudo aos poucos ia provocando uma sensação de fim, de morte. A angústia, as lágrimas e desespero já eram parte do quadro horrendo. Fugir não foi possível.

Mas... um helicóptero!

- Gritemos!

- EEEEEEEEEE!!! SOCORRO! SOCORRO! Vozes de toda a espécie de timbre e tonalidade, a maioria roucas e angustiadas, se faziam ouvir.

O aparelho voou mais baixo. O vento era fortíssimo. Uma tentativa de descer... frustrada.

- Socorro!

- Se ele não descer, morreremos todos!

- Desce, moço! Socorro!

Tudo em vão... o aparelho anunciou ser por demais arriscada a empresa... e sumiu novamente no céu.

Praticamente uma semana ficou este povo apanhar água da chuva a fim de resistir ao monstro. A alimentação eram alguns grãos de arroz na fervida. Dormiam uns amontoados sobre os outros... se é que dormiam... quem poderia dormir numa situação semelhante?

Todos pálidos... as feições cansadas. Todos refletindo a angústia dos terríveis momentos diluvianos que pareciam não mais terminar.

A fome após a enchente, sustentam muitos, foi pior do que o próprio aguaceiro. Sobre isto falaremos adiante.

Em frente à casa em foco, outra residência bem fraca, sucumbia aos poucos, com três pessoas gritando desesperadamente por socorro. Água, correnteza...

Em pouco tempo... a casa caiu de vez, matando os três ocupantes. Era o fim deles.

Quem assistiu a esta dantesca cena, começo a chorar. As mulheres gritavam, consoladas pelos homens, mais fortes. Mas a emoção era geral. Ao mesmo tempo, madeiras investiam com força da correnteza contra a casa, dando a impressão de que logo eles também se tornariam vítimas da enchente.

A chuva cessou e foram em busca de alimentação. Atolaram-se no lodo até a cintura, no térreo. O mercado municipal foi arrombado e dele retirado um número limitado de alimentos, mas que garantiu a subsistência até que viessem os auxílios de outros povos.

Em outras cidades ecoavam as manchetes de jornais radiofônicos: TUBARÃO NÃO EXISTE MAIS! MILHARES DE MORTOS NA CIDADE AZUL! TUBARÃO SUMIU DO MAPA!

Isto tudo para pânico dos parentes que residiam nestas outras cidades.

Em outros bairros podem até mesmo ter acontecido fatos igualmente dignos de registro. Perdone-nos o leitor que deles tiver conhecimento.

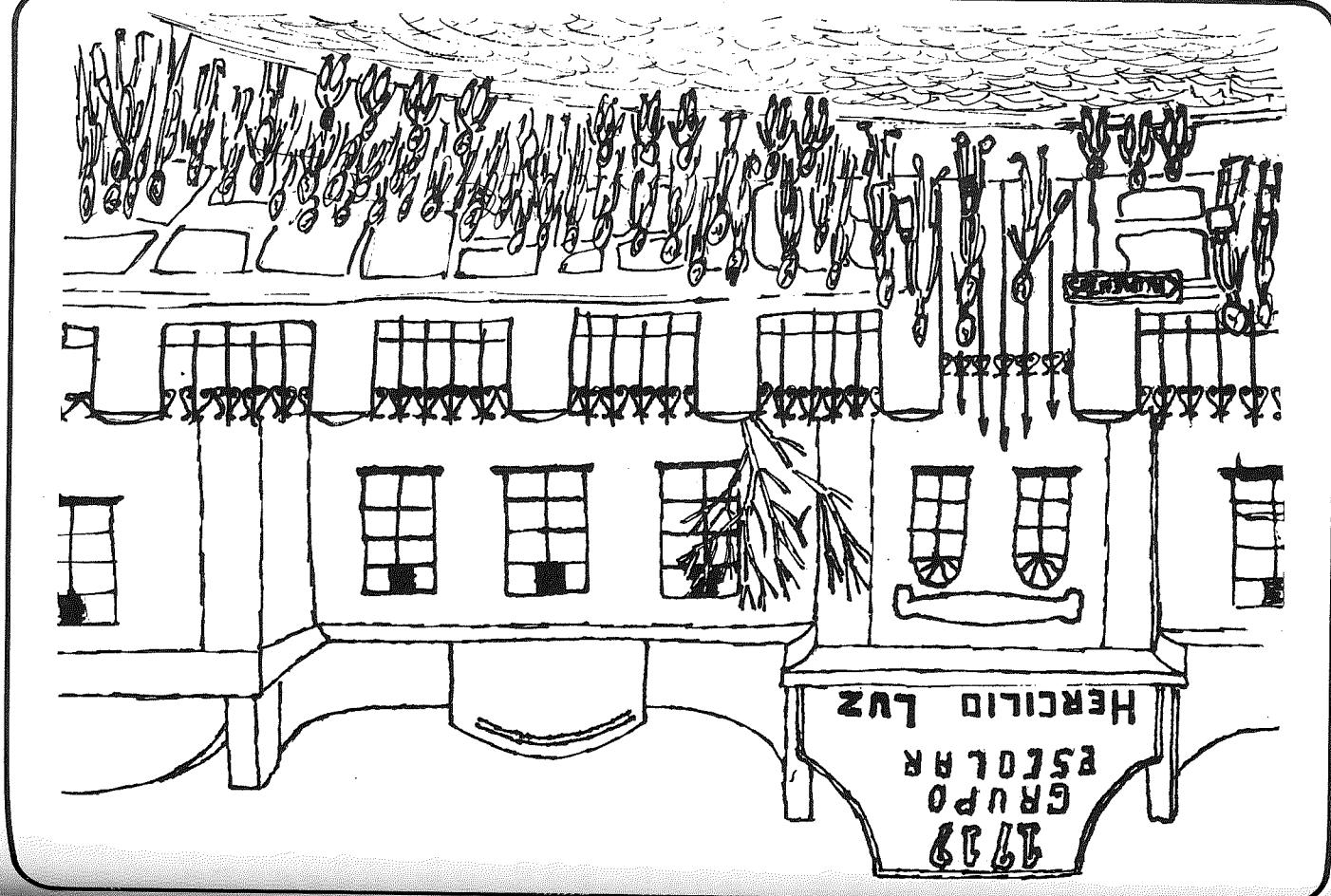
Mas, para a pesquisa que realizamos, estáfindo o trabalho em relação a bairros. Quem souber de mais fatos, envie a este autor, que ficarei muito satisfeito.

Quem sabe a segunda edição, se houver aprovação do povo, será mais completa, levando ao Brasil de forma mais convincente, o heroísmo deste faveloso povo da Cidade Azul?

O Espectro da Fome

Este foi um dos maiores pesadelos da catástrofe. Talvez tenha sido mesmo o mais sério desafio dos flagelados.

Até que as águas baixassem e fossem os atingidos pelo lodo até o morro da Catedral e outro



postos de distribuição de alimentos, foi dura a es-
pera.

E a verdade dura é que os alimentos eram ra-
cionados. Quantos milhares iam em busca de alimen-
to!

De todo o país, víveres eram enviados e dis-
tribuídos pela unidade militar municipal, que é a
2a. Companhia de Infantaria.

Um senhor que vinha da capital com um saco
de pães enorme o teve esvaziado no trajeto a pé Ca-
pivari-centro. Os pães eram para familiares. Porém,
como negar ante os olhares famintos e suplicantes
dos pedintes?

Muitos porém não conseguiram ainda, devido às
pessimas condições em que ficaram as vias de aces-
so, atingir os postos de distribuição.

A exemplo do citado na narração do bairro
Humaitá - onde passaram comendo grãos de arroz, em
água fervida - em muitos outros bairros a fome se
manifestou como gravíssimo problema.

As crianças choravam desesperadamente pe-
dindo comida. Neste ponto, recordo a grande obra
de Rachel de Queiroz, O Quinze, onde a seca ter-
rible do Nordeste provocava a fome das pobres cri-
anças que pediam à Cordulina:

- "Tô tum fome... dã tumê..."

As crianças daqui do sul na inundação tam-
bém pediam com idêntico desespero às mães, por al-
go que lhes enganasse o estômago.

A diferença básica é que lá no Nordeste se
morre de fome devido às terríveis secas, como a de
1915 - que dá o nome ao romance da consagrada es-
critora, e aqui em 1974 foram registradas mortes
por inanição, devido ao excesso de água.

A verdade é que muitos que escaparam da inun-
dação não resistiram à fome.

Nas filas quilométricas dos postos de dis-
tribuição, ricos e pobres se igualavam no mesmo des-
tino: o de flagelados.

Doutores, empresários, operários, desempre-
gados, colonos, todos eram iguais no momento extre-
mo da luta pela sobrevivência.

Quem sabe até mesmo inimigos renovaram a
concordia no palco apocalíptico da tragédia?

Mas olhar apenas não resolvia a situação horrenda. Pás, picaretas, enxadas e muita determinação foram as armas escolhidas para a terrível batalha da reconstrução.

O amor à terra reconstruiu Tubarão. Por todos os cantos, e em cada quinta imensa quantidade de lodo era retirada. E o povo trabalhava, e trabalhava cantando para esquecer a profunda marca que estava no coração de cada um.

"Reconstruir é Viver" foi o lema adotado pela administração municipal de então, que estava a cargo do político Irmoto Feuerschuette.

E o prefeito também aderiu à atmosfera de otimismo no trabalho pela reconstrução. Pelo menos é o que afirmam inúmeros tubaronenses, inquiridos por este autor acerca da atitude tomada pelo homem que comandava os destinos do município.

Com o tempo, as casas derrubadas eram levantadas e até mesmo mais bonitas ficavam. Os jardins de lama tinham de volta o seu viçoso verde. Nada é impossível a quem quer, por mais difícil que seja.

E Tubarão, aos poucos, foi respirando a atmosfera do progresso novamente. Graças à determinação dos seus cidadãos.

O cataclismo chamou a atenção do restante do país, que passou a observar Tubarão com uma atenção muito maior.

E assim... a Cidade Azul começou novamente a brilhar.

Auxílios para a Reconstrução

Assim como para o socorro às vítimas, surgiram auxílios de diversas entidades de todo Brasil e até mesmo do exterior, para a reconstrução da cidade, nossa gente não foi esquecida.

Nas páginas 24 e 25 do livreto publicado pela Prefeitura Municipal de Tubarão, relacionado ao término do mandato do Dr. Irmoto Feuerschuette, estão registrados auxílios recebidos de outros órgãos.

Além de CR\$ 10.000.000,00 (dez milhões de cruzeiros), cedidos pelo Governo da União, destinados à recuperação da cidade, a administração ainda recebeu os seguintes auxílios:

- CR\$ 23.000,00 (vinte e três mil cruzeiros) da Comissão Estadual de Defesa Civil, para a construção de casas, face ao elevado número de desabrigados com as cheias que molestaram a cidade.
- CR\$ 100.000,00 (cem mil cruzeiros) da SERFHAU para a implantação do Cadastro.
- 624 (seiscentos e vinte e quatro) tubos de diversas bitolas do DNOS para reconstrução de esgotos pluviais. Segundo o citado livreto, os auxílios do Governo do Estado, estavam assim discriminados:
 - CR\$ 100.000,00 (cem mil cruzeiros) para a construção de calçamento no progressista bairro de Capivari.
 - CR\$ 100.000,00 (cem mil cruzeiros) para aquisição de terreno para a implantação da Color S.A.
 - CR\$ 100.000,00 (cem mil cruzeiros) para pagamento de pessoal.
 - CR\$ 220.000,00 (duzentos e vinte mil cruzeiros) para reconstrução de estradas.
 - CR\$ 387.000,00 (trezentos e oitenta e sete mil cruzeiros) para a reconstrução de pontes localizadas no município, danificadas com a catástrofe.
 - CR\$ 218.000,00 (duzentos e dezoito mil cruzeiros) para a reconstrução da ponte pênsil no bairro de Oficinas.
 - CR\$ 2.200.000,00 (dois milhões e duzentos mil cruzeiros) para a realização dos XVII Jogos Abertos do Estado de Santa Catarina. A realização do importante certame em nossa cidade veio como uma prova ao Estado de que Tubarão estava mais viável do que nunca.

As colaborações do Ministério da Educação e Cultura também foram registradas na publicação da P.M.T. Foram as seguintes:

- CR\$ 456.000,00 (quatrocentos e cinqüenta e seis mil cruzeiros) para a construção do Ginásio de Esportes "Francisco Salgado" - o "Salgadão" - no bairro ferroviário de Oficinas. (DED/MEC)
- CR\$ 900.000,00 (novecentos mil cruzeiros) para a construção do Ginásio de Esportes de Capivari. (DED/MEC)
- CR\$ 80.000,00 (oitenta mil cruzeiros) para a construção da Escola Municipal de 1º Grau (1a. fase) do bairro Humaitá.
- CR\$ 5.000,00 (cinco mil cruzeiros) para a aquisição de cadernos.
- CR\$ 23.000,00 (vinte e três mil cruzeiros) para a construção de escolas.
- O Ministro do Interior movimentou-se também para ajudar o município de Tubarão. Assim está discriminada a ajuda daquele Ministério:
 - CR\$ 1.000.000,00 (um milhão de cruzeiros) para reequipamento.
 - CR\$ 70.000,00 (setenta mil cruzeiros) a fim de reequipar também.
 - Agora virão os heróis anônimos. Intitulados de "Diversos" aqui estão órgãos e pessoas que, no animato, doaram de si em prol de Tubarão. Aos que contribuíram anonimamente, a nossa gratidão eterna.
 - CR\$ 70.326,79 (setenta mil, trezentos e vinte e seis cruzeiros e setenta e nove centavos) para ajuda aos flagelados.
 - CR\$ 60.000,00 (sessenta mil cruzeiros) para a reconstrução de Tubarão.
- Segundo o mesmo livro informativo da administração Dr. Irmoto Feuerschuette, o montante dos auxílios recebidos durante a gestão foi CR\$ 16.319.326,79 (dezesseis milhões, trezentos e dezenove mil, trezentos e vinte e seis cruzeiros e

setenta e nove centavos), quantia superior à arrecadação tributária durante os quatro anos de trabalho daquele prefeito.

Tal quantia realmente é fabulosa, principalmente levando em conta a época em que foi arrecadada.

Os Dez Milhões Federais

Os dez milhões citados anteriormente, que foram cedidos pelo Governo para a recuperação de tudo o que foi afetado, foram aplicados através do Governo do Estado, pela Prefeitura Municipal, mediante prévio plano geral traçado pelo Governo Federal.

Foi utilizada a concessão governamental da seguinte forma:

- CR\$ 2.730.000,00 (dois milhões, setecentos e trinta mil cruzeiros) - equipamentos.
- CR\$ 1.300.000,00 (um milhão, trezentos mil cruzeiros) - em redes de águas pluviais.
- CR\$ 4.000.000,00 (quatro milhões de cruzeiros) em construção de residências.
- CR\$ 800.000,00 (oitocentos mil cruzeiros) - em construções de Núcleos Comunitários.
- CR\$ 630.000,00 (seiscentos e trinta mil cruzeiros) - em construção de escolas.
- CR\$ 540.000,00 (quinhentos e quarenta mil cruzeiros) - em reconstrução de escolas.

Convênios Relacionados com a Tragédia

Nos anos de 1974 e 75, a Prefeitura se empenhou em conseguir alguns convênios a fim de reconstruir a cidade.

No dia 13 de setembro do trágico ano de 1974, a P.M.T. assinou convênio com o D.E.R. - Departamento de Estradas de Rodagem do Estado - a fim de providenciar a reconstrução de vinte e duas pontes dentro do município.

A 16 de dezembro do mesmo ano, foi assinado outro convênio, com o mesmo Órgão estatal catariense, desta feita com a finalidade de recuperar e providenciar melhorias nas estradas do sistema rodoviário municipal, seriamente atingidas pelas cheias violentas.

O primeiro foi da ordem de CR\$ 374.122,00 (trezentos e setenta e quatro mil, cento e vinte e dois cruzeiros) e o segundo de CR\$ 200.000,00 (duzentos mil cruzeiros).

Em 1975 outros convênios foram celebrados entre o Executivo de Tubarão e outros órgãos, a saber:

- Convênio entre a Prefeitura Municipal e o Departamento de Estradas de Rodagem do Estado no valor de CR\$ 279.010,00 (duzentos e setenta e nove mil e dez cruzeiros) para a reconstrução da ponte pênsil que fica em frente à Fundação Educacional do Sul de Santa Catarina-FESSC.
- Convênio firmado a 23 de maio entre a P.M.T. e o D.E.R./SC no valor de CR\$ 312.000,00 (trezentos e doze mil cruzeiros), com a finalidade de recuperar e melhorar estradas atingidas pela catástrofe entre:

- Seminário - Morrotos
- Guarda - Pedrinhas
- Guarda - São Ludgero.

Administrações Pós-Catástrofe:

Algo a Respeito

A administração municipal quando da tragédia tinha no seu comando o Prefeito Irmoto Feuerschuette e como Vice-prefeito Paulo Osny May. Assumiu o poder eleito pelo povo em 1977 o Sr. Paulo Osny May, tendo como Vice o Sr. Angelo Zabot.

Em 1980 o Sr. Paulo Osny May, bem como todos os prefeitos eleitos em 1976, teve seu mandato prorrogado por mais dois anos, razão pela qual temos hoje na administração municipal - a edição desse livro é de 1981 - ainda o Dr. Paulo May.

A grande virtude do atual prefeito, na minha opinião, é o senso paisagístico. A cidade está muito bonita e é um cartão de visitas realmente encantador.

Logo no início da gestão, ele criou a COUDETUR Companhia de Urbanização e Desenvolvimento de Tubarão, agilizando a execução de diversas obras, principalmente pavimentações.

A Avenida Marechal Deodoro é digníssimo cartão postal de Tubarão, graças ao seu calçamento de lajotas, arborização, construção de estacionamento amplo, jardins, iluminação, calçadas em "petit pavé" e pistas largas. Graças ao Dr. Paulo May, justiça seja feita.

O toque mágico deste elogiável homem público se faz presente também na Praça Sete de Setembro, encantador ponto turístico da Cidade Azul. Esta totalmente urbanizada a Praça Sete, conforme é chamada carinhosamente pela população. Várias atrações para a infância e adolescência foram ali inseridas também. Isto sem falar no estacionamento e no bar conhecido como "Quiosque".

As praças da Catedral e Matriz São José operário também foram embelezadas, tornando-se agrada veis pontos de visita para o turista e de passeio para os habitantes.

Muito mais de vinte quilômetros de artérias já foram pavimentados até hoje pela P.M.T. desde que Paulo May assumiu. Mais de 60 km de rede de esgotos são realidade hoje.

Mais de cinqüenta pontes, pontilhões e bueiros foram edificados no território de Tubarão. Dez escolas foram construídas, quinze quadras, vinte e dois Conselhos Comunitários foram criados.

Em Oficinas a ponte sobre o rio Tubarão assume impulso final. Há muito ela é aguardada. Mas, sem dúvida, a mais discutida obra de Paulo Osny May é a implantação do novo cemitério, estilo "parque", na Ilhota, tendo em vista a superlotação do antigo campo santo.

Claro que não tínhamos pretensões de, neste curto espaço, demonstrar toda a obra do atual Chefe do Executivo. Simplesmente e sem nenhuma preten-

são, munimo-nos de livros e folhetos distribuídos pela Assessoria de Relações Públicas, Promoções e Imprensa da P.M.T. e fizemos dentro de nossas limitações uma simples homenagem ao segundo mandatário depois da enchente.

Importante: abstendo-me de comentar a administração de Irmoto Feuerschuette e May. A homenagem eu fiz. O julgamento ao povo pertence.

Nossos Legisladores...

Fica aqui também a singela lembrança àquelas que fazem as leis do município, aos defensores legítimos dos interesses da população na época da catástrofe e hoje.

Por ocasião da hecatombe: César Damião (presidente), Edson P. Carvalho, Francisco Adolfo Silva, Mário Botega, Wendramim Silvestre, Norberto Brunatto, Roberto Willemann, José Antônio Rocha, Karl Heinz Butter, Leontino Nascimento, Olindo Marcon, Luiz Carlos Brunel Alves, Ciro Motta.

Gestão atual: as novidades são Luiz Martinho Correa, Walmor Zácaron, Lindomar Manoel de Souza, Alvaro Lopes, Antonílio Larroyd, Edgard Luis Fernandes, José Paulo Lapilli, Herminio Silva e Dalmo Hercílio Soares.

Aos membros da Câmara Municipal de Tubarão,

os cumprimentos deste autor.

Nossos Respeitos à Justiça

Não podia ficar para trás a nossa homenagem ao Poder Judiciário de Tubarão. Respeitosos cumprimentos ao Dr. Fernando Olavo S. Thiago, Juiz de Direito da 1a. Vara Cível; ao Dr. Alvaro E. Filho, Juiz de Direito da 2a. Vara Cível; ao Dr. Leonardo A. Nunes, Juiz de Direito da 3a. Vara Cível e ao Dr. José Geraldo Batista, Juiz de Direito da Vara Criminal.

Aqui fica a homenagem deste autor aos que lutam pela manutenção da Justiça.

Viva, Então, o Quarto Poder!

A imprensa é o quarto poder. Por esta razão, e acreditando na importância dos órgãos de divulgação, fica aqui a homenagem aos órgãos de imprensa de Tubarão, e outros com sucursal aqui. Jornais: Imprensa do Sul, Tribuna Sulina, e Jornal da Cidade.

Órgãos com sucursal: "O Estado" de Florianópolis; "Jornal de Santa Catarina" de Blumenau; "Correio do Sudeste" de Criciúma.

Edita um suplemento chamado "Folha de Tubarão", o órgão "Folha da Semana", de Orleans. E o "Cobertura", da capital, nos cobre com simpatia. As emissoras radiofônicas tubaronenses são as seguintes:

- Rádio Tubá, que promoveu a Noite de Autógrafos desta 1a. edição de "Tubarão 74 - A Catástrofe".

- Rádio Tabajara
- Rádio Santa Catarina

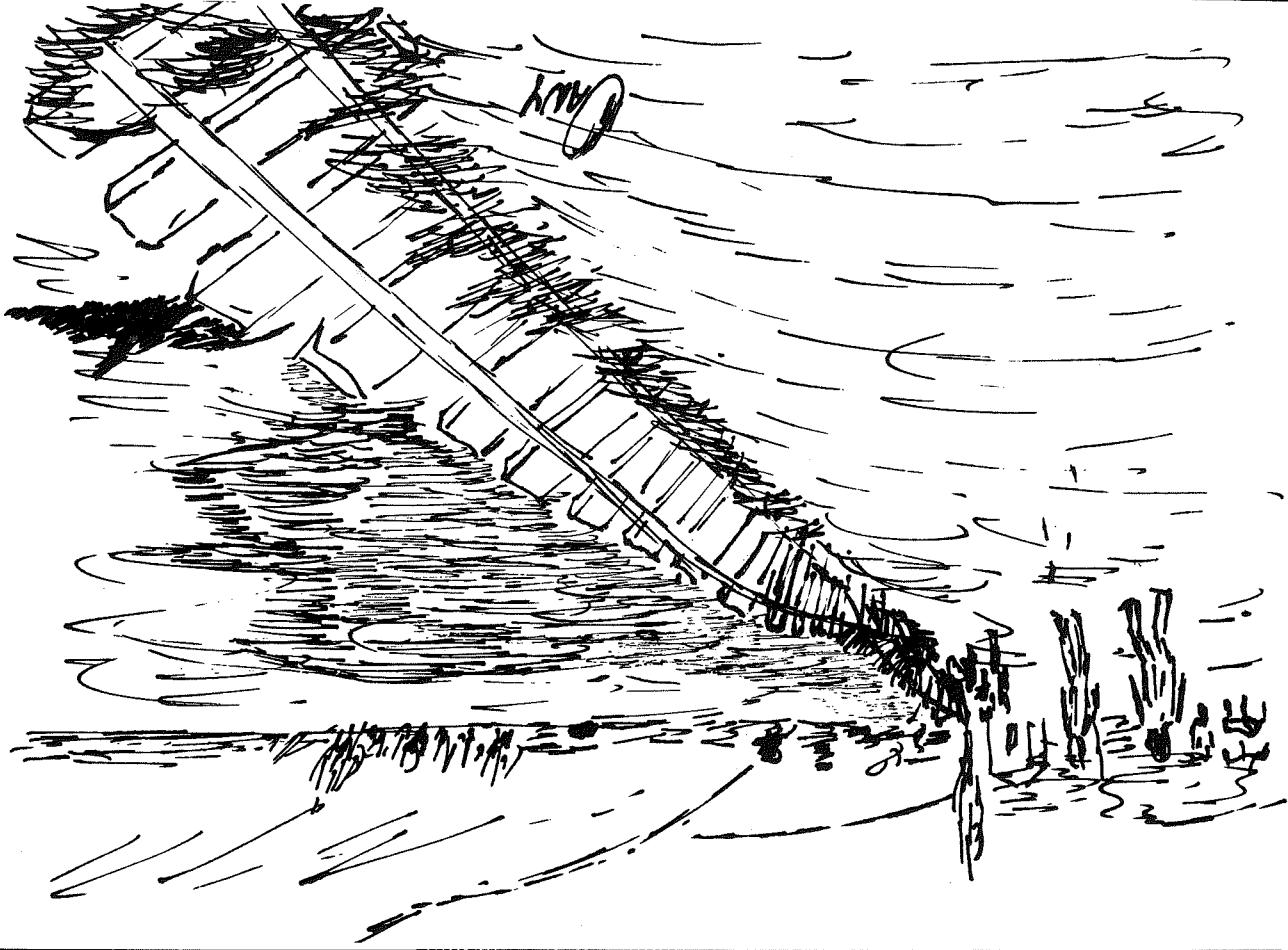
Honram-nos com suas ondas sonoras as seguintes emissoras regionais: Rádio Garibaldi e Rádio Difusora (Laguna); Rádio 26 de Abril (Imaruí); Rádio Difusora (Imbituba); Rádio Eldorado (Criciúma); Rádio Guarujá (Orleans); Rádio Cruz de Malta (Lauro Müller). A região se sente enriquecida também com a espetacular opção, no seletor, da TV Eldorado de Criciúma.

Ao chamado "Quarto Poder" a nossa homenagem, eximindo-nos da culpa de algum esquecimento, pelo qual pedimos sinceras escusas.

Lauro Müller: Alvo das Cheias

A vizinha cidade de Lauro Müller, localizada na serra, é delicioso recanto, digno de visitação.

O município é progressista, principalmente se levarmos em conta a mineração que também lá se faz presente.



Apesar de seu progresso, sua beleza e do seu povo tão acolhedor, Lauro Müller parece mais um réu castigado por um crime que não cometeu. Para seu povo, a década de 70 foi negra e inesquecível.

Logo em 1971 uma enchente deixou a cidade em estado de calamidade pública, matando várias pessoas e deixando muitos desabrigados. Esta é considerada como "primeira enchente".

Em 1974, as famosas cheias aconteceram, deixando a cidade de Lauro Müller desolada, pois foi atingida seriamente. A enchente novamente deixou Lauro Müller em estado de calamidade pública.

Rafael Córdova, assessor da Prefeitura Municipal da cidade de Lauro Müller no tempo da catástrofe, discorreu sobre as causas da enchente. O fenômeno ocorreu devido a fortes massas de chuva que se registravam em toda a região. Como decorrência do tempo chuvoso que era notado há mais de trinta dias, ocorreu que toda a vegetação e terra, principalmente nas encostas dos morros, deslocaram-se provocando deslizamentos. Diques foram sendo formados, assim, pela ação da própria natureza.

Quando a água atingiu a certa altura, estes diques naturais se romperam, vindo as avalanches. Terra e água, tudo que era trazido desceu, atingindo Lauro Müller e cidades ribeirinhas até Tubarão, onde a calamidade teve enormes proporções.

Segundo ele, as estatísticas oficiais confirmaram nas duas catástrofes lauromüllenses apenas oito óbitos.

A cidade ficou arrasada e se reergueu com a colaboração do povo e ajudas estaduais e federais. Inúmeras famílias perderam tudo e corajosamente voltaram a dias melhores graças a ajuda de familiares e amigos e sua própria determinação.

O comércio de Lauro Müller, quase totalmente localizado à beira-rio, foi muito atingido, impossibilitando ao povo a compra de gêneros de urgência.

Chocou a cidade a morte do Sr. Aquilino Locatelli estimado comerciante da terra lauromüllerense - e de seu filho Dario, na ocasião com dezes-

sete anos, de temperamento muito alegre. Segundo informações populares, o comerciante e o filho foram tentar salvar um cofre de seu estabelecimento comercial, que continha considerável soma em dinheiro. Ao buscarem atravessar a ponte, de automóvel, as águas levaram a mesma e o carro, matando a ambos. O triste fato consternou a sociedade larense.

sete anos, de temperamento muito alegre. Segundo informações populares, o comerciante e o filho foram tentar salvar um cofre de seu estabelecimento comercial, que continha considerável soma em dinheiro. Ao buscarem atravessar a ponte, de automóvel, as águas levaram a mesma e o carro, matando a ambos. O triste fato consternou a sociedade lau-romântica.

Segundo informações do povo, determinada vaca vinha na correnteza, quando foi laçada por populares e puxada para fora do rio. A mesma já estava morta, mas foi possível retirar três litros de leite, que mataram a fome de três crianças. Estas estavam correndo o risco de morrer por inanição, devido à escassez de alimentos do outro lado do rio. Houve comerciantes que possuíam prédios, restaurantes, lanchonetes, otimamente instalados no centro da cidade, que tudo perderam. Mas o tempo cura todos os males. Com a graça de Deus se recuperaram.

Um fato marcou a população de Lauro Müller.
- O que é aquilo na correnteza do rio? Não
é uma casa?
- Veja! Pessoas no seu interior gritando por
socorro

כטבנש ענין אנה הינה

Era impossível ajudar. O que fazer? Todos se desesperavam ao observar a agonia daquela família. Sem nada poder fazer. A casa era levada e no seu interior, desesperados se os humanos.

Mass-de renente

De repente a casa encostou no barranco. Que felicidade! Todos foram resgatados! Final feliz para a agonia.

Aquaceiro na Terra das Colinas

Visitar Orleans é um sossego para o espírito. Como é linda e hospitaleira!

A Matriz, o Jardim... tudo convidativo ao e à paz.

Aclives e declives são a característica marcante da admirável "Terra das Colinas".

Particularmente tenho um carinho muito especial pela localidade de Laranjeiras, região da ponte, onde o rio é maravilhosamente belo. Pedrinhas e mais pedrinhas à margem, onde outrora estava a maior parte do leito do rio. Um verde aedor que parece não ter mais fim. Simplesmente maravilhoso o lugar!

Ali, diz o povo, a enchente castigou bastante fazendo o nível do rio subir muitos metros além do normal.

Em Orleans as regiões mais castigadas foram as baixas, sendo que a opção foi escapar para as zonas mais altas.

Em Pindotiba, o primeiro objeto visto pela população foi um carrinho de bebê, sendo arrastado pela correnteza.

O volume d'água não parava de aumentar, ocasionando a perda de madeira para construção de uma ponte e derrubando também pilares da mesma. Um fato interessante: certo rapaz teimava em atravessar a ponte de arame. E a água já estava cheia carregando a mesma.

- Não atravesse, seu maluco! - gritavam as pessoas, em reprevação à perigosa atitude do moço.
- Eu tenho que atravessar! A ponte não foi elevada até agora, não será em um minuto...
- Caramba! disse o moço.

Queres morrer, não e, teimoso?
Quem sabe da minha vida sou eu!

entou atravessar. Oi Deus quem o acudiu. Assim que ele colo-
e salvo, os pés na outra margem, a ponte

O rio mostrava o mais pitoresco desfile de bois, mesas, televisores, oriundos das cidades de Lauro Müller, Orleans e outras. Até mesmo uma fécula foi carregada, ficando no local somente algumas engrangagens. Partes da conhecida "ponte de ferro" foram levadas e outras ficaram atravessadas no rio.

Três semináristas vieram de Tubarão a pé. Na hora de atravessar o rio a nado, os familiares gritavam desesperadamente do outro lado que não, a correnteza era fortíssima, não seria possível. Teimaram e um deles só não morreu porque o irmão foi ajudá-lo no meio do rio. Toda a região sofreu com os prejuízos na lavoura de fumo, feijão e arroz. Todo o município de Orleans foi prejudicado com as cheias daquele inesquecível março.

Armazém: Muitas Barreiras na Área Rural

Armazém é graciosa cidade de nossa região. Ela nem sempre teve este nome. Antigamente chama-se Alto Capivari e pertencia ao território do município de Tubarão.

Em Armazém várias residências e casas comerçais foram atingidas pelas águas, apesar de não haver sido divulgada nenhuma vítima fatal. Por nove dias ficou interditada a estrada geral, segundo informações daquela cidade.

Uma família passou uma semana comendo apenas milho verde. Água potável? Só nos sonhos tristes madrugadas!

Na área rural inúmeras barreiras caíram. Uma delas sobre determinada casa. No interior da mesma... por sorte não havia ninguém.

Durante cerca de uma semana, nada de banho e roupa nova. A água era totalmente barrenta.

Felizmente Armazém não foi das mais atingidas. E, por fim, helicópteros pousaram trazendo mantimentos e tranquilizantes à população. Vacinas garantiram também o sossego da população quanto às doenças.

Conheci Braço do Norte na ocasião em que acompanhei ao sul a banda da Fundação Educacional de Volta Redonda. Todos nós fomos muito bem recebidos pela paróquia.

Que praça linda! Que povo acolhedor! Nunca mais esqueci Braço do Norte! E foram apenas duas horas!

Os braçonortenses devem lembrar-se bem da nossa visita, pois o salão ao lado da igreja ficou repleto. Foi num domingo, nos últimos dias de julho de 1978.

A acolhedora Braço do Norte sofreu muito com as cheias de 1974.

Como nas outras cidades, há muita lembrança tristes dos tempos da enchente. Dá conta o povo de que um rapaz morreu ato-dado no lodo, ao tentar salvar a mãe. Afundou, afundou, até que não mais apareceu.

Na tristeza de um agricultor fica representada toda a angústia da querida Braço do Norte, bastante sacrificada pelas cheias:

- Perdi meu gadinho, minha plantação... tudo na enchente... ah, meu milho, tao bonitinho, per-to da colheita!

Hoje, Braço do Norte voltou ao normal, para nossa satisfação.

Mortos nas Redondezas

De acordo com o jornal Correio do Povo, de 14.09.74, p. 11, foram os seguintes os mortos oficialmente registrados nas cidades vizinhas de Tubarão, por ocasião da catástrofe:

São Ludgero: Nelzio Manoel Amphiloquio.

Braço do Norte: Martinho Valdmiro de Souza.

Gravatá: Florentina dos Reis Pereira e Valéria dos Santos Pereira.

Armazém: Catarina Joana Vieira, Zelino Antônio da Rosa, Zilma Vieira da Rosa, Antonio Vieira da Rosa, Célio Vieira da Rosa, Marci Vieira da Rosa, Eloi Vieira da Rosa e Joana Vieira da Rosa.

Criciúma: Glênio Inácio Velho e Jaime Manoel Santana.

Urussanga: Benvenuto Piovezan, Valmor Burin.

Treze de Maio: Oranio Filomeno de Medeiros, Clésio Formentim de Medeiros, José Mário Formentim de Medeiros, Amilton F. de Medeiros, Dilnei Formentim de Medeiros, Maria das Graças de Medeiros, Eloir de Medeiros, Olivio de Medeiros, Pedro de Medeiros, Rosania de Medeiros, Rogério de Medeiros, Neudi de Medeiros, Cleusa de Medeiros e Walmor João Coelho.

Praia Grande: Idebrando José Alves, Ana G. Alves, Zeferino Ildebrando Alves, Maria Ormilo de Souza, Francisco de Souza, Dalila Pereira Gonçalves, Marlene Gonçalves, Soelli Ventura Gonçalves, Paulo Sérgio Gonçalves, Selyo Rosalina dos S. Gonçalves e Ely Rosalina dos Santos.

São João do Sul: Maria de Lourdes Aguiar, Luiz Carlos Aguiar, José Ronaldo Aguiar, Maria L. de Matos, Roque Lumertz de Matos, Maria L. Feliciano, Jeane Lumertz de Matos e Solina dos Reis.

O povo acredita que o número de mortos teria sido maior, mas estes são os mortos divulgados pelo competente Órgão de imprensa gaúcho.

Os Mortos na Cidade Azul

Acerca do número de mortos na enchente de 1974, várias afirmações foram registradas na época. Falou-se em trezentos, quinhentos, mil e até cinco mil mortos. Na verdade não é fácil precisar o número de vítimas. Porém, de acordo com a mesma edição do "Correio do Povo" eram conhecidos até setembro nomes de cem pessoas falecidas no decorrer das cheias sul-catarinenses, cujos corpos foram identificados. Na ocasião da publicação da reportagem vinte e seis pessoas não haviam sido identificadas e nove continuavam desaparecidas. Mas, note-se bem, isto era oficialmente.

Os dados oficiais constam do relatório oficial do Governo do Estado, preparado pela Coordenadoria Estadual de Defesa Civil, mediante informações recolhidas junto a cartórios, Comissões Municipais de Defesa Civil e Delegacia de Polícia até 31 de julho de 1974.

Segundo o mesmo relatório, há possibilidade de haver outras pessoas mortas e desaparecidas não registradas nos órgãos competentes.

Até então eram os seguintes os mortos registrados: Otília Espíndola Damian, João Batista Barcelos Rosa, Maria Antonia da Silva, José S. Corrêa, Marli Souza de Oliveira, Orlandina de Melo, Bonifácio Anastácio Rodrigues, Dotina G. Constantina, Saturnina Rogério Tonon, Theodoro Tonon, Maria de Lourdes Tonon, Antonio Carlos Velho, Edmundo Ries, Silvio Schneider, Ruben Camilo de Bittencourt, Cecilia Candida Mathilde, Valdir Vargas, Antonio Luiz C. Kuerten, Francisco Maiate da Silva, João Jovêncio Castro, José de Jesus, Antonio J. Oliveira, Francelino de Souza Oliveira, Maria dos S. Oliveira, Serafim de Oliveira, Diomar dos Santos Oliveira, Terezinha Aparecida de Oliveira, Nelzi da Silva Oliveira, Marlize Silva Oliveira, Maria E. Silva Oliveira, Manoel Figueiredo, Arlindo de Oliveira, José de Oliveira, Maria de Oliveira, Carolina de Oliveira, Pedro Figueiredo, Serafim J. de Oliveira, Odete de Santos Oliveira, Maria de F. de Oliveira, Antonio de Oliveira, Tereza Aparecida de Oliveira, Rosa de Oliveira, José Passos de Oliveira, Pedro de Oliveira, e Rosimeri Espindola Damian.

Se mais houve, não nos foi possível apresentar.

Tubarão, "O Teu Futuro Será Feliz"

Quem observa Tubarão nem sequer imagina o que aqui aconteceu. O progresso chegou, olhou e...

O futuro de Tubarão é pródigo. Como disse com muita felicidade no Hino do Município, Walkíria Búrigo de Carvalho, "o teu futuro será feliz".

O povo, com muito sacrifício, reconstruiu a preciosa jóia do sul catarinense. As indústrias começam a se fazer cada vez presentes em maior número. Raiou o sol do progresso no horizonte azul de Tubarão.

Na mente de cada um, a indagação: será que a Cidade Azul voltará a ser a mesma? Terei emprego quando tudo voltar à calma? Só o futuro poderia dizer.

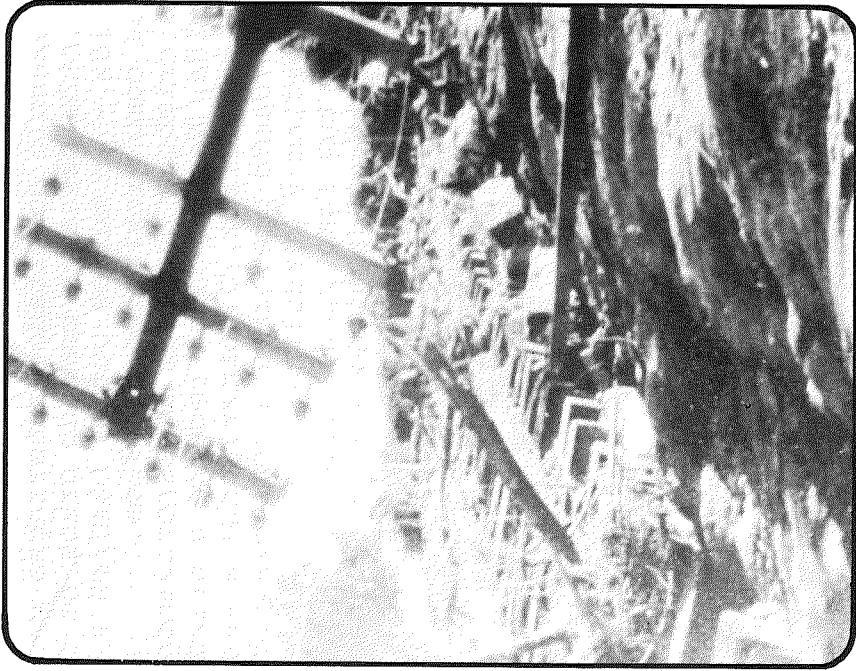
Ideal de Reconstrução

Isto a história vai registrar: o tubaronense é um forte. E, acima de tudo, tem determinação. Em alguns anos, Tubarão já estava até mais pujante do que antes da hecatombe.

A chuva cessara e o espectro de cidade varrida por uma força incomum estava ante os olhares incrédulos da população.



Reconstrução de Tubarão, Rua Lauto Miller.



Eis o espetro da destruição, desafio para o povo de Tubarão.

Mas olhar apenas não resolvia a situação horrenda. Pás, picaretas, enxadas e muita determinação foram as armas escolhidas para a terrível batalha da reconstrução.

O amor à terra reconstruiu Tubarão. Por todos os cantos, e em cada quinalha imensa de lodo era retirada. E o povo trabalhava, e trabalhava cantando para esquecer a profunda marca que estava no coração de cada um.

"Reconstruir é Viver" foi o lema adotado pela administração municipal de então, que estava a cargo do político Irmoto Feuerschuette.

E o prefeito também aderiu à atmosfera de otimismo no trabalho pela reconstrução. Pelo menos é o que afirmam inúmeros tubaronenses inquiridos por este autor acerca da atitude tomada pelo homem que comandava os destinos do município.

Com o tempo, as casas derubadas eram levantadas e até mesmo mais bonitas ficavam. Os jardins de lama tinham de volta o seu viçoso verde. Nada é impossível a quem quer, por mais difícil que seja.

E Tubarão, aos poucos, foi respirando a atmosfera do progresso novamente. Graças à determinação dos seus cidadãos.

O cataclismo chamou a atenção do restante do país, que passou a observar Tubarão com uma atenção muito maior.

E assim... a Cidade Azul começou novamente a brilhar.

Auxílios para a Reconstrução

Assim como para o socorro às vítimas, surgiram auxílios de diversas entidades de todo Brasil e até mesmo do exterior, para a reconstrução da cidade, nossa gente não foi esquecida.

Nas páginas 24 e 25 do livreto publicado pela Prefeitura Municipal de Tubarão, relacionado ao término do mandato do Dr. Irmoto Feuerschuette, estão registrados auxílios recebidos de outros órgãos.

Além de CR\$ 10.000.000,00 (dez milhões de cruzeiros), cedidos pelo Governo da União, destinados à recuperação da cidade, a administração ainda recebeu os seguintes auxílios:

- CR\$ 23.000,00 (vinte e três mil cruzeiros) da Comissão Estadual de Defesa Civil, para a construção de casas, face ao elevado número de desabrigados com as cheias que molestaram a cidade.
- CR\$ 100.000,00 (cem mil cruzeiros) da SERFHAU para a implantação do Cadastro.

- 624 (seiscentos e vinte e quatro) tubos de diversas bitolas do DNOS para reconstrução de esgotos pluviais.

Segundo o citado livreto, os auxílios do Governo do Estado, estavam assim discriminados:

- CR\$ 100.000,00 (cem mil cruzeiros) para a construção de calçamento no progressista bairro de Capivari.
- CR\$ 100.000,00 (cem mil cruzeiros) para aquisição de terreno para a implantação da Color S.A.
- CR\$ 100.000,00 (cem mil cruzeiros) para pagamento de pessoal.
- CR\$ 220.000,00 (duzentos e vinte mil cruzeiros) para reconstrução de estradas.
- CR\$ 387.000,00 (trezentos e oitenta e sete mil cruzeiros) para a reconstrução de pontes localizadas no município, danificadas com a catástrofe.

- CR\$ 218.000,00 (duzentos e dezoito mil cruzeiros) para a reconstrução da ponte pênsil no bairro de Oficinas.

- CR\$ 2.200.000,00 (dois milhões e mil cruzeiros) para a realização dos XVII Jógos Abertos do Estado de Santa Catarina. A realização do importante certame em nossa cidade veio como uma prova ao Estado de que Tubarão estava mais viável do que nunca.

As colaborações do Ministério da Educação e Cultura também foram registradas na publicação da P.M.T. Foram as seguintes:

- CR\$ 456.000,00 (quatrocentos e cinqüenta e seis mil cruzeiros) para a construção do Ginásio de Esportes "Francisco Salgado" - o "Salgado" - no bairro ferroviário de Oficinas. (DED/MEC)
- CR\$ 900.000,00 (novecentos mil cruzeiros) para a construção do Ginásio de Esportes de Capivari. (DED/MEC)
- CR\$ 80.000,00 (oitenta mil cruzeiros) para a construção da Escola Municipal de 1º Grau (1a. fase) do bairro Humaitá.
- CR\$ 5.000,00 (cinco mil cruzeiros) para a aquisição de cadernos.
- CR\$ 23.000,00 (vinte e três mil cruzeiros) para a construção de escolas.
- O Ministro do Interior movimentou-se também para ajudar o município de Tubarão. Assim está discriminada a ajuda daquele Ministério:
 - CR\$ 1.000.000,00 (um milhão de cruzeiros) para reequipamento.
 - CR\$ 70.000,00 (setenta mil cruzeiros) a fim de reequipar também.
- Agora virão os heróis anônimos. Intitulados de "Diversos" aqui estão órgãos e pessoas que, no anonimato, doaram de si em prol de Tubarão. Aos que contribuíram anonimamente, a nossa gratidão eterna.
- CR\$ 70.326,79 (setenta mil, trezentos e vinte e seis cruzeiros e setenta e nove centavos) para ajuda aos flagelados.
- CR\$ 60.000,00 (sessenta mil cruzeiros) para a reconstrução de Tubarão.

Segundo o mesmo livreto informativo da administração Dr. Irmoto Feuerschuette, o montante dos auxílios recebidos durante a gestão foi: CR\$ 16.319.326,79 (dezesseis milhões, trezentos e dezenove mil, trezentos e vinte e seis cruzeiros e

setenta e nove centavos), quantia superior à arrecadação tributária durante os quatro anos de trabalho daquele prefeito.

Tal quantia realmente é fabulosa, principalmente levando em conta a época em que foi arrecadada.

Os Dez Milhões Federais

Os dez milhões citados anteriormente, que foram cedidos pelo Governo para a recuperação de tudo o que foi afetado, foram aplicados através do Governo do Estado, pela Prefeitura Municipal, mediante prévio plano geral traçado pelo Governo da Federação.

Foi utilizada a concessão governamental da seguinte forma:

- CR\$ 2.730.000,00 (dois milhões, setecentos e trinta mil cruzeiros) - equipamentos.
- CR\$ 1.300.000,00 (um milhão, trezentos mil cruzeiros) - em redes de água pluviais.
- CR\$ 4.000.000,00 (quatro milhões de cruzeiros) em construção de residências.
- CR\$ 800.000,00 (oitocentos mil cruzeiros) - em construções de Núcleos Comunitários.
- CR\$ 630.000,00 (seiscentos e trinta mil cruzeiros) - em construção de escolas.
- CR\$ 540.000,00 (quinhentos e quarenta mil cruzeiros) - em reconstrução de escolas.

Convênios Relacionados com a Tragédia

Nos anos de 1974 e 75, a Prefeitura se empenhou em conseguir alguns convênios a fim de reconstruir a cidade.

No dia 13 de setembro do trágico ano de 1974, a P.M.T. assinou convênio com o D.E.R. - Departamento de Estradas de Rodagem do Estado - a fim de providenciar a reconstrução de vinte e duas pontes dentro do município.

A 16 de dezembro do mesmo ano, foi assinado outro convênio, com o mesmo Órgão estatal catarinense, desta feita com a finalidade de recuperar e providenciar melhorias nas estradas do sistema rodoviário municipal, seriamente atingidas pelas cheias violentas.

O primeiro foi da ordem de CR\$ 374.122,00 (trezentos e setenta e quatro mil, cento e vinte e dois cruzeiros) e o segundo de CR\$ 200.000,00 (duzentos mil cruzeiros).

Em 1975 outros convênios foram celebrados entre o Executivo de Tubarão e outros órgãos, a saber:

- Convênio entre a Prefeitura Municipal e o Departamento de Estradas de Rodagem do Estado no valor de CR\$ 279.010,00 (duzentos e setenta e nove mil e dez cruzeiros) para a reconstrução da ponte pênsil que fica em frente à Fundação Educacional do Sul de Santa Catarina-FESSC.
- Convênio firmado a 23 de maio entre a P.M.T. e o D.E.R./SC no valor de CR\$ 312.000,00 (trezentos e doze mil cruzeiros), com a finalidade de recuperar e melhorar estradas atingidas pela catástrofe entre:

- Seminário - Morrotes
- Guarda - Pedrinhas
- Guarda - São Ludgero.

Administrações Pós-Catástrofe:

Algo a Respeito

A administração municipal quando da tragédia tinha no seu comando o Prefeito Irmoto Feuer schuette e como Vice-Prefeito Paulo Osny May. Assumiu o poder eleito pelo povo em 1977 o Sr. Paulo Osny May, tendo como Vice o Sr. Angelo Zabot.

Em 1980 o Sr. Paulo Osny May, bem como todos os prefeitos eleitos em 1976, teve seu mandato prorrogado por mais dois anos, razão pela qual temos hoje na administração municipal - a edição desse livro é de 1981 - ainda o Dr. Paulo May.

Como homenagem especial do autor aos Chefes do Executivo que tiveram que comandar os destinos do município com os ossos da tragédia, citamos abaixo rápido resumo de suas atividades administrativas:

Governo Feuerschuette-May

Quando Irmoto Feuerschuette assumiu os destinos de Tubarão, não podia sequer imaginar o que teria pela frente. Já bastante acerca de seu trabalho foi citado por força da necessidade de envolver seu nome nos Convênios e auxílios recebidos devido às cheias de março de 74.

Através de convênios destacaram-se atividades do Prefeito Feuerschuette, além das relacionadas com a enchente, a iluminação do trevo de acesso da BR-101 à cidade, o desenvolvimento de programa de extensão rural, a instalação de unidades médicas, Serviço de Rádio Patrulha, de duas escolas, Corpo de Bombeiros etc.

Mais de 57 mil metros quadrados de paralelepípedos foram utilizados em pavimentações.

Foi pavimentada a avenida Marcolino Martins Cabral numa extensão de mais de 1 km.

Mais de sete quilômetros de esgotos pluviais foram reconstruídos.

Recuperou estradas o Prefeito e providenciou iluminação boa para as avenidas Patrício Lima e Marcolino Cabral.

Facilitou a implantação da ALUSUD, COLOR, INBRAL e INCEPISA, indústrias importantes de Tubarão e ainda auxiliou na ampliação de outras, incentivando assim o desenvolvimento industrial tubarense.

Claro que inúmeras outras realizações se registraram. Mas não é possível enumerar nesta obra. Ao ilustre ex-prefeito Irmoto Feuerschuette os parabéns por ter enfrentado tudo ao lado do povo.

Administração May-Zabot

Antes de vir para a Cidade Azul eu já havia carregado na mala de viagem a minha simpatia pela forma de administrar de Paulo Osny May.

Quando vim a Tubarão pela primeira vez, preocupei-me em ter algo da Assessoria de Turismo da Prefeitura, e consegui meu intento com uma pessoa amiga.

No folheto, o simpático lema administrativo: "TUBARÃO - Povo E GOVERNO TUDO AZUL".

E tudo parecia cativar-me por estas pessoas naquele frio julho de 1978.

- Um dia pretendo voltar - disse eu a um colega conterrâneo.

E realmente voltei. Como professor.

Na Administração Paulo May, louvo a três assessores em especial, tendo a plena certeza de que os demais são também pessoas agradáveis. Ao que parece, o Dr. Paulo May tem apurada sensibilidade na escolha dos que o assessoram.

Louvo o extraordinário chefe do Gabinete de Relações Públicas, Promoções e Imprensa, pela sua garra e desempenho na divulgação de Tubarão, da Administração e do povo. Trata-se de Gilberto Silva Louvo a profa. Zally Freccia pelo sorriso, pela simpatia, pelo incentivo a este jovem escritor, pelas palavras carinhosas que tem sempre para os que a procuram na Secretaria de Educação, Cultura e Esportes.

E louvo o meu colega da Escola Técnica de Comércio de Tubarão, professor Geraldo Roque, pelas palavras de ânimo e, muito mais importante, pelo seu desempenho magnífico conduzindo os destinos da Diretoria Administrativa da P.M.T.

Após tantas louvações à Assessoria do Chefe do Executivo tubarense, passemos a uma rápida retrospectiva acerca de seu trabalho desde que assumiu a Prefeitura Municipal, ora instalada no prédio do antigo escritório da Estrada de Ferro Dona Tereza Cristina, na avenida Marcolino Martins Cabral.

A grande virtude do atual prefeito, na minha opinião, é o senso paisagístico. A cidade está muito bonita e é um cartão de visitas realmente encantador.

Logo no início da gestão, ele criou a COUDETUR Companhia de Urbanização e Desenvolvimento de Tubarão, agilizando a execução de diversas obras, principalmente pavimentações.

A Avenida Marechal Deodoro é digníssimo cartão postal de Tubarão, graças ao seu calçamento de lajotas, arborização, construção de estacionamento amplo, jardins, iluminação, calçadas em "petit pavé" e pistas largas. Graças ao Empenho do Dr. Paulo May, justiça seja feita.

O toque mágico deste elogiável homem público se faz presente também na Praça Sete de Setembro, encantador ponto turístico da Cidade Azul. Está totalmente urbanizada a Praça Sete, conforme é chamada carinhosamente pela população. Várias atrações para a infância e adolescência foram ali inseridas também. Isto sem falar no estacionamento e no bar conhecido como "Quiosque".

As praças da Catedral e Matriz São José Operário também foram embelezadas, tornando-se agradáveis pontos de visita para o turista e de passeio para os habitantes.

Muito mais de vinte quilômetros de artérias já foram pavimentados até hoje pela P.M.T. desde que Paulo May assumiu. Mais de 60 km de rede de esgotos são realidade hoje.

Mais de cinqüenta pontes, pontilhões e bueiros foram edificados no território de Tubarão. Dez escolas foram construídas, quinze quadras, vinte e dois Conselhos Comunitários foram criados.

Em Oficinas a ponte sobre o rio Tubarão assume impulso final. Há muito ela é aguardada. Mas, sem dúvida, a mais discutida obra de Paulo Osny May é a implantação do novo cemitério, estilo "parque", na Ilhota, tendo em vista a superlotação do antigo campo santo.

Claro que não tínhamos pretensões de, neste curto espaço, demonstrar toda a obra do atual Chefe do Executivo. Simplesmente e sem nenhuma pretensão

de mídia, munimo-nos de livros e folhetos distribuídos pela Assessoria de Relações Públicas, Promógoes e Imprensa da P.M.T. e fizemos dentro de nossas limitações uma simples homenagem ao segundo mandatário depois da enchente.

Importante: abstengo-me de comentar a administração de Irmoto Feuerschuette e May. A homenagem eu fiz. O julgamento ao povo pertence.

Nossos Legisladores...

Fica aqui também a singela lembrança àquelas que fazem as leis do município, aos defensores legítimos dos interesses da população na época da catástrofe e hoje.

Por ocasião da hecatombe: César Damião (presidente), Edson P. Carvalho, Francisco Adolfo Silva, Mário Botega, Wendlam Silvestre, Norberto Brunatto, Roberto Willemann, José Antônio Rocha, Karl Heinz Butter, Leontino Nascimento, Olindo Marcon, Luiz Carlos Brunel Alves, Ciro Motta.

Gestão atual: as novidades são Luiz Martinho Correa, Walmor Zácaron, Lindomar Manoel de Souza, Álvaro Lopes, Antonílio Larroyd, Edgard Luis Fernandes, José Paulo Lapolla, Hermínio Silva e Dalmo Hercílio Soares.

Aos membros da Câmara Municipal de Tubarão, os cumprimentos deste autor.

Nossos Respeitos à Justiça

Não podia ficar para trás a nossa homenagem ao Poder Judiciário de Tubarão. Respeitosos cumprimentos ao Dr. Fernando Olavo S. Thiago, Juiz de Direito da 1a. Vara Civil; ao Dr. Alvaro E. Filho, Juiz de Direito da 2a. Vara Civil; ao Dr. Leonardo A. Nunes, Juiz de Direito da 3a. Vara Civil e ao Dr. José Geraldo Batista, Juiz de Direito da Vara Criminal.

Aqui fica a homenagem deste autor aos que lutam pela manutenção da Justiça.

Viva, Então, o Quarto Poder!

A imprensa é o quarto poder. Por esta razão, e acreditando na importância dos órgãos de divulgação, fica aqui a homenagem aos órgãos de imprensa de Tubarão, e outros com sucursal aqui. Jornais: Imprensa do Sul, Tribuna Sulina, e Jornal da Cidade.

Órgãos com sucursal: "O Estado" de Florianópolis; "Jornal de Santa Catarina" de Blumenau; "Correio do Sudeste" de Criciúma.

Edita um suplemento chamado "Folha de Tubarão", o órgão "Folha da Semana", de Orleans. E o "Cobertura", da capital, nos cobre com simpatia.

As emissoras radiofônicas tubaronenses são as seguintes:

- Rádio Tubá, que promoveu a Noite de Autógrafos desta 1a. edição de "Tubarão 74 - A Catástrofe".

- Rádio Tabajara

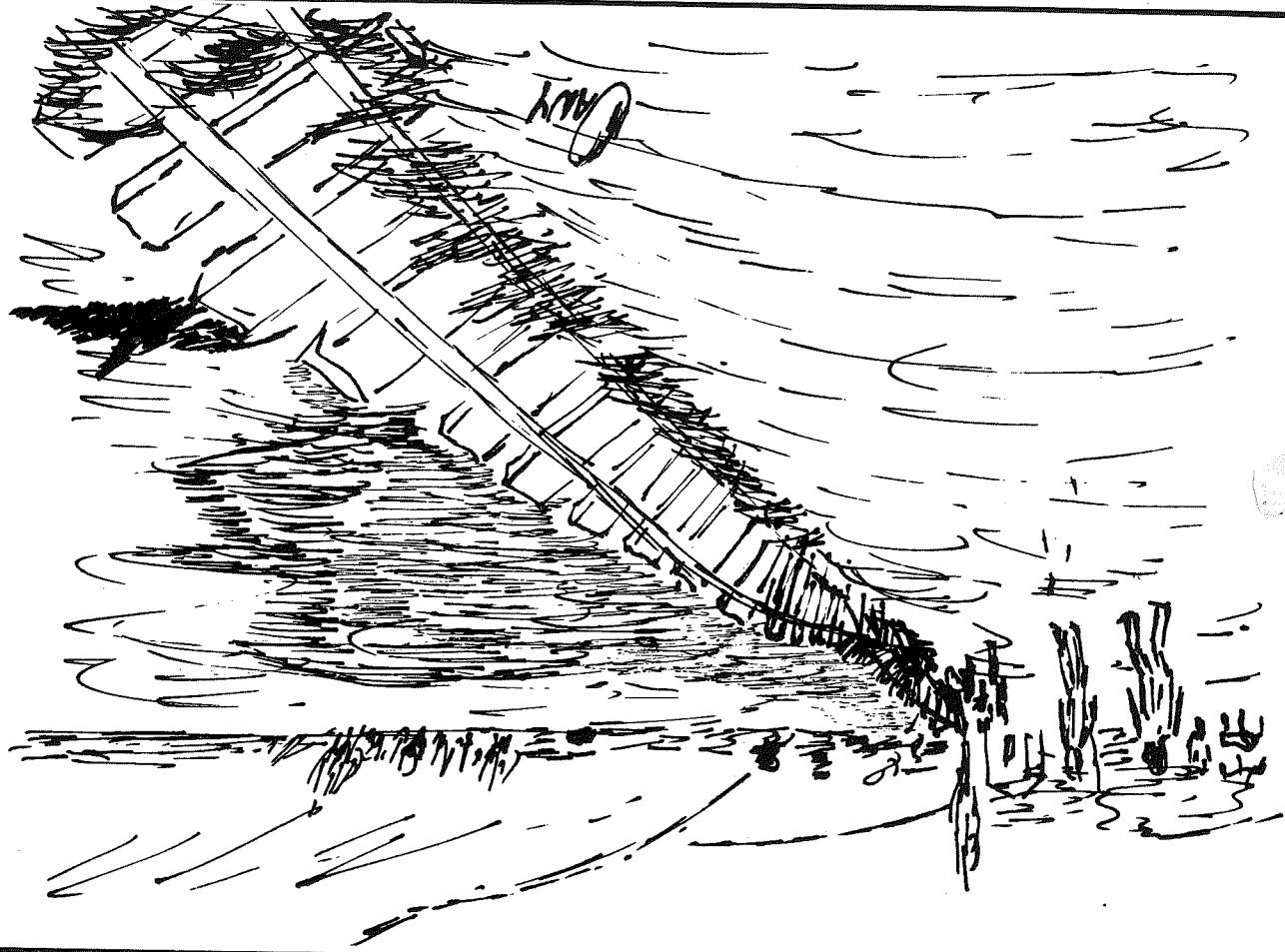
- Rádio Santa Catarina Honram-nos com suas ondas sonoras as seguintes emissoras regionais: Rádio Garibaldi e Rádio Difusora (Laguna); Rádio 26 de Abril (Imaruí); Rádio Difusora (Imbituba); Rádio Eldorado (Graciúma); Rádio Guarujá (Orleans); Rádio Cruz de Malta (Lauro Müller). A região se sente enriquecida também com a espetacular opção, no seletor, da TV Eldorado de Criciúma.

Ao chamado "Quarto Poder" a nossa homenagem, eximindo-nos da culpa de algum esquecimento, pelo qual pedimos sinceras escusas.

Lauro Müller: Alvo das Cheias

A vizinha cidade de Lauro Müller, localizada na serra, é delicioso recanto, digno de visitação.

O município é progressista, principalmente se levarmos em conta a mineração do carvão que também lá se faz presente.



Apesar de seu progresso, sua beleza e do seu povo tão acolhedor, Lauro Müller parece mais um réu castigado por um crime que não cometeu. Para seu povo, a década de 70 foi negra e inesquecível.

Logo em 1971 uma enchente deixou a cidade em estado de calamidade pública, matando várias pessoas e deixando muitos desabrigados. Esta é considerada como "primeira enchente".

Em 1974, as famosas cheias aconteceram, deixando a cidade de Lauro Müller desolada, pois foi atingida seriamente. A enchente novamente deixou Lauro Müller em estado de calamidade pública. Rafael Córdova, assessor da Prefeitura Municipal da cidade de Lauro Müller no tempo da catástrofe, discorreu sobre as causas da enchente.

O fenômeno ocorreu devido a fortes massas de chuva que se registravam em toda a região. Como decorrência do tempo chuvoso que era notado há mais de trinta dias, ocorreu que toda a vegetação e terra, principalmente nas encostas dos morros, deslocaram-se provocando deslizamentos. Diques foram sendo formados, assim, pela ação da própria natureza.

Quando a água atingiu a certa altura, estes diques naturais se romperam, vindo as avalanches. Terra e água, tudo que era trazido desceu, atingindo Lauro Müller e cidades ribeirinhas até Tubarão, onde a calamidade teve enormes proporções.

Segundo ele, as estatísticas oficiais confirmaram nas duas catástrofes lauromüllenses apenas oito óbitos.

A cidade ficou arrasada e se reergueu com a colaboração do povo e ajudas estaduais e federais. Inúmeras famílias perderam tudo e corajosamente voltaram a dias melhores graças a ajuda de familiares e amigos e sua própria determinação.

O comércio de Lauro Müller, quase totalmente localizado à beira-rio, foi muito atingido, impossibilitando ao povo a compra de gêneros de urgência.

Chocou a cidade a morte do Sr. Aquilino Locatelli estimulado comerciante da terra lauromüllerense - e de seu filho Dario, na ocasião com dezess-

sete anos, de temperamento muito alegre. Segundo informações populares, o comerciante e o filho foram tentar salvar um cofre de seu estabelecimento comercial, que continha considerável soma em dinheiro. Ao buscarem atravessar a ponte, de automóvel, as águas levaram a mesma e o carro, matando a ambos.

O triste fato consternou a sociedade lourilense.

Segundo informações do povo, determinada vacina vinha na correnteza, quando foi lacada por populares e puxada para fora do rio. A mesma já estava morta, mas foi possível retirar três litros de leite, que mataram a fome de três crianças. Estas estavam correndo o risco de morrer por inanição, devendo à escassez de alimentos do outro lado do rio. Houve comerciantes que possuíam prédios, restaurantes, lanchonetes, otimamente instalados no centro da cidade, que tudo perderam. Mas o tempo cura todos os males. Com a graça de Deus se recuperaram.

Um fato marcou a população de Lauro Müller. - O que é aquilo na correnteza do rio? Não é uma casa?

- Veja! Pessoas no seu interior gritando por socorro.

Era impossível ajudar. O que fazer? Todos se desesperavam ao observar a agonia daquela família. Sem nada poder fazer. A casa era levada e no seu interior, desesperados seres humanos.

Mas, de repente...

De repente a casa encostou no barranco. Que felicidade! Todos foram resgatados! Final feliz para a agonia a.

E chave de ouro para o encerramento da participação de Lauro Müller nesta obra.

Segundo informações populares, o cofre de seu estabelecimento comercial, que continha considerável soma em dinheiro. Ao buscarem atravessar a ponte, de automóvel, as águas levaram a mesma e o carro, matando a ambos.

O triste fato consternou a sociedade lourilense.

Segundo informações do povo, determinada vacina vinha na correnteza, quando foi lacada por populares e puxada para fora do rio. A mesma já estava morta, mas foi possível retirar três litros de leite, que mataram a fome de três crianças. Estas estavam correndo o risco de morrer por inanição, devendo à escassez de alimentos do outro lado do rio. Houve comerciantes que possuíam prédios, restaurantes, lanchonetes, otimamente instalados no centro da cidade, que tudo perderam. Mas o tempo cura todos os males. Com a graça de Deus se recuperaram.

Um fato marcou a população de Lauro Müller. - O que é aquilo na correnteza do rio? Não é uma casa?

- Veja! Pessoas no seu interior gritando por socorro.

Era impossível ajudar. O que fazer? Todos se desesperavam ao observar a agonia daquela família. Sem nada poder fazer. A casa era levada e no seu interior, desesperados seres humanos.

Mas, de repente...

De repente a casa encostou no barranco. Que felicidade! Todos foram resgatados! Final feliz para a agonia a.

E chave de ouro para o encerramento da participação de Lauro Müller nesta obra.

A Matriz, o Jardim... tudo convidativo ao sossego e à paz.

Aclyves e declives são a característica marcante da admirável "Terra das Colinas".

Particularmente tenho um carinho muito especial pela localidade de Laranjeiras, região da ponte, onde o rio é maravilhosamente belo. Pedrinhas e mais pedrinhas à margem, onde outrora estava a maior parte do leito do rio. Um verde ao redor que parece não ter mais fim. Simplesmente maravilhoso o lugar!

Ali, diz o povo, a enchente castigou bastante fazendo o nível do rio subir muitos metros além do normal.

Em Orleans as regiões mais castigadas foram as baixas, sendo que a opção foi escapar para as zonas mais altas.

Em Pindotiba, o primeiro objeto visto pela população foi um carrinho de bebê, sendo arrastado pela correnteza.

O volume d'água não parava de aumentar, ocasionando a perda de madeira para construção de uma ponte e derrubando também pilares da mesma. Um fato interessante: certo rapaz teimava em atravessar a ponte de arame. E a água já estava quase carregando a mesma.

- Não atravessa, seu maluco! - gritavam as pessoas, em reprovacão à perigosa atitude do moço. - Eu tenho que atravessar! A ponte não foi levada até agora, não será em um minuto... - Queres morrer, não é, teimoso?

- Quem sabe da minha vida sou eu! E tentou atravessar.

Foi Deus quem o acidiu. Assim que ele colou, são e salvo, os pés na outra margem, a ponte foi violentamente arrebatada.

O rio mostrava o mais pitoresco desfile de bois, mesas, televisores, oriundos das cidades de Lauro Müller, Orleans e outras. Até mesmo uma fécula foi carregada, ficando no local somente algumas engrenagens. Partes da conhecida "ponte de ferro" foram levadas e outras ficaram atravessadas no rio.

Aguaceiro na Terra das Colinas

Visitar Orleans é um sossego para o espírito. Como é linda e hospitaleira!

Três semináristas vieram de Tubarão a pé. Na hora de atravessar o rio a nado, os familiares gritavam desesperadamente do outro lado que não, a correnteza era fortíssima, não seria possível. Teimaram e um deles só não morreu porque o irmão foi ajudá-lo no meio do rio. Toda a região sofreu com os prejuízos na lavra de fumo, feijão e arroz. Todo o município de Orleans foi prejudicado com as cheias daquele inesquecível março.

Armazém: Muitas Barreiras na Área Rural

Armazém é graciosa cidade de nossa região. Ela nem sempre teve este nome. Antigamente chama-se Alto Capivari e pertencia ao território do município de Tubarão.

Em Armazém várias residências e casas comerçais foram atingidas pelas águas, apesar de não haver sido divulgada nenhuma vítima fatal. Por nove dias ficou interditada a estrada geral, segundo informações daquela cidade.

Uma família passou uma semana comendo apenas milho verde. Água potável? Só nos sonhos tristes madrugadas!

Na área rural inúmeras barreiras caíram. Um delas sobre determinada casa. No interior da mesma... por sorte não havia ninguém.

Durante cerca de uma semana, nada de banho e roupa nova. A água era totalmente barrenta.

Felizmente Armazém não foi das mais atingidas. E, por fim, helicópteros pousaram trazendo mantimentos e tranquílizantes à população. Vacinas garantiram também o sossego da população quanto às doenças.

Que praça linda! Que povo acolhedor! Nunca mais esqueci Braço do Norte! E foram apenas duas horas!

Os braçanortenses devem lembrar-se bem da nossa visita, pois o salão ao lado da igreja ficou repleto. Foi num domingo, nos últimos dias de julho de 1978.

A acolhedora Braço do Norte sofreu muito com as cheias de 1974.

Como nas outras cidades, há muita lembrança tristes dos tempos da enchente.

Dá conta o povo de que um rapaz morreu ato-lado no lodo, ao tentar salvar a mãe. Afundou, afundou, até que não mais apareceu.

Na tristeza de um agricultor fica representada toda a angústia da querida Braço do Norte, bastante sacrificada pelas cheias:

- Perdi meu gatinho, minha plantação... tudo na enchente... ah, meu milho, tão bonitinho, per-to da colheita!

Hoje, Braço do Norte voltou ao normal, para nossa satisfação.

Mortos nas Redondezas

De acordo com o jornal Correio do Povo, de 14.09.74, p. 11, foram os seguintes os mortos oficialmente registrados nas cidades vizinhas de Tubarão, por ocasião da catástrofe:

São Ludgero: Nelzio Manoel Amphioloquio.

Braço do Norte: Martinho Valdmiro de Souza.

Gravatal: Florentina dos Reis Pereira e Valéria dos Reis Pereira.

Armazém: Catarina Joana Vieira, Zelino Antônio da Rosa, Zilma Vieira da Rosa, Antônio Vieira da Rosa, Célio Vieira da Rosa, Marci Vieira da Rosa, Eloi Vieira da Rosa e Joana Vieira da Rosa.

Criciúma: Glênio Inácio Velho e Jaime Manoel Santana.

Urussanga: Benvenuto Piovezan, Valmor Burin.

Braço do Norte: Tristeza do Agricultor
Conheci Braço do Norte na ocasião em que acompanhei ao sul a banda da Fundação Educacional de Volta Redonda. Todos nós fomos muito bem recebidos pela paróquia.

Treze de Maio: Oranio Filomeno de Medeiros, Clésio Formentim de Medeiros, José Mário Formentim de Medeiros, Amilton F. de Medeiros, Dilnei Formentim de Medeiros, Maria das Graças de Medeiros, Elioir de Medeiros, Olívio de Medeiros, Pedro de Medeiros, Rosânia de Medeiros, Rogério de Medeiros, Neudi de Medeiros, Cleusa de Medeiros e Walmor João Coelho.

Praia Grande: Idebrando José Alves, Ana G. Alves, Zéferino Ildebrando Alves, Maria Ormido de Souza, Francisco de Souza, Dalila Pereira Gonçalves, Marlene Gonçalves, Soeli Ventura Gonçalves, Paulo Sérgio Gonçalves, Seloy Rosalina dos S. Gonçalves e Ely Rosalina dos Santos.

São João do Sul: Maria de Lourdes Aguiar, Luiz Carlos Aguiar, José Ronaldo Aguiar, Maria L. de Matos, Roque Lumertz de Matos, Maria L. Feliciano, Jeane Lumertz de Matos e Solina dos Reis.

O povo acredita que o número de mortos teria sido maior, mas estes são os mortos divulgados pelo competente órgão de imprensa gaúcho.

Os Mortos na Cidade Azul

Acerca do número de mortos na enchente de 1974, várias afirmações foram registradas na época. Falou-se em trezentos, quinhentos, mil e até cinco mil mortos. Na verdade não é fácil precisar o número de vítimas. Porém, de acordo com a mesma edição do "Correio do Povo" eram conhecidos até setembro de 1974, vinte e seis pessoas falecidas no decorrer das cheias sul-catarinenses, cujos corpos foram identificados. Na ocasião da publicação da reportagem vinte e seis pessoas não haviam sido identificadas e nove continuavam desaparecidas. Mas, note-se bem, isto era oficialmente.

Os dados oficiais constam do relatório oficial do Governo do Estado, preparado pela Coordenadoria Estadual de Defesa Civil, mediante informações recolhidas junto a cartórios, Comissões Municipais de Defesa Civil e Delegacia de Polícia até 31 de julho de 1974.

Segundo o mesmo relatório, há possibilidade de haver outras pessoas mortas e desaparecidas não registradas nos órgãos competentes.

Até então eram os seguintes os mortos registrados: Ofilia Espíndola Damian, João Batista Barcelos Rosa, Maria Antonia da Silva, José S. Corrêa, Marli Souza de Oliveira, Orlandoina de Melo, Bonifácio Anastácio Rodrigues, Dotina G. Constantina, Saturnina Rogério Tonon, Theodoro Tonon, Maria de Lourdes Tonon, Antonio Carlos Velho, Edmundo Ries, Silvio Schneider, Ruben Camilo de Bittencourt, Cecília Cândida Mathilde, Valdir Vargas, Antonio Luiz C. Kuerten, Francisco Maiate da Silva, João Jovêncio Castro, José de Jesus, Antonio J. Oliveira, Francelino de Souza Oliveira, Maria dos S. Oliveira, Serafim de Oliveira, Diomar dos Santos Oliveira, Terezinha Aparecida de Oliveira, Nelzi da Silva Oliveira, Marlize Silva Oliveira, Maria E. Silva Oliveira, Manoel Figueiredo, Arlindo de Oliveira, José de Oliveira, Maria de Oliveira, Carolina de Oliveira, Pedro Figueiredo, Serafim J. de Oliveira, Odete de Santos Oliveira, Maria de F. de Oliveira, Antonio de Oliveira, Tereza Aparecida de Oliveira, Rosa de Oliveira, José Passos de Oliveira, Pedro de Oliveira, e Rosimeri Espíndola Damián.

Se mais houve, não nos foi possível apresentar.

Tubarão, "O Teu Futuro Será Feliz"

Quem observa Tubarão nem sequer imagina o que aqui aconteceu. O progresso chegou, olhou e... ficou. Graças a Deus!

O futuro de Tubarão é pródigo. Como disse Búrigo de Carvalho, "o teu futuro será feliz".

O futuro de Tubarão é pródigo. Como disse com muita felicidade no Hino do Município, Walkíria Búrigo de Carvalho, "o teu futuro será feliz". O povo, com muito sacrifício, reconstruiu a preciosa jóia do sul catarinense. As indústrias começam a se fazer cada vez presentes em maior número. Raiou o sol do progresso no horizonte azul de Tubarão.

Prédios novos surgem no centro da Cidade Azul. Empresas de outras paragens instalaram aqui, confiantes, as suas filiais.

Nosso povo novamente vive numa atmosfera de alegria. E a Tubarão reconstruída. E a Tubarão vis-lumbre de belo e majestoso futuro. É a cidade do povo forte e trabalhador, a terra acolhedora da qual nenhum forasteiro se esquece. E a linda Cidade Azul do portentoso rio Tubarão, novamente sossegado em seu leito.

Tubarão, tu és a esperança de dias melhores. Tu, além de linda, és pródiga das bênçãos de Deus. Tu és a querida "estrela do sul" a que se refere Walkiria Búrigo de Carvalho no teu Hino.

Tu és a nossa querida, a nossa amada Cidade Azul. Aceita esta obra, do fundo do coração, como um presente daquele que tu aceitaste entre teus filhos.

Tubarão (SC), 1º de novembro de 1981.

R. Albeira

Conhecendo a Cidade Azul

Linda!

Eis a nossa exclamação ao observar nossa Tubarão da ponte Nereu Ramos, no centro da cidade. A imponência e beleza do rio Tubarão nos enchem os olhos com lágrimas de emoção!

Es Linda, Cidade Azul!

Tubarão possui diversos bairros. Todos encantadores. Aqui, a lavoura diz presente. Ali é a vez da indústria. Mais adiante observa-se um núcleo populacional.

Nos topônimos, uma diversificação de denominações interessantes: Centro, Oficinas, Margem Esquerda, Morrotes, Humaitá, Vila Moema, Monte Castelo, Vila Sônia, Passagem, Comasa, Campestre, Passo do Gado, Congonhas, Morrinhos, Mato Alto, Madre, Capivari, Sertão da Estiva, São Bernardo, São Martinho, Caruru, Jararacas, Sombrio, Bom Pastor, Rio do Pousado, Rio do Guarda, Rio do Pouso, Sertão João, Km 63, Km 60, Guarda, Rio das hípoteses.

A primeira dá conta de que o nome provém do guarani, "tubanhá", que significa "semblante bravo". A tradição diz que existiu um chefe indígena

dos Mendes, Sertão dos Medeiros, Sertão dos Correias, Linha Mesquita, Micuim, Sanga do Lageado, Alto Pederinhas, Areado, Boa Vista. São bairros e povoados da nossa querida Tubarão. O leitor cujo lugar tiver sido esquecido nos perdoe a traição da memória.

O povoamento da área onde está localizado nosso atual município teve início quando da fundação da Colônia de Santo Antônio dos Anjos de Laguna. Durante longo tempo foi Tubarão apenas um prolongamento da referida Colônia.

O povo, seguindo o curso natural do rio que empresta o nome à cidade, deu início ao povoamento da mesma. A época é possivelmente o ano de 1721. Inicialmente os pioneiros estabeleceram-se na região da Madre. Então criaram novos núcleos populacionais que se localizaram na zona de Passo do Gado, Congonhas e Morrinhos (onde a história acreditaria ter nascido Anita Garibaldi, a "Heroína dos Dois Mundos"), área na época pertencente a Laguna e atualmente a Tubarão), chegando finalmente à atual Tubarão propriamente dita.

Em 1816, João Teixeira Nunes, estabelecido em Laguna, adquiriu a sesmaria da senhora Ana Joaquina. Diz a tradição que por motivos políticos e familiares, resolveu mudar-se para suas terras, a atual Tubarão.

Desta feita, é João Teixeira Nunes aceito como o fundador da cidade.

Em 1829 doou oficialmente à Nossa Senhora da Piedade uma área de terra com oitenta braças em quadro. No entanto, a data por todos aceita como data Fundação da cidade é 7 de maio de 1836, quando foi criada a Freguesia de Nossa Senhora da Piedade de Tubarão. A Lei Provincial tinha o número 32.

O Município de Tubarão foi criado com território desmembrado de Laguna a 7 de junho de 1871. Neste dia se comemora, portanto, o aniversário do Município.

Para a origem do nome Tubarão, há duas hipóteses. A primeira dá conta de que o nome provém do guarani, "tubanhá", que significa "semblante bravo". A tradição diz que existiu um chefe indígena

regional denominado "tubanharon". Há também uma versão já bastante difundida, que promulga ter um tubarão subido o rio que banha a cidade em época remota.

O município de Tubarão tem 353 km² e situa-se na zona fisiográfica de Laguna. Está a nove metros de altitude, tendo agradabilíssimo clima. Seus principais rios são o Tubarão e o Capivari.

Limita-se ao norte com Gravatal; ao sul com Jaguaruna e Treze de Maio; a oeste com Pedras Grandes e São Ludgero e a leste com Laguna.

Tubarão dista 135 km de Florianópolis e 330 de Porto Alegre-RS. Da capital federal dista 1855 km. Tubarão é conhecida no Brasil inteiro pelas estações termais da Guarda e do Rio do Pouso, localizadas no município e freqüentadas anualmente por milhares de turistas.

O povo de Tubarão é tido em todo o Brasil como hospitaleiro, por sempre receber com alegria e amor os visitantes. É tido também como povo corajoso e amante da terra, por ter resistido bravamente à famosa catástrofe de 1974 e reconstruído a cidade.

De rara beleza é também a Catedral Diocesana, com modernas e encantadoras linhas arquitônicas. Os vitrais e trabalhos em madeira fazem da Catedral local obrigatório de visita. O onde está localizada, denominado "da Piçarra", de leve e fácil acesso e bem no centro da Cidade Azul, é tido como o mais histórico local de Tubarão.

Há vários monumentos de visitação obrigatória, dentre os quais o marco a João Teixeira Nunes, na Praça Rio Branco, o marco ao Padre Bernardo Freuser no jardim do Hospital Nossa Senhora da Conceição, (infelizmente o único hospital da cidade), obelisco do Centenário da instalação do Município, na Praça Nereu Ramos, e a herma do Dr. Hercílio Luz, fundador da Escola Básica do mesmo nome.

Por último, pois este autor considera de suma importância para a visitação do turista, destaca-se o marco a Anita Garibaldi, localizado no povoado de Morrinhos do Tubarão, não muito distante do centro da cidade. Ali a tradição aponta como o local de nascimento da Heroína dos Dois Mundos.

Quando do nascimento de Anita, aquelas terras pertenciam à Laguna, razão pela qual é aquela cidade considerada, com muito mérito pois era Comarca "Terra de Anita", de então. No marco existe um cão muito antigo, do iate "Seival", Capitania da Armada de José Garibaldi na Revolução Farroupilha. Não deixe de conhecer!

Ainda em Tubarão localiza-se o bairro industrial de Capivari, onde se encontra a Usina Termoelétrica Jorge Lacerda da ELETROSUL. O carvão ali é utilizado como gerador de energia, aproveitando o potencial da região.

Em Capivari está também o Lavador de Capivari, subsidiária da Companhia Siderúrgica Nacional e futuramente será instalada uma unidade da SIDERSUL. Capivari, por certo, prosseguirá a marcha de industrialização que lhe é peculiar e engrandece Tubarão.

No agradável e simpático bairro de Oficinas ficam localizadas aquelas que justificam o nome do mesmo: as oficinas da Estrada de Ferro Dona Tereza Cristina. A classe ferroviária é grande af.

Tubarão fica também bem próxima das lindísimas praias de Jaguaruna e Laguna. Quem

visitar uma praia do sul do estado deve visitar a Cidade Azul.

Inúmeros incentivos são oferecidos, segundo o Gabinete de Relações Públicas, Promoção e Imprensa da Municipalidade, para os empresários interessados em investir na carinhosa e próspera Tubarão.

Enfim, é costume dizer que quem toma água do rio Tubarão se não fica, volta sempre que possível. No caso particular deste amigo, voltamos para ficar.

TUBARÃO 97

Segundo o jornalista José Freitas Júnior, um artigo publicado no órgão "A IMPRENSA" de 23 de novembro de 1949, narra a maior das enchentes do rio Tubarão até aquela data. Havia acontecido nos dias 23, 24 e 25 de setembro de 1897.

Interessantes passagens narra o articulista no seu trabalho, publicado nas páginas 131, 132 e 133 do livro "Conheça Tubarão". Entre elas, citamos as seguintes:

O palacete em construção do Coronel Cabral (ex-sede da Prefeitura Municipal) caiu por terra, devido às fortes chuvas, ficando só os alicerces.

Na Passagem, o comerciante Zelindro Alves dos Reis perdeu três contos de réis, pois as águas carregaram seu estabelecimento.

Com a queda de barreiras, o telégrafo entre Laguna e Tubarão ficou interditado.

Outra enchente de menores proporções foi registrada em 1880. Na ocasião, o Governo Estadual mandou um auxílio de dez contos de réis.

Enchentes não constituem novidade em Tibarão. Que o Governo se empenhe mais e mais para evitar outra tragédia. Que Deus tenha pena de Tibarão, não permitindo outra hecatombe.

Que tu, rio Tibarão, fique aí no teu leito! bem quietinho, emprestando beleza e imponência à Cidade Azul.

AOS FERROVIÁRIOS

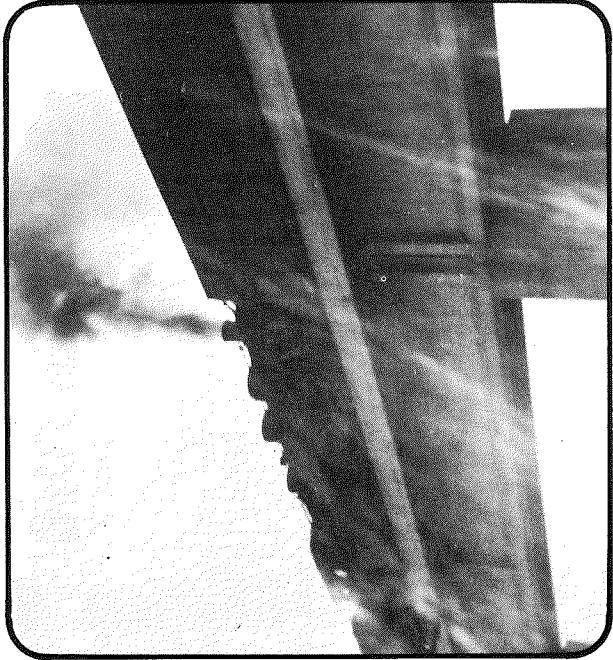


Foto: Cátia R. Luiz

Batalhador és tu, meu amigo ferroviário. Tu que no calor da caldeira e no barulho das oficinas constróis o progresso da nossa gente.

Tu que fazes a "maria-fumaça" soluçar seu apito, cortando o dia e noite sul-catarinense. Abençoado sejas tu, ferroviário barriga-verde! Teu nome é aliado à luta e ao desenvolvimento. Com teu sangue escreves nas páginas da História que nosso chão é valoroso, é progressista. Cada gota de suor é um sorriso do filho que criaste com amor.

Grande és, querreiro do progresso! Eu te saúdo com amor, ferroviário da Tereza Cristina!

Tubarão (SC), 28 de novembro de 1981.

Dudu Mazzoni

TUBARÃO 74

a catástrofe

Cuidado, gente!
Todo cuidado será pouco!
Anda entre nós um moço de muita coragem, que
está lançando um trabalho que somente os valentes
de verdade costumam realizar!

E que, nos dias que passam, a nossa gente
esqueceu a beleza de um livro e o fascínio de um
trabalho mental!
A nossa juventude abandonou a leitura!
No caso presente, Pedro Albeirice, o escri-
tor, trouxe para Tubarão um tema que estava tardan-
do, ou seja, a difícil e quase impossível missão
de reunir os dados de um diferente trabalho, que
movimenta as impressões que nos ficaram dos terri-
veis instantes da tragédia tubaronense de março de
1974.

Difícil hoje escrever um trabalho, mas, mais
difícil porém será conseguir o leitor para o mesmo!
Mas, Tubarão está pagando nos dias que cor-
rem uma dívida, mesmo que o escritor tenha passado
a pertencer, a partir de hoje, à modesta relação
dos escritores tubaronenses e tenha tido um tra-
balho de custosa recomposição!

Em todo o caso, meu caro Pedro Albeirice, dé
um pulo a sua Volta Redonda e traga de lá, para o
seu livro, duas coisas para o mesmo muito importan-
te!

Uma lasca de ferro temperado e uns compassos
de sua Banda Musical tão afinada que é.
Vocé terá a tenacidade e a poesia simbólicas para o seu
esforço presente!

Com estes ingredientes a vitória do seu tra-
balho, meu caro Pedro Albeirice, será brilhante e
garantida!

Walter Zumblick

MEUS ALUNOS

Conforme prometido, eis a relação dos primeiros alunos da minha vida,
da Escola Técnica de Comércio de Tubarão, do Colégio Normal Senador
Francisco B. Gallotti e do Colégio Padre, de Criciúma:

ESCOLA TÉCNICA DE COMÉRCIO DE TUBARÃO

Aleir Medeiros, Alexandre Medeiros, Andréia Cristina Linheira, Antônio
Martins, Carmem Andreatta Linheira, Cláir Simão, Doraide Santos, Edson Souza,
Geraldo Machado, Gislaine Silva, Herta Silveira, Ilson Oliveira, Jacyandré
Holthausen, Jefferson Claudino, João Batista Bittencourt, Julia Stela Nunes,
Eugenio Correia, Klaus Silvestre, Laércio C. Carvalho Junior, Lúcia Cardoso,
Luiz Machado, Luiz Plusflaer, Marcia M. Silva, Marcio Motta, Marcos Carginin,
Marta R. Dias, Maria Helena Rosa, Maria Lucia Pravato, Norton Motta, Oscar
Max Beche, Roni Silva, Sandra Mendes, Pedro Henrique Junior, Eder Martins,
Cacilda Cunha, Roselaine Silveira, Alessandro Gomes, Aria Antunes, Antonia
Garcia, Arno Schmidt, Carlos Freitas, Célia Vargas, Dinair Lima, Edmêa
Nunes, Edson Nascimento, Everaldo Barbosa, Fábio Medeiros, Fátima Brunato,
Gláucia Callegari, Irau Souza, Jackson Souza, João Rosa, Jucelito Fernandes,
Kety Clarin, Lucélia Linhares, Luiz Antunes, Marcelo Gonçalves, Marcia Silva,
Marco Antonio e Silva, Maria Angela Lessa, Maria Fátima Maurício, Rodnei
Barreiros, Rosclene Margottti, Rute Aguilar, Sandra Silva Carvalho, Suzana
Albino, Suzana Teixeira, Tiberio Tamai, Gerusa Alves, José Ribeiro, Adriana
Rosa, Andréa Jung, Carlos Roberto Antunes, Edna Caetano, Edson Caetano,
Eraldo Silvano, Guiherme Freire, Idalene Pereira, Jaci Estevam, Jane da
Silva, Janete Cardoso, Jucilda Caetano, Kátia Silveira, Lúdgero Tonon,
Lourdes Venzon, Márcia Dozol, Marcos Domo, Maria Gonçalves, Anselmo, Maria
Regina Gasparat, Martimho Silva, Neusa Medeiros, Pedro P. Fernandes, Prudêncio
Porto, Roberto Capotral, Rosálba Rosa, Sandra Aguiar, Selma Bressan, Símon
Farias, Sonia Cardoso, Walmer Orige, Yara Bengler, Evandro Fretta, Graciela
Aguilar, Adriana Souza, Cacilda Bratt, Claudia Menezes, Cristiano
Rinaldi, Edson Nunes, Elísio Nunes, Fernando Name, Hamilton Cardoso, Inês
Santos, Jadina Damiani, Jairo Gomes, Jane Viana, José Cartadore, José P. Silva,
Julio Menegaz, Laércio Pavaniare, Luiz C. Lucio, Marcia Nogaretti, Mário
Tonelli, Maria Aparecida Teodoro, Maria Raquel Antunes, Manoélia Rufino,
Nivaldo Nunes, Pedro Ivo Luz, Pedro R. Souza, Roberta Mendas, Roberto
Rodrigues, Rosinete Bernardo, Sandra Esmeraldino, Sibeli Zanetta, Simone
Piva, Ucinei Machado, Walter Matos, Adriana Caporal Amador, Adriana de
Medeiros, Albertina de Medeiros, Célia Machado, Charles Lisboa, Cláudia
Arent, Cristiane Menezes, Edna Salgado, Eloy Sant'Helena, Gilda Maghetti,
Teda Piva, Jadiua Jurklauss, João Oliveira, Jorge Elias, Kátia Cachorrinha,
Luisa Molon, Marcelo Martins, Maria S. Campos, Manoélia Souza, Manoélia
Willemann, Míriam Simón, Paulo Amaral, Rita de Cássia Oliveira, Rosângela C.
Maria, Rosângela Larroyde, Roseliá Viana, Rosineide de Bem, Símon Zaretta,
Sonia Nunes, Cláudia Tomaz Mendas, Arnoldo Larroyd, Adriana Silvano, Adriana
Tonon, Andre Cascaes, Cesar Vargas, Claudemar Fernandes, Cláudio Nunes,
Denise Martins, Eliane Zapelline, Eulálio de Oliveira, Ielva Folgacá, Janete
Folchini, João G. Neto, Kátia Bratt, Líene Cassimiro, Magda Felisberto,
Marciano Souza, Maria Luiza Mendes, Maria Salomé Rodrigues, Marilú da Silva,
Miryam Nunes, Osvaldino Barcecos, Regina Ricardo, Roberto Marcos, Robervaldo
Santos, Rosângela Gomes, Rosânia Domingos, Rose Mara Tonon, Rosineze Duarte,
Sonia Braga de Bem, Sonia Luciano, Walter Matias, Zorai de Paes, Ana Maria B.
Rodrigues, Clarice Nardi, Daina Ribeiro, Ellege Campos, Gisela Fogaca, Gisele
Medeiros, Harry Larroyd, Izolete Folchini, Jane Gonçalves, José Vitor e

Silva, Juarez Cardoso, Katia Silva, Kátia Costa, Mara Gonçalves, Maria Goréte Oliveira, Mariane Marcelino, Maurício May, Nelson Souza, Ricardo Woltuscky, Rodrigo Simon, Rosangela Viana, Rosangela Damiani, Rosani Antunes, Rosâcléia Viana, Rosiméri Avaiç, Rosinete Larroyd, Solivam Bonetti, Sonia Teodoro, Stella Maris Faust, Susana Genoves, Tania Campos, Tânia Menegaz, Tânia Nunes, Vereinha Moraes, Solange Medeiros, Marcia Cavalcanti, Antonio Brasil, Almir Sampayo, Angélo Fernandes, Cátila R. Luiz, Denis Guissi, Edilene Oliveira, Eliete Laurentino, Everaldo Nunes, Everaldo Machado, Geane da Silva, Izotello Baschiroto, Jacó Passarella, Jair de Souza, João Amorim, Joel Emeirak, Laécio Nunes, Lazaro Silva, Lourival Orige, Luiz V. Mattos, Márcio Martins (I), Margarete Rosa, Maria Valéria Silva, Márcio Goulart, Mellânia Baschiroto, Paulo Pereira, Pedro L. Santos, Reinaldo Medeiros, Ronaldo de Picci, Rosaria Soares, Rosimeri Orlando, Sandro Sílvia, Tarcísio Coutinho, Terezinha Orofre, Vilmar Tristão, Walneide Stupp, Werinton Cavalcanti, Joacir Cardoso, Edmar Silva, Rosimeri Peters, Ana Farías Antonio Condeiro, Délcio Medeiros, Dicomar Nunes, Elcio Bressan, Elysey T. Neto, Ewaldo Pereira Pereira, Gelson Oliveira, Humberto Límaco, Jackson Boing, Jefferson Demo, João L. Silva, José Larroyd, Júlio C. Barbosa, Lauri Caporal Junior, Leila Mârcia dos Santos, Luiz Fernandes, Márcio S. Motta, Márcio Martins (II), Paulo Maria Salete Souza, Marilene Antunes, Márcio Maccario, Moisés Medeiros, Paulo J. Júnior, Pedro Paulo Veche, Rita de Cássia Silva, Roberto Santos, Ronaldo Silva, Rosangela Pereira, Sandra Guimarães, Sonia Luiz, Telcio Catorina, Vilmar Rodrigues, Wanderlei G. Souza, Júdelia Jung, Joelson Cardoso, Maria Apapecida Trindade, Cleusa Inácio, Elige Antunes, Ara Rosalia Antônio, Ataliba Nunes, Dilmara Schlichting, Diáceu Avila, Edson Antônio, Egídio Goulart, Elizabeth Leandro, Eurízón O. Jr., Francisco Loch, Gilberto Luiz Alves, Jaira Gomes, Tairton Mendonça, Jesualdo Konig, José Carlos Alves, Juarez Corrêa, Kelma Backs, Lenir Santos, Lindaney Medeiros, Manoel Fortunato, Márcio Faria, Marcos Corrêa, Maria Rabelco Massiero, Marta Corrêa, Pedro Mendes, Renato Rodrigues, Ricardo Rodrigues, Robson Caporal, Roni Campos, Sérgio Nogaretti, Valdir C. Oliveira, Nádia Freitas, Lucineia Cardoso, Rogério Medeiros, Enio Spindola, Ronald Oliveira, Ademir Santos, Antonio C. Silva, Bernadete Souza, Cléomir Goulart, Denise Gonçalves, Duciêne Back, Edilson da Silva, Edson Machado, Eduardo Hille, Elianeete Medeiros, Francisco Severino, Francisco Martins, Gilberto Goulart, Itamar Bernardo, Jair Nelson Darella, Janete Goulart, João Serafim, Lusana Rosa, Marcíel Felisberto, Mário Lemos, Mário Cassetari, Neide Mafla, Nyce Vargas, Pedro Fuchter Filho, Ricardo Cachoeira, Roberto Lúcio, România Schlichting, Ronaldo Bittencourt, Rosita Garcia, Sandia Flôr, Sirléi Paes, Wanderlei Silva, Ricardo Martins Ricardo, José dos Passos Silva, Tony R. Silva.

CENTRO EDUCACIONAL PADRÃO LTDA. - CRICIUMA - SC

Alcides Rosa, Adilton Borges, Alberto Ferreira, Antonio C. Junior, Antônio Ladetto, Antônio Silvano, Carlos Maier, Celso Rosa, Claudcir Eduardo, Claudinei Fernandes, Djalma Schaukoski, Elizete Bittencourt, Edio Manoel, Fernando Fernandes, Gina Castilho, Henrique Condolli, Humberto Nucemberg, Isaura Santos, Ivonete Marcelino, Jairbas Freitas, João Ferreira, Jocíman Cardoso, José Colle, José P. Silva, Lucia Aguiar, Lurdes Carminatti, Luiz Ribeiro, Maria Terenzinha Pieri, Manjene Mello, Manu Regina Serafim, Mário Feltzin, Marco Lemos, Mario Cassetari, Neide Mafla, Nelci Mafla, Nyce Gomes, Nazareno Clezar, Nivaldo Fernandes, Paulina Spirelle, Rosângela Naspolini, Roseli Silvano, Ronaldi Santos, Selma Silveira, Sílvia Althoof, Sando Costa, Sérgio Bilekissimo, Sérgio Felizardo, Vera Lucia Fernandes, Vilmar Rodrigues, Vilmar Rosa, Wolnei Minotte, Zaudair Silva, Alcir Souza, Antonio Possidônio, Bárbara Santos, Carlos Batista, Carlos Sampaio, Claudini

Que todos os meus alunos tenham um brilhante futuro!

Prof. Pedro Albiricice

COLÉGIO GALLOTTI - TUBARÃO - SC

Nazarino, Delva Estevan, Domínio Romancini, Dulcemar Sílvia, Edmara Vilaça, Edmilson Morelano, Edson Lino, Edson Lima, Giacomo Burigo, Gilberto Dias, Hélio Dondotte, Jocelita Vieira, João Amaral, José Ilson Sarter, José Sôrgio Bosa, Maria Fátima Martins, Marcia Berucki, Marileia Machado, Marlene Medeiros, Mariza Serafim, Márcio Floriano, Mayra Gonçalves, Nanci Santos, Natal Corrêa, Nicolau Ferreira, Raquel Damázio, Renato Junkes, Robson Cardoso, Ronaldi Silvano, Rosane Joaquim, Rosângela Stork, Rosilda Silvana, Rozélia Tonquato, Sandro Smânia, Sandro Schmidt, Serafim Albano, Sirléi Gomes, Simone Gonçalves, Valério Buss, Wolnei Conconi, Zélia Zanette, Dejair Cesar, Valberio Pereira, Alveri Michel, José Carlos Vitti, Almir Miranda, Valdemar Dallanhol, Lurdes Darolt, José Valmor Assis, Marcos Valente, Ilda Freitas, Cleusa Souza, Norberto Pasci, Célia Colonete, Chelsea Farias, Agenor Crotti, Marcos Pinolla, Suzanna Mezzagi, Maria Albertina Ortolan, Joacir Caçagrande, Arlete Cristiano, Helder Azambuja, Gilmair Hoepers, Jorge de Lucas, Otávio Tramontim, Adair Dagostim, Valmer Gaidzinski, Maria Tereza Conceição, Vallecir Zelli, Hélio Nava, Edson Burigo, Marilésia de Lucca, Valmir do Nas cimento, Sandra Milarez, Norvania Magagnin, Ivonete Dorigon, Ida Dal-Bô, Volnei Menegalli, Ivonete Godói, Walmir Backi, Pedro Pavez, Manoel Silva, Liana Magagnin, Lucília Magagnin, Galena Canuto, Santa Frasson, Liege Rodrigues, Marilize Argente, Merinei Santos, Maria Leci Amorim, Francisco Scandellí, Rosaura Talamini, Denise Lanzoyde, Zuleide Just, Gilberto Alves, Francisco Carvalho, Arildo Zanellatto, Janice Bonfante, Antonio Funlanetto Netto, Adair Alamini, Valdo Miranda, Agilmar Uiana, Italo de Luca, Sérgio Kestering, Laénio Baldessar, Elias Martins, Suzete Bolan, Lúcia Cardoso, Luiz Corvalho, Claudia Anacleto, Joavilé Mendes, Lucio Fabre, Edna Benedito, José Zanatta, Evaldo Lima, Carlos E. Gomes, Sandra Ávila, Giovani Funlanetto, Tara Ávila, Arnaldo Canelier, Margarete Fernandes, Ricarda Feltrin, Valéria de Oliveira, Zelinda Santor, Zálide Basquiatto, Alcir Meis e Manoel Menegalli.

Que todos os meus alunos tenham um brilhante futuro!

Prof. Pedro Albiricice

Próximos Lançamentos Tubaronenses

- *Esse Meu Tubarão* - Walter Zumblick
3a. Edição
- *Sonhos e Círandas* - Margarida Espindola



Simples, humilde idealista. Eis o retrato fiel de Pedro Albeirice, professor radicado no Sul de Santa Catarina, disposto a oferecer todo o seu talento e trabalho ao povo que o trouxe de braços abertos. Possui Pedro Albeirice quatro anos de experiência no jornalismo, tendo passado pelos jornais "A Voz da Cidade", "O Líder", "Integração", "Sul do Estado", todos da região siderúrgica do Rio de Janeiro, cidades de Volta Redonda e Belford Roxo. Sempre se mostrou excelente redator e apresentador cronista, tendo demonstrado este seu lado apenas algumas vezes no semanário "Imprensa Sul" de Tubarão.

Tem também três publicações literárias: "O futuro", Crônicas Escollhidas, Vida de professor e Carvão, esta última baseada na vida dos mineiros da região de Criciúma. Eis a coragem e determinação de um escritor, que aguarda sua crítica pela Caixa Póstal, 485 - Tubarão - Santa Catarina.